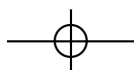
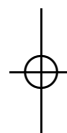


Сергей Довлатов



Publicado com o apoio do  
Instituto de Tradução (Rússia)



ИНСТИТУТ ПЕРЕВОДА

AD VERBUM

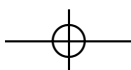
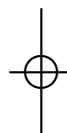
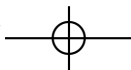
Serguei Dovlátov

# O compromisso

Tradução do russo e posfácio  
Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan



KaLiNka





**O compromisso**

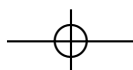
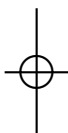
p. 09

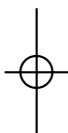
**Posfácio**

p. 224

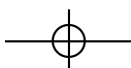
**Colaboradores**

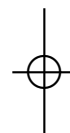
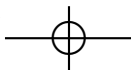
p. 246



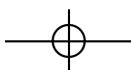


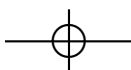
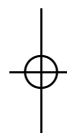
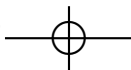
Os nomes russos foram transliterados conforme padrão adotado pela USP. Os nomes de origem estoniana seguem grafia original do país. As notas de rodapé são das tradutoras, exceto algumas do autor, nesse caso assinaladas.





*A N. S. Dowlátova,  
por todos os tormentos!*







... E eu fiquei sem trabalho. Ponderei: talvez dê para aprender o ofício de alfaiate? Reparei que os alfaiates estão sempre de bom humor...

Topei com Lóguinov, o da televisão.

— Olá. Como tem passado?

— Pois é, estou à procura de trabalho.

— Tem uma vaga. O jornal *Em defesa da pátria*.<sup>1</sup> Tome nota do sobrenome: Kachírin.

— O careca?

— Kachírin é um jornalista calejado. Um homem de temperamento macio...

— A bosta também é macia — disse eu.

— Então você o conhece?

— Não.

— Mas se está dizendo... Tome nota.

Eu anotei.

— Deveria se vestir decentemente. A minha mulher diz que se você se vestisse decentemente...

A propósito, a mulher dele me telefonou uma vez... *Stop!* Aqui se abre um tópico amplo e perturbador. Que nos levaria para longe...

— Quando eu ganhar decentemente, irei me vestir assim. Comprarei uma cartola...

Eu juntei meus recortes de jornal. Selecionei os melhores artigos. Não gostei de Kachírin. Rosto inexpressivo, humor do exército. Ele me deu uma olhada e disse:

— O senhor, evidentemente, não é membro do partido?

Consenti com a cabeça, o ar culpado. Com uma espécie de ingenuidade idiota, ele acrescentou:

1. *Em Defesa da Pátria (Na straje ródiny)*, jornal voltado para questões militares e nacionalistas fundado em São Petersburgo em 1918.

— Umas vinte pessoas tinham pretensões à vaga. Conversaram um bocado comigo... e não apareceram mais. O senhor, queira ao menos deixar o telefone.

Soletrei o número da tinturaria que por acaso me veio à memória.

Em casa desdobrei meus recortes de jornal. Reli uma coisa ou outra. Perdi-me em pensamentos...

Folhas amareladas. Dez anos de mentiras e de fingimento. Mesmo assim, certas pessoas estão lá, os papos, os sentimentos, a realidade... Não propriamente nas folhas, mas ali, no horizonte...

Da realidade ao real o caminho é árduo.

Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio. Mas se pode, através da água, divisar o fundo coberto por vidros de conservas. E, por trás dos cenários pomposos do teatro, ver a parede de tijolos, as cordas, o extintor de incêndio e os operários embriagados. Quem ao menos uma vez na vida esteve numa coxia sabe disso...

Comecemos com uma mísera nota de jornal.

## Primeiro compromisso

(*Estônia Soviética*.<sup>2</sup> Novembro de 1973.)

CONFERÊNCIA CIENTÍFICA. Acadêmicos de oito estados chegaram a Tállin para a 7ª Conferência de Estudos da Escandinávia e da Finlândia. São especialistas da URSS, Polônia, Hungria, RDA, Finlândia, Suécia, Dinamarca e RFA. A conferência foi dividida em seis seções. Mais de 130 cientistas — historiadores, arqueólogos e linguistas — apresentam relatórios e comunicações. O evento dura até dia 16 de novembro.

A conferência realizou-se no Instituto Politécnico. Passei por lá, bati um papo. Em cinco minutos, a nota estava pronta. Deixei-a na secretaria. Apareceu o editor, Turónok, um adulator meloso como marzipã. Um canalha do tipo comedido. Dessa vez, estava excitado:

— O senhor cometeu um erro ideológico grosseiro.

— ?

— O senhor listou os países...

— Por acaso não pode?

— Pode e deve. O problema é como o senhor os listou. Em que ordem. Primeiro aparecem a Hungria, RDA e Dinamarca e depois a Polônia, URSS e RFA...

— Claro, por ordem alfabética.<sup>3</sup>

— Mas a abordagem aqui não leva em conta a luta de classes — pôs-se a gemer Turónok —, existe uma ordem de ferro. Os países democráticos — na frente! Depois, os estados neutros. E, finalmente, os participantes do bloco...

— Okay — disse eu.

2. *Estônia Soviética* (*Soviétskaia Estónia*), diário estoniano publicado em russo entre 1940 e 1996.

3. Foi mantida a ordem do alfabeto russo.

Reescrevi a nota, deixei-a na secretaria. Na manhã seguinte, Turónok se aproximou às pressas:

— O senhor está caçoando de mim! Faz de propósito?!

— Qual é o problema?

— O senhor confundiu os países de democracia popular. Colocou a RDA depois da Hungria. De novo por ordem alfabética?! Esqueça essa palavra oportunista! O senhor é funcionário de um jornal do partido. A Hungria em terceiro lugar! Lá houve um golpe.

— E com a Alemanha houve uma guerra.

— Não discuta! A troco de que está discutindo?! Essa é outra Alemanha, outra! Não compreendo, quem pode ter confiado no senhor? Miopia política! Infantilismo moral! Vamos apurar essa questão...

Pela nota me deram dois rublos. E eu que pensei que dariam três...

## Segundo compromisso

(*Estônia Soviética*. Junho de 1974.)

*ÊMULOS DO VENTO (Hipódromo de Tállin: 50 anos). Jóqueis conhecidos, ídolos do público, são, em primeiro lugar, zootecnistas escolados que aprimoram uma linhagem de maneira obstinada e paciente, desenvolvem em seus “pupilos” sinais hereditários de valor. Além disso, são atletas de alta qualificação que uma vez a cada semana prestam contas de seus méritos ao exigente auditório de Tállin. Ao longo de cinquenta anos conquistaram não poucos prêmios e títulos, e em 1969 o mestre-cavaleiro Anton Dukálski, pelo garanhão Tálnik, ganhou o Grande Prêmio de Toda a União. Entre as estrelas do turfe talliniano destacam-se ginetes tarimbados: L. Jürgens, E. Ilves, Kh. Nõmmiste. Esperanças são depositadas no jovem A. Ivanóv.*

*Para marcar o jubileu do hipódromo, uma festa hípica ocorre no dia 1º de agosto.*

O hipódromo de Tállin é um espetáculo bastante deplorável. Um campo meio sujo, tribunas tortas. A terra coberta por pedaços de pules descartados. Uma multidão alvoroçada e ruidosa circula do bar até a balaustrada.

O hipódromo é o único lugar onde se vende vinho do Porto barato em copo.

No caixa se encontram bilhetes de dois tipos: expressos e duplas. Pedindo um expresso, você deve acertar a ordem de chegada dos líderes do páreo. Com uma dupla, só é preciso adivinhar os dois competidores mais fortes, não importa em que ordem. Por um pule de dupla, portanto, o rateio é menor. Também pagam uma merreca pelos favoritos. O hipódromo

inteiro aposta neles, todos os novatos. Uma bela bolada dão pelos cavalos ruins que por acaso terminam na frente. É fácil adivinhar quem é o franco favorito. O duro é prever o inesperado: um tiro ligeiro de um rocinante tihoso. Por uma boa soma, os ginetes de classe detêm os favoritos. O dom de ficar para trás é também uma arte. É até mais difícil puxar do que vencer. Os matungos é que ficam na frente. Os ganhos às vezes somam cento e cinquenta rublos. Só que é pouco provável que bons ginetes queiram negociar com você. Eles têm uma clientela sólida. O mais simples é entender-se com um jóquei de terceira categoria. Ele é proibido de apostar nas corridas. Age por meio de testas de ferro. Ele pega o programa do dia seguinte e o marca para você. Assinala as três montarias mais fortes de cada páreo. E, seguindo suas indicações, você compra uma parte dos bilhetes para ele também.

Decidi escrever uma nota comemorativa sobre o hipódromo. Conversei com o diretor, A. Melder. Ele chamou Tólia<sup>4</sup> Ivanóv.

— Aqui está um jovem talento — disse ele.

Ivanóv e eu nos dirigimos até o bar. Eu disse:

— Tenho um dinheirinho extra, uns oitenta rublos. O que o senhor me aconselha?

— Em que sentido?

— Tenho em vista as corridas.

Ivanóv lançou-me um olhar cauteloso.

— Não tenha medo — disse eu —, não sou um provocador, embora seja jornalista.

— Eu não tenho medo.

— Então qual é o problema?

Finalmente ele abriu o jogo:

4. Tólia, diminutivo de Anatóli.

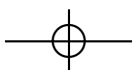
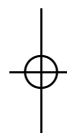
— Dúkel (ou seja, Dukálski) aposta com a ajuda dos letões de fora. É pura barbada. Levam páreos inteiros, abocanham tudo. Isso já no fim, com apostas consideráveis. Mas as primeiras três provas dá para conseguir.

Saquei o programa do dia seguinte. Tólia sacou o lápis...

Após o terceiro páreo recebi sessenta rublos. Depois, sistematicamente, tiramos de trinta a oitenta. Pena que as corridas ocorriam somente uma vez por semana.

No verão, Tólia quebrou uma perna e duas clavículas. Os cavalos não tiveram nada com isso. Ele caiu, bêbado, de um táxi.

Com o hipódromo estava tudo acabado. Faz alguns anos que o “êmulo do vento” trabalha como *barman* do *Mündi*.





### Terceiro compromisso

(*Juventude da Estônia*.<sup>5</sup> Agosto de 1974.)

*EU ME SINTO EM CASA* (*Visitantes de Tállin*). Alla Melechko tem um rosto extraordinariamente encantador. Claro que isso não é o mais importante na vida. Mesmo assim, mesmo assim... Talvez seja justamente isso que explique a invariável simpatia que demonstram por essa mocinha risonha e um tanto desajeitada...

Alla não é uma daquelas artistas famosas em turnê. Não é membro de um simpósio científico eminente. Recordes esportivos também não são sua especialidade.

O que trouxe Alla a nossa cidade foi... a curiosidade. Sim, sim, precisamente a curiosidade, um sentimento inquieto que impele uma pessoa a abandonar de repente o aconchego de uma cidade. Eu chamaria isso de emoção da estrada, a sedução do horizonte, a constante inconstância do andari-lho...

“O movimento está na inconstância!” — escreveu Czerny,<sup>6</sup> famoso teórico de música...

Decidimos fazer algumas perguntas a Alla:

— O que pode dizer de Tállin?

— É uma cidade incrível, acolhedora e sóbria.

Fico impressionada com o contraste harmonioso entre o antigo e o moderno. Em seu silêncio e em sua tranquilidade se sente uma força ativa...

— O que a trouxe aqui?

5. *Juventude da Estônia* (*Molodioj Estónii*), jornal estoniano publicado em russo de 1950 a 2009.

6. Carl Czerny (1791–1857), compositor e professor de piano nascido em Viena. Foi aluno de Salieri e Beethoven.

— *Ouvi falar dos designers e dos pintores locais. Além do mais, gosto do mar...*

— *Está viajando sozinha?*

— *Meus companheiros de viagem inabaláveis são uma câmera fotográfica e um volume de Aleksandr Blok.<sup>7</sup>*

— *Que lugares já visitou?*

— *Estive em Toompea<sup>8</sup> e em Kadriorg,<sup>9</sup> onde me vi cercada por esquilos tão mansos, ingênuos e comoventes.*

— *Quais os próximos planos?*

— *O verão vai acabar. As aulas do meu estúdio de coreografia vão recommençar. De novo, um esforço obstinado, um trabalho intenso... Mas, por enquanto, aqui eu me sinto em casa!*

Nesta novela não há anjos nem vilões... Não há culpados nem inocentes. E na vida eles também não existem. Faz alguns anos que reparo nisso...

Um editor me disse:

— Todas as suas personagens são canalhas. Quando um herói é um canalha, você deve, com a lógica da narrativa, conduzi-lo a uma derrocada moral. Ou a um castigo. Mas em seus textos os canalhas parecem algo natural, como a chuva ou a neve...

— Onde estão os canalhas aqui? — perguntei. — Quem é canalha, por exemplo?

O editor me olhava como a um homem que se encontra em má companhia e se esforça por defender seus companheiros...

7. Aleksandr Blok (1880–1921), poeta expoente do simbolismo russo.

8. Toompea (Cidade Alta), bairro histórico de Tállin.

9. Kadriorg (Vale de Catarina), palácio barroco construído por ordem de Pedro, o Grande, em Tállin, em homenagem à Catarina I. No parque do palácio, encontra-se o Museu KUMU, de arte contemporânea.

Há tempos não divido as pessoas entre positivas e negativas. Muito menos as personagens literárias. Além disso, não tenho certeza que na vida o crime é inevitavelmente seguido de arrependimento ou a proeza de deleite. Nós somos o que sentimos ser. Nosso caráter, nossos méritos e vícios são induzidos ao mundo por um delicado toque de vida... “Tu, natureza, és minha deusa!”<sup>10</sup> Etc. Pois bem...

Nessa novela não há anjos nem vilões, nem poderia haver. Um dos heróis sou eu mesmo. Além disso, temos Micha Chablínski, com suas expressões sintomáticas, como “apercepção espontânea”, “dualismo imanente”... Aparece ainda Mítia<sup>11</sup> Kliónski, que também é fácil de reconhecer. Sua paixão por prendedores de gravata anodizados e por piteiras grossas de âmbar falsificado lhe trouxe fama.

O que nos aproximava? Como é mais apropriado dizer, talvez uma leve aversão pelo lado oficial do trabalho no jornal. Certo cinismo saudável que ajuda a fugir das palavras solenes.

Dos trinta e dois funcionários efetivos de nosso escritório, vinte e oito chamavam a si mesmos de “pena de ouro da república”. Nós três, em função da originalidade, de “pena de prata”. Dima Cher, que em uma publicação escreveu: “O rim artificial é um fenômeno rotineiro de nossa rotina”, tinha reputação de “pena de carvalho”.

Em duas palavras, éramos camaradas. Chablínski trabalhava na seção de indústria e suas matérias não suscitavam debates. Nelas sobressaíam cifras destinadas a um leitor particular. Kliónski cuidava da seção de esportes, assinava uma coluna diária. Suas notícias precisas e eficazes eram desprovidas de emoções. Eu escrevia crônicas satíricas. Ainda em abril o editor havia me dito: “Se escrever crônicas satíricas, vamos lhe conceder um apartamento”.

10. Fala de Edmundo em *Rei Lear*, de William Shakespeare.

11. Mítia é diminutivo de Dmítri e Micha (acima) de Mikhail.

Uma tarefa dura. É preciso verificar meticulosamente cada fato. O objeto da crítica se esquivava para se defender. A cidade é pequena, todos estão à mostra. Em suma, tentaram me espancar duas vezes. Uma vez (com sucesso) foram os carregadores da estação de mercadorias da ferrovia. Depois, foi o especulador Tchiguir, que me golpeou com seu chapéu Borsalino e na hora levou um nocaute.

Meus artigos recebiam uma infinidade de respostas. Às vezes, em tom de ameaça. Isso até me alegrava. O ódio significa que o jornal ainda é capaz de despertar paixões.

Cada um de nós se ocupava dos próprios afazeres. E não ganhávamos mal. Chablínski trazia de suas viagens de trabalho peixe curado, ovos de pata e até porquinhos vivos. Kliónski escrevia monografias em nome de um veterano do esporte que ele apelidou de “meu bom fazendeiro”. Em resumo, trabalhávamos de maneira escrupulosa e honesta...

E o que mais? Nada de especial. Mítia Kliónski recebeu a visita de uma amiga de Dvinsk. Nem sei com que intenções ela veio. Há certas moças, não é que sejam depravadas ou indecentes, mas, como seria mais apropriado dizer, insensatas. Sua vida é um contínuo ir e vir. Por trás de tanto agito mal se percebe o que há no íntimo. Por exemplo, com um esforço monstruoso, à custa de inúmeros sacrifícios, as moças arranjam um par de botas importadas. É inimaginável o tempo e a energia que são gastos nisso. Em seguida, o desfile das botas importadas. Um sem-número de companhias, boates ou simplesmente uma caminhada do centro comercial até a Câmara Municipal, passando por vitrines reluzentes. Algumas vezes você vislumbra essas botas ao lado de sua cama: as solas maciças, os canos dobrados. E não é que seja uma indecência censurável. São apenas moças desimpedidas. Tomam um trago e outro, os ônibus não circulam mais, não conseguem um táxi. E o dono do apartamento é uma graça. Tem três ícones em casa, um autó-

grafo de Magomáiev,<sup>12</sup> gravuras, Cole Porter... De noite as moças dançam e de dia trabalham. E até que trabalham razoavelmente. E fazem visitas a casas de homens interessantes. Como de jornalistas, por exemplo.

Mítia passou por nossa seção. Ele estava acompanhado pela moça.

— Espere aqui — ele lhe disse —, meu chefe está de mau humor. Serj,<sup>13</sup> tudo bem se ela ficar aqui?

Respondi:

— Tudo bem.

A moça se acomodou perto da janela, sacou o pó de arroz. Mítia saiu. Eu segui trabalhando sem especial afinco. O texto que eu escrevia se chamava “VMK sem retoques”. Que diabo é VMK me fugiu completamente da memória...

— Qual é o seu nome?

— Alla Melechko. É verdade que todo jornalista sonha escrever um romance?

— Não — eu menti.

A moça coloriu os lábios e começou a revirar-se na cadeira. Eu perguntei:

— Onde estuda?

Então foi ela quem começou a mentir. Uma escola de arte dramática qualquer, uma espécie de pantomima, e um diretor iugoslavo a convidou para participar de uma filmagem. O nome dele é Iochko Gáti. Mas o tal *Intersin* não transfere o dinheiro de fora.

12. Muslim Magomáiev (1942–2008), cantor popular soviético de origem azerbaidjana.

13. Serj, diminutivo de Serguei.

Como a mentira foi enobrecida nos últimos duzentos anos! Antes elas diziam que tinham um noivo, um criador milionário de cavalos. E agora falam de diretores iugoslavos. Em outros tempos, orgulhavam-se de seus cavalos trotadores, e agora... do chinelo de bombazina da Polônia. Khlestakóv<sup>14</sup> era amigo de Púchkin, e meu conhecido Guénytch voltou de Moscou abatido e mudo: tinha visto o Oljás Suleiménov<sup>15</sup> no Tsum.<sup>16</sup> Até pessoas da *intelligentsia* mentem dizendo que recebem um salário decente. Eu mesmo sempre acrescento pelo menos vinte rublos, embora eu realmente não ganhe nada mal... Enfim...

Ela desembestou a mentir. Em semelhantes casos, eu fico calado: que lorote à vontade. Uma mentira desinteressada não é fingimento, é poesia. Por alguma razão tenho certeza que ela nem se chamava Alla...

Depois Kliónksi deu o ar da graça.

— Pronto — disse ele —, trezentas linhas na pasta do encarregado. Agora se pode relaxar.

Em um piscar de olhos arrematei meu artigo. Escrevi algo do tipo: "... Por que os ativistas da oficina permaneceram calados? Para onde olhava a Corte dos Camaradas?<sup>17</sup> Há tempos se sabe que a ganância, somada à impunidade, termina em crime!...".

14. Khlestakóv, personagem principal de *O inspetor geral* (1836), peça de Nikolai Gógol (1809–1852).

15. Oljás Suleiménov, nascido em 1936, é poeta, escritor e ativista político do Cazaquistão.

16. Tsum (acrônimo de *Tsentrálnyi Universálnyi Magazin*), um dos maiores e mais caros *shoppings* de Moscou. De estilo gótico, é situado na esquina da Praça do Teatro.

17. Corte dos Camaradas (*Továrischeskii sud*), justiça coletiva da União Soviética que podia existir em fábricas, institutos, cooperativas, etc. Os membros da corte, eleitos bienalmente, julgavam pequenas ofensas contra o estado e poderiam encaminhar o caso para a justiça comum. A corte deixou de existir em 1997.

— Bem, vamos logo com isso — disse Kliónski —, quanto é possível esperar?!

Entreguei o texto e telefonamos para Chablínski. Ele reagiu ao apelo com sinceridade:

— Rosa está na época de exames. Capital: oito rublos. Amanhã é minha quarta-feira de folga. Como se diz, uma coisa leva à outra...

Nós nos encontramos na escada perto do elevador. Jbankóv se aproximou e bateu um *flash*, tirando uma foto de Alla sem dizer palavra, e escafedeu.

— Quais os planos? — perguntei.

— Vamos dar uma ligada para Verka.<sup>18</sup>

Vera Khlópina trabalhava no birô de datilografia, embora pudesse facilmente ser revisora ou até editora-assistente. Nervosa, competente e talentosa, ela prejudicava a si mesma com sua franqueza ousada e histérica. Os chefes do jornal se reuniam com prazer no apartamento de Vera. Casa de solteiro, dois recintos, as amigas, a música... Após literalmente duas doses, Khlópina se tornava perigosa. Se algo não a agradava, não media as palavras. Lembro que ela gritou para Veisblat, subeditor do jornal juvenil:

— Escutem essa! É tão corneteiro como Armstrong! Nem para mecânico de carros vão aceitá-lo!

As mulheres também comiam o pão que o diabo amassou com ela. Por todos os motivos: por saber sublimar seus pecados, pela roupa importada, pelos maridos ricos e indolentes.

Vera simpatizava com nós três. E com razão. Não éramos carreiristas, não comprávamos carros, não nos vangloriávamos. E gostávamos de Vera. Embora não passássemos de amigos. Sempre corada, cheinha e um tanto desengonçada, ela era pudica ao extremo.

18. Verka, diminutivo de Vera.

Não é que Khlópina fosse um bom copo. Simplesmente gostava de organizar recepções de amigos, de se agitar, correr atrás de um bom *Riesling*, preparar os tira-gostos. Ela nos dizia:

— Agora mesmo vou telefonar para a Liudka<sup>19</sup> do armário. É um chuchu! Cintura de vespa! Uns olhões verdes!...

Ela gritava para Liudka ao telefone:

— Deixe tudo para depois, chame um carro e corra até aqui! Estou esperando! O quê? Escritores, jornalistas, uma fartura de vodca, um bolo...

Finalmente, chegava Liudka, realmente alta, esbelta, os olhos enormes... seguida pelo marido, um capitão do Ministério para Assuntos Internos...

Vera fazia tudo isso com total desprendimento. Era apenas solitária.

Então nós fomos até a casa dela. Compramos gim e água tônica. E o resto necessário. Devo dizer que estudei essas festas. Eu sabia de antemão o que se passaria. Elas se desenrolavam de maneira idêntica, sem exceção. Havia uma ordem em que tudo sempre se conduzia. Uma espécie de concerto com todos os números incluídos no programa.

Chablínski contará sobre alguma caçada fantástica organizada pelo Comitê Municipal do partido. Constarão galinhas do tamanho de águias, uma pequena isbá com uma sauna finlandesa no meio do bosque, conhaque de Erevã... Então eu irei interrompê-lo com minha piada favorita:

— E por entre as árvores corriam instrutores do Comitê Regional metidos em peles de urso...

— Você está com inveja — dará uma risadinha Chablínski, sem maldade —, falei para você ir também...

19. Liudka, diminutivo de Liudmila.



Em seguida, Kliónski mencionará algo sobre o hipódromo. E soarão os nomes pavorosos de cavalos: Aníbal, Cantiga Feliz, Rock'n'Roll. “Dúkel o ultrapassa numa virada, o favorito falha no trote em quatro momentos, tenho seis expressos no bolso, e na reta final o outro vai a galope e é desqualificado!...”

Depois a anfitriã irá se embriagar e dizer o que pensa de cada um de nós. Estamos habituados e não nos ofendemos mais. Kliónski levará uma por sua gravata cafona. Eu por minha lealdade aos chefes. Chablínski pelo esnobismo. Verifica-se que ela examina todas as nossas correspondências com rigor e parcialidade. Então se iniciará o eterno falatório de jornalistas sobre quem é medíocre e quem é genial, virão os discos de antes da guerra, as lágrimas, a vodca comprada por milagre, e, por fim, o “você é meu amigo?”. Aliás, daria uma bela coluna na seção de humor.

De modo geral, foi assim que tudo se deu. Colocamos uns espetinhos de salsichas para assar. Vera se embriagou e deu de beijar um retrato de Dobroliúbov:<sup>20</sup> “Não se fazem mais homens assim!...”. Chablínski contou qualquer vulgaridade sobre Dobroliúbov, eu o refutei com indolência. Alla inventou algo que chegava a comover de tão inverossímil, dizia que Audrey Hepburn tinha lhe enviado um xampu para colorir os cabelos...

Depois ela se retirou com o Mítia para a cozinha. Kliónski possuía um método admirável para influenciar mulheres. O método consistia em passar horas a fio papeando com elas. E em não falar de si próprio, mas delas. E não importava o que dizia a elas: “A senhora tem uma tendência a confiar nas pessoas, mas dentro de certos limites...”. O método funcionava perfeitamente tanto com as moças das escolas profissionais quanto com as correspondentes cínicas da televisão.

20. Nikolai Dobroliúbov (1836–1861), escritor e publicista democrata revolucionário.

Chablínski e eu logo ficamos entediados na companhia um do outro. Ele foi embora sem se despedir. Vera já tinha pegado no sono. Telefonei para Marina e também me mandei.

À Alla eu disse apenas uma frase: “Que tal sairmos de mansinho?”. Digo essa frase a todo mundo. (A mulheres, naturalmente.) Bem, a quase todo mundo. Por via das dúvidas. A frase é evidente e ao mesmo tempo inofensiva.

— Fico sem jeito — disse Alla —, é que vim visitar o Mítia...

Na manhã seguinte havia muitos afazeres na redação. Eu preparava uma coluna sobre o Comitê de Controle do Povo<sup>21</sup> e curava a ressaca com água mineral. Chablínski decifrava as gravações que tinha feito numa conferência de pedagogos. Kliónski apareceu, sombrio e abatido. Ele se expressou de um modo abstrato e misterioso: “Isso é pura ficção, assim como toda a nossa vida”. Na hora do almoço, tocou o telefone:

— É a Alla. Por acaso não viram o Mítia?

— Ah, bom dia — disse eu. — Como se sente?

— Hemoglobina: 20.

— Não entendi.

— Que pergunta esquisita: “Como se sente?”... Péssima, é óbvio...

Fui atrás de Kliónski e me disseram que ele estava viajando. No povoado de Kungla uma mãe heroica havia parido o décimo primeiro filho. Passei a informação para Alla. Ela disse:

— Que filho da mãe, ele nem avisou...

Houve um silêncio. Não gostei. O que tenho eu com isso? E preciso entregar a matéria. O título está um horror: “Balada de um aritmômetro perdido”... E o Mítia fez bonito, ele se mandou e não avisou a garota. Fiquei um tanto sem jeito.

21. O Comitê de Controle do Povo foi instituído em 1965 e era formado por operários e membros das cooperativas de camponeses (*kolkhozes*).

— Que tal um café da manhã comigo?

— Não seria nada mal um café da manhã. Meu humor está esquisito.

Marquei um encontro com ela. Depois espalhei papéis pela mesa. Criei uma fachada de trabalho...

Era um dia de maio fresco e encoberto. Toldos de lona estalavam sobre as vitrines do café. Alla chegou com um enorme sombreiro de calicô. Era evidente que ela se orgulhava dele. Angustiado, lancei o olhar ao redor. Só faltava que alguma amiga de Marina me flagrasse com esse sombreiro. As abas do chapéu esbarravam nos canos para escoar água do telhado. No café, revelou-se que ele se dobrava jeitosamente. Nós comemos croquetes e bebericamos chá com docinhos. Ela se portava como se eu lhe devesse algo. Perguntei:

— Deve estar de férias?

— Sim. *Férias em Roma*.<sup>22</sup>

— É verdade, uma princesa no meio dos jornalistas. E como sua mãe a deixou vir para cá?

— E qual é o problema?

— Uma cidade desconhecida, tentações...

— Duas mães se encontram. Uma diz: “Como deixou a sua filhinha partir?”, e a outra: “Para que esquentar a cabeça? Desde os nove anos, a polícia anda na cola dela...”

Eu ri, por cortesia. Chamei o garçom. Pagamos a conta e saímos. Eu disse:

— Bem, foi um grande prazer revê-la, senhorita.

— Tchau, Johnny! — disse Alla.

— Seria mais apropriado dizer Giovanni, e não Johnny.

— *Good bye*, Giovanni!

22. *Férias em roma*, filme de William Wyler (*Roman Holiday*, 1953), no Brasil traduzido como *A princesa e o plebeu*. A princesa Ann (Andrey Hepburn) vai para Roma anonimamente e se envolve com um repórter interessado, Joe Bradley (Gregory Peck).

Ela foi embora com seu enorme chapéu de calicô, toda fininha, parecendo um cogumelo. E eu disparei para a redação. Deu-se que o secretário já estava à minha procura. A matéria devia estar pronta às seis.

À noite eu fui ao teatro. Estava em cartaz *Os sinos*, uma adaptação de Hemingway. A montagem era um horror, uma mistura de *Sete homens e um destino* e *A jovem guarda*.<sup>23</sup> No segundo ato, Robert Jordan<sup>24</sup> fez a barba com um punhal. A propósito, ele vestia uns jeans poloneses. Iguazinhos aos meus.

No fim do espetáculo começou um tiroteio tão medonho que saí antes da ovação. Nossa cidade é generosa, todos os espetáculos terminam em aplausos doentios...

Cheguei de manhãzinha ao escritório. Fui incumbido de redigir uma crítica favorável. Entorpecido de tabaco e café, comecei a escrever:

“A obra de Hemingway não é cênica. A única peça do autor não possui enredo dramático, sendo ‘uma novela com diálogos’. ‘A obra foi feita para ser lida’, sublinhou ele. As inúmeras tentativas de Hollywood de levar ao cinema...”

Nesse instante Vera telefonou. Eu disse:

— Céus, estou ocupado aqui! Do que se trata?

— Suba aqui um minutinho.

— O que é que há?

— Vai subir um minutinho?

— Ah, caramba...

Vera me esperava na escada. Corada, nervosa, o ar triste.

23. *Sete homens e um destino* (*The Magnificent Seven*, 1960), western de John Sturges com Yul Brynner e Steve McQueen. *A jovem guarda* (*Molodaia gvardia*, 1948), filme soviético de Serguei Guerássimov baseado no romance homônimo de Aleksandr Fadéiev (1901–1956).

24. Robert Jordan, personagem principal de *Por quem os sinos doam*. Ernest Hemingway (1899–1961) tornou-se conhecido na URSS na década de 1930 e desempenhou papel importante na literatura do país dos anos 1950 e 1960.

— Ela precisa de dinheiro, compreende?  
Eu não compreendi. Ou melhor, compreendi, mas disse:  
— Não compreendo.  
— Alka<sup>25</sup> precisa de dinheiro. Não tem nem um tostão para a passagem.  
— Verka, você me conhece, antes do dia catorze é impossível. De quanto é preciso?  
— Pelo menos trinta.  
— Fora de cogitação. Não tenho extras para receber em abril... Devo setenta e cinco ao caixa. Ainda nem terminei de quitar o televisor... Além do mais, não sou exatamente... Alto lá, e o Kliónski? Afinal, a história toda é dele...  
— Escafedeu.  
— Ele logo estará de volta.  
— Compreenda, será uma catástrofe. O noivo de Sarátov telefonou...  
— De Dvinsk — disse eu.  
— De Sarátov, mas não importa... Ele disse que se enforca se ela não voltar. Alka pôs o pé na estrada em fevereiro.  
— Ele podia ter vindo atrás dela.  
— Ele tem prova na segunda-feira.  
— Sensacional — disse eu —, ele pode se enforcar, mas não cabular o exame...  
— Ele chorou, chorou de verdade...  
— Só que eu não tenho trinta rublos! E, por Deus, é meio esquisito... Mas o pior é que não tenho lhufas!  
O mais curioso é que eu dizia a verdade.  
— E se tomarmos emprestado? — disse Vera.  
— E por que exatamente faríamos isso? A garota é do Kliónski. Ele que se preocupe com ela.  
— Talvez devêssemos pedir ao Chablínski?  
Fomos atrás de Chablínski. Ele até se indignou.

25. Alka, diminutivo de Alla.

— Eu tinha oito rublos e os dei de bandeja como um *gentleman*. Eu mesmo quero que alguém me banque. Esperem pela volta do Mítia e ele que financie esse negócio. Escutem, até inventei um trocadilho: “As pessoas se dividem em bolchevistas e bonchequistas...”

— Está bem — disse Vera —, vou dar um jeito.

E deu um passo em direção à porta.

— Escute — disse eu —, se não conseguir nada, me ligue...

— Está certo.

— Dá para fazer o seguinte. Uma entrevista com ela.

— Por que motivo?

— Para a coluna “Visitantes de Tállin”. A moça estuda a arquitetura gótica. Não desgruda de um volume do Blok. Alimenta esquilinhos no parque... Ela pode tirar uns vinte rublos ou quem sabe até vinte e cinco.

— Serj, tente isso!

— Está bem...

Nesse momento, fui chamado para falar com o editor. Guénrikh Frántsevitch sentava-se perto da janela de seu gabinete espaçoso. A radiola e o televisor estavam desligados. O complicado telefone cheio de teclas brancas em silêncio.

— Sente-se — articulou o editor —, há uma tarefa importante. Em nosso jornal quase não se toca no tema da moral. A escolha é vasta. Calotes de pensões alimentícias, protecionismo, peculato... Eu conto com o senhor. Passe na Corte Popular, na Administração de Segurança Rodoviária...

— Vou inventar alguma coisa.

— Faça algo — disse o editor —, o tema é de extrema importância.

— *Okay* — respondi.

— E lembre-se: o concurso livre da redação continua. As melhores matérias serão agraciadas com prêmios em dinheiro. E o vencedor irá para RDA...

— Voluntariamente? — perguntei eu.

— O que quer dizer?

— Nem à Bulgária me deixaram ir. Apresentei os documentos na primavera.

— O senhor deveria beber menos — disse Turónok.

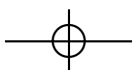
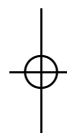
— Deixe para lá — disse eu —, aqui também não estou mal...

Nesse dia ainda houve muita dor de cabeça, muitos conflitos, discussões, pepinos para resolver. Eu estive em duas reuniões. Respondi a quatro cartas. Fiz umas vinte ligações. Tomei alguns drinques, abracei Marina...

Tudo corria normalmente.

E o dia de ontem: onde foi parar? Se ele já foi esquecido, o que me fez escrever depois de seis anos: “Nesta novela não há anjos nem vilões... Não há culpados nem inocentes...”?

E, no fim das contas, que laia de pessoas somos nós?





### Quarto compromisso

(*Vespertino de Tállin*.<sup>26</sup> Outubro de 1974.)

*BÊ-Á-BÁ ESTONIANO*

*Num dia chuvoso perto do bosque*

*Topamos com um bichão.*

*Nós lhe dissemos: “Oiê!”*

*O bichão respondeu: “Terê”<sup>27</sup>*

*E entre as nuvens um raio brilhante*

*Apareceu no mesmo instante...*

O *Vespertino de Tállin* é publicado na língua russa. E então inventamos uma nova coluna: “Bê-á-bá estoniano”. Para os pequenos leitores russos. Eu preparava a primeira publicação. Escrevi alguns poemas simpáticos. Uma série de oito. Como um jornalista universal, eu me orgulhava deles em segredo.

Vânia<sup>28</sup> Trul, o instrutor do Comitê Central, telefonou:

— Quem escreveu essa fábula chauvinista?

— Por que chauvinista?

— Quer dizer que foi você quem escreveu?

— Fui. Qual é o problema?

— Lá aparece um animal.

— E daí?

— Que conclusão podemos tirar? Então os estonianos são animais? Eu sou um animal? Eu, o instrutor do Comitê Central do partido, sou um animal?!

— Mas é um conto de fadas, uma convenção. Colocaram uma ilustração. As crianças encontram um urso. O urso tem um rosto bondoso e cordial. Ele é positivo...

26. *Vespertino de Tállin* (*Vetchérnii Tállin*), jornal estoniano de grande tiragem que saiu, em russo, entre 1972 e 1991. Era financiado pelo Partido Comunista da Estônia.

27. *Terê*, “olá”, “salve”, em estoniano.

28. Vânia, diminutivo de Ivan.

— Por que ele fala em estoniano? Ele que fale no idioma de algum país capitalista...

— Não entendi.

— Ah, para que perco tempo em explicações?! Você não está pronto para ser funcionário de um jornal do partido, não está pronto...

Uma hora mais tarde, o editor veio dar uma espiada.

— O júri multou o senhor em dois pontos.

— Que diabo de júri?

— O senhor esqueceu que continuamos com o concurso.

Os autores de boas matérias serão premiados. O melhor dos melhores será gratificado com uma viagem ao Ocidente, à RDA.

— Logicamente. E o pior dos piores, ao Oriente?

— O que quer dizer com isso?

— Nada. Foi uma piada. E será que a RDA é ocidental?

— E o que é, na sua opinião?

— O Japão é que é ocidental de verdade!

— O quê?! — gritou Turónok, assustado.

— No sentido ideológico — acrescentei eu.

O rosto do editor toldou, dando mostras de um cansaço infundável.

— Dovlátov, é impossível falar com o senhor! — disse ele.

— Lembre que até minha paciência tem limites...

## Quinto compromisso

(*Estônia Soviética*. Novembro de 1975.)

UM HOMEM NASCEU. O Dia da Libertação,<sup>29</sup> feriado anual, é comemorado amplamente em nossa república. Fábricas e indústrias, kolkhozes e estações de máquinas e tratores reportam ao Estado os altos índices atingidos.

Há alguns dias outro limiar extraordinário foi superado. A capital estoniana alcançou a cifra de 400 mil habitantes. No hospital nº 4 de Tállin, Maia e Grigóri Kúzin tiveram o esperado primogênito. Seu filho foi destinado a ser o quadringentésimo milésimo habitante da cidade.

— Ele será um atleta — diz sorrindo Mihkel Teppe, o médico-chefe.

O pai sortudo esconde, constrangido, as mãos calosas e grossas.

— Nosso filho vai se chamar Lembit<sup>30</sup> — diz ele —, espero que cresça como esse bogatyr...<sup>31</sup>

Boris Chtein, conhecido poeta de Tállin, dedicou um poema aos pais felizardos:

*Nas fábricas, nas gargantas das minas,  
Em planetas tão longínquos e alheios —  
Vivem quatrocentos mil paladinos,  
E entre eles está seu filho primeiro...*

29. O Dia da Libertação (22 de setembro) comemora a chamada Ofensiva de Tállin, quando o Exército Vermelho e a Frota Báltica se uniram para expulsar as tropas nazistas da Estônia (1944).

30. Herói nacional, Lembit (ou Lembitu) foi um ancião e chefe de guerra estoniano do séc. XIII mencionado na *Crônica de Henrique da Livônia*.

31. *Bogatyr*, guerreiro de grande habilidade e força das narrativas épicas medievais eslavas (*bylinas*).

*Gostaria de relembrar algumas palavras de Goethe:*

*“Nasce um homem — nasce um mundo!”.<sup>32</sup>*

*Eu não sei o que se tornará, Lembrete... Torneiro ou mineiro, oficial ou cientista. Mas uma coisa é certa: um Homem nasceu! Um Homem fadado à felicidade!...*

Tálin é uma cidade pequena, intimista. Você topa com um conhecido na rua e ouve: “Olá, estava à sua procura...”. Como se tudo se passasse no refeitório do trabalho...

Em suma, fiquei surpreso ao descobrir o número de habitantes de Tálin.

Aconteceu o seguinte. Turónok me chamou e disse:

— Tenho uma pauta construtiva. Pode sair daí uma reportagem sensacional. Vamos discutir os detalhes. Mas, por favor, não me venha com grosseiras.

— E por que eu seria grosseiro? É inútil...

— O senhor, propriamente, acabou de ser — respondeu Turónok, sombrio —, e é grosseiro o tempo todo, Dovlátov. Até nas reuniões gerais. Só não faz grosserias quando se ausenta por tempo considerável... Acha que sou um homem tão inculto? Que só leio os jornais? Venha me visitar um dia. Verá que biblioteca eu tenho. A propósito, possuo até edições de antes da revolução...

— Para que me chamou? — perguntei.

Turónok ficou um tempo calado. Endireitou-se bruscamente, como que trocando a posição lírica pela pragmática. Pôs-se a falar de maneira segura e clara:

32. Fantasia do autor. Goethe não escreveu isso. (Nota do Autor.)

— Daqui a uma semana será o aniversário da Libertação de Tállin. A data será comemorada amplamente. Inclusive nas páginas de nosso jornal. Estão previstas diferentes abordagens: econômica, cultural, de costumes... Todas as seções da redação estão preparando matérias. Temos uma tarefa para o senhor também. Mais precisamente: segundo os dados da agência de estatística, a cidade tem aproximadamente quatrocentos mil habitantes. Essa cifra em certa medida é relativa. Como são relativos os próprios limites da cidade. Pois bem. Nós confabulamos e tomamos uma decisão. O quadringentésimo milésimo habitante da cidade irá nascer na véspera do jubileu.

— Algo aí não faz sentido.

— O senhor dá um pulo na maternidade. Espera pelo primeiro recém-nascido. Anota os parâmetros. Entrevista os pais felizardos. O médico que realizou o parto. Obviamente, bate umas fotos. A reportagem vai para a edição de aniversário. Os honorários (sei que o senhor não é indiferente a essa questão) serão dobrados.

— Deveria ter começado por aí.

— O mercantilismo é um dos traços desagradáveis do senhor — disse Turónok.

— Dívidas — falei eu —, pensão alimentícia...

— O senhor bebe além da conta.

— Também acontece.

— Enfim. A ideia geral é essa. Nasceu um homem feliz. Eu até expressaria assim: um homem fadado à felicidade!

O editor gostou tanto dessa frase estúpida que gritou duas vezes:

— Um homem fadado à felicidade! Nada mal, hein?! Quem sabe experimentar dar como manchete? “Um homem fadado à felicidade”...

— Depois vemos isso — disse eu.

— E lembre — Turónok se levantou, concluindo a conversa —, o bebê deve ser publicável.

— Isto é?

— Isto é, inteiro. Nada de deficiências deprimentes. Nada de cesáreas. Nada de mães solteiras. O conjunto completo: pai e mãe. Um menino saudável e socialmente completo.

— Precisa ser necessariamente um menino?

— Sim, um menino é como que mais simbólico.

— Guénrikh Frántsevitch, no que se refere às fotos... Leve em conta que os recém-nascidos não costumam ser lá essas coisas...

— Escolha o melhor. Não se apresse, temos tempo.

— É preciso esperar pelo menos quatro meses. É improvável que pareça um ser humano antes disso. Em alguns casos, cinquenta anos é pouco...

— Escute — zangou-se Turónok —, deixe de demagogia! O senhor recebeu uma incumbência. A matéria deve estar pronta na quarta-feira. O senhor é um jornalista profissional... Para que estamos perdendo tempo?...

Realmente, pensei, para quê?

Eu desci até o bar, pedi uma dose de gim. Notei Jbankóv, fotógrafo correspondente do jornal, não plenamente sóbrio. Fiz-lhe um aceno com a mão. Ele mudou para minha mesa levando sua taça de vodca. Abocanhou metade do meu sanduíche.

— É melhor você ir para casa — falo eu —, o escritório está repleto de superiores...

Jbankóv entornou o copo e disse:

— Dei vexame, é lógico. Viu a foto que tirei para o artigo do Fédia?

— Não leio jornais.

— Fédia escreveu um artigo para o *Moçada*. Ou melhor, um esboço. “Três contra uma tormenta.” Sobre uns mergulhadores. Estavam atrás, você pode imaginar, de uma carga valiosa que submergiu. Como se não bastasse, avançava uma tormenta. Então, a minha foto... Dois homens sentados num tronco. E um pedaço de mangueira sobressaindo da água. Ou seja, um dos comparsas estava agindo no fundo. Eu, é lógico, bati a foto, juntei meus seis vinténs e dei o assunto por encerrado. Um dia dou uma chegada no porto e vejo o pessoal morrendo de rir. Que diabo? A história é a seguinte. Lá trabalha o tal Mironienko, o chefe da oficina de serviços gerais. Um dia ele sai do refeitório e acende um cigarro perto do terceiro atracadouro. Tempo vai, tempo vem. Ele joga o cigarro fora. Solta um escarro, perdoe a expressão. Nisso deixa escapar os dentes. Os postigos, é lógico. E ele tinha enfiado na prótese uns oitocentos e poucos rublos em ouro. Ele corre até os escafandristas: “Rapazes, deem um jeito!”. E eles topam: “Vamos procurar depois do trabalho”. “Não vão ficar de mãos vazias.” “Uma garrafa por cabeça.” “Negócio fechado”... Após o expediente, começam a procurar a dentadura. Nessa altura, chega o Fédia com uma tarefa do jornal. Vê a cena por alto. “O que estão fazendo?” pergunta. Ele já bolando uma pauta, sabe como é. E os rapazes meio constrangidos. “Cacete, uma carga valiosa afundou”, respondem. E o Fédia sem ideia de nada: “Qual é o seu nome? E o seu qual é?”... Os rapazes respondem como se deve. “O que gostam de fazer nos raros momentos livres?”... “Música, pintura”, respondem... “E por que estão aqui até tão tarde?”... “Uma tormenta avança para cá”, dizem, “temos pressa...” O Fédia me telefona na redação. Eu venho e faço a foto, sem pensar... O pior é que é uma bacia interna, artificial. Uma tormenta seria impossível...

— É melhor você ir para casa — disse eu.

— Espere, esse ainda não é o xis da questão. Fiquei sabendo como o assunto terminou. Os mergulhadores encontra-

ram a tal dentadura. O Mironienko ficou feliz pra burro. Levou os rapazes até um botequim. Pediu vodca. Tomaram uns goles. Mironienko desembestou a mostrar a prótese para todo mundo. “Obrigado, meninos”, dizia, “deram uma mão, acharam o tesouro. Vocês são corajosos, trabalhadores exemplares, *stakhanovistas*...”<sup>33</sup> Olhavam a dentadura de uma mesa, olhavam de outra... O porteiro veio espiar... O trombonista da banda... As garçonetes meneavam as cabeças... E o Mironienko já entornava a sexta garrafa na companhia dos mergulhadores. De repente ele deu pela falta da dentadura, alguém havia passado a mão nela. E começou a gritar: “Devolvam, parasitas!”. Mas aí era tarde... Nem os mergulhadores puderam ajudar dessa vez...

— Bem, tenho que ir — disse eu.

Não estava com ânimo para ir à maternidade. A atmosfera de hospital sempre me deprime. Basta eu ver os vasos de figueiras...

Passei no jornal, na seção de Marina. Ouvi:

— Ah, é você... Desculpe, estou cheia de trabalho.

— Aconteceu alguma coisa?

— O que pode ter acontecido? Só afazeres...

— Mas que afazeres?

— O jubileu e coisas do gênero. Aqui somos ignorantes, não escrevemos romances...

— Por que está nervosa?

— E por que deveria me alegrar? Você de repente desaparece. Ora um amor louco, ora uma semana na farra...

— Como na farra?! Estava numa viagem de trabalho, na ilha de Saaremaa. No hotel, fui todo picado por percevejos...

33. O termo *stakhanovista* (*stakhánovets* em russo) relaciona-se com o mineiro Aleksei Stakhánov (1905–1977), que bateu um recorde de extração de carvão em 1935 na cidade de Írmino (Ucrânia). A palavra designava, sobretudo nos anos 1930 e 1940, os trabalhadores soviéticos que sobressaíam no trabalho.



— Não são percevejos — Marina semicerrou os olhos com uma expressão de desconfiança —, são mulheres. Vadias sujas e detestáveis. Não sei o que elas veem em você! Um pé-rapado eternamente de ressaca... Eu me espanto com o fato de você ainda não ter pegado uma doença...

— O que se pode pegar de um percevejo?

— Ah, pelo menos não minta! Quem é aquela ruiva grandalhona, toda elétrica? Vi vocês de manhã do ônibus...

— Não é uma ruiva grandalhona nem elétrica. É o poeta metafísico Vladímir Erl.<sup>34</sup> Ele usa tal penteado...

Num relance compreendi que ela estava prestes a chorar. E Marina chorava com desespero e amargura, dando gritos e sem poupar a si mesma. Como uma atriz depois de um espetáculo...

— Por favor, acalme-se. Tudo ficará bem. Todos sabem que estou ligado a você...

Marina tirou um minúsculo lenço cor-de-rosa, enxugou os olhos. Falou mais tranquila:

— Você pode falar a sério?

— Claro.

— Duvido. Você é totalmente irresponsável... Como uma cotovia... Não tem endereço, não tem bens, não tem planos... Não se apegue a nada. Sou apenas um ponto acidental no espaço. Eu já estou beirando os quarenta. Preciso dar um jeito em minha vida.

— Também estou beirando os quarenta. Ou melhor, já passei dos trinta. E eu não compreendo o que quer dizer com dar um jeito na vida... Você quer casar? O que isso vai mudar?

34. Vladímir Erl (Vladímir Gorbunóv), nascido em 1947, é poeta e crítico textual. Foi um dos organizadores da primeira antologia do vanguardista Daniil Kharmis (1905–1942), publicada em Bremen nos anos 1970.

Para que precisa desse rótulo idiota? É como uma marca de cavalo... Enquanto eu estiver bem, ficarei aqui. E, se me aborrecer, eu me mando. E será sempre assim.

— Não pretendo casar. Além do mais, você não é um sonho de homem. Eu só quero ter um filho. Senão, depois será tarde...

— Pois tenha. Só não esqueça o que o espera.

— Você sempre carrega nas tintas. Milhões de pessoas vivem e trabalham honestamente. Aliás, como é que vou ter um filho sozinha?

— Por que sozinha? Eu vou... contribuir. Quanto ao lado financeiro da questão, você ganha três vezes mais do que eu. Ou seja, na prática, não depende de mim...

— Eu me referia à outra coisa...

Tocou o telefone. Marina atendeu:

— Alô? Que ótimo... Ele está justamente aqui...

Acenei negativamente com as mãos. Com ar de entendido, Marina assentiu com a cabeça:

— Digo, estava aqui agorinha... Isso eu não sei. Deve estar tomando uma birita por aí.

Que peste, pensei.

— Tsekhanóvski está procurando por você. Quer saldar uma dívida.

— Que bicho o mordeu?

— Ele recebeu dinheiro pelo livro.

— *A caravana vai para o céu?*<sup>35</sup>

— Por que *caravana*? O livro se chama *Continua*.

— Dá no mesmo. Bom, preciso ir — disse eu.

— Para onde vai? Se não for segredo...

— Você não vai acreditar, vou para a maternidade...

35. Provável alusão ao filme soviético *Tábor ukhódit v niébo* (*O acampamento vai para o céu*, traduzido para o inglês como *Queen of The Gypsies*, 1975), do moldávio Emil Loteanu.

Eu dirigi os olhos para as mesas entulhadas de jornais. Pairava o cheiro de fumaça de cigarro e de cola. Senti uma tristeza e uma amargura tão fundas que a atmosfera do hospital já não me parecia tão assustadora.

Só do outro lado da porta me dei conta de que Marina havia gritado um segundo antes:

“Então vá embora daqui, bêbado miserável!”

Peguei um ônibus, fui até a rua Karl Marx. No ônibus, inesperadamente cochilei. Um minuto depois, despertei com dor de cabeça. Ao cruzar o saguão da maternidade, eu me vi de passagem no espelho e me voltei...

Em minha direção vinha uma mulher de avental branco.

— É proibida a entrada de pessoas de fora.

— E de pessoas do além?

A enfermeira parou, perplexa. Mostrei o crachá da redação. Subi até o segundo andar. Mulheres de aventais disformes estavam fumando na escada.

— Onde posso achar o médico-chefe?

— No próximo andar, em frente ao elevador.

Em frente ao elevador, isso significa que é uma pessoa modesta. Em frente ao elevador é barulhento, as portas batem...

Entrei. Um estoniano de cerca de sessenta anos estava fazendo ginástica ao lado de uma janela aberta.

Eu reconheço os estonianos de forma instantânea e infalível. Nada de gritante ou de exagerado na aparência. Estão invariavelmente de gravata e de calças com pregas. A linha do queixo pouco pronunciada e uma expressão calma no olhar. E onde já se viu um russo fazer ginástica desacompanhado?

Estiquei o crachá.

— Doutor Mihkel Teppe. Sente-se, por favor. Em que posso ser útil?

Eu expliquei o cerne da questão. O doutor não se espantou. Em geral, não importa o que dá de inventar a imprensa, é difícil surpreender o leitor comum. Estão acostumados com tudo...

— Acho que não será complicado — falou Teppe —, o hospital é enorme.

— O senhor é informado de cada recém-nascido?

— Posso dar uma ordem.

Ele tirou o fone. Disse algo em estoniano. Depois se dirigiu a mim:

— O senhor tem interesse em saber como ocorre um parto?

— Deus me livre! Só preciso anotar os dados, dar uma olhada na criança e conversar com o pai.

O doutor voltou a telefonar. De novo disse algo em estoniano.

— Uma mulher está no parto agora. Vou telefonar em alguns minutos. Espero que tudo corra bem. A mãe goza de boa saúde... Uma loira gorduchinha — distraiu-se o médico.

— E o senhor, é casado? — perguntei.

— Claro.

— Tem filhos?

— Um filho.

— E o senhor não pensa no que o aguarda?

— Para que pensar? Eu sei perfeitamente o que o aguarda. Um campo de prisioneiros de regime rigoroso. Conversei com um advogado. Inclusive ele já assinou a papelada que o proíbe de sair da cidade...

Teppe falava de uma maneira simples e calma. Como se fosse um assunto banal e positivo.

Baixando o tom da voz, perguntei em tom confidencial e conspirativo:

— O caso de Soldátov?<sup>36</sup>

— Como? — o doutor não compreendeu.

— Seu filho é um ativista do renascimento estoniano?

— Meu filho — escandiu Teppe — é contrabandista e bêbado. Só consigo ficar relativamente tranquilo quando ele está preso...

Ficamos algum tempo em silêncio.

— Antigamente eu trabalhava como enfermeiro nas ilhas. Depois combati no corpo estoniano. Consegui uma alta posição. Não sei como isso foi acontecer. Eu e sua mãe somos pessoas boas, mas nosso filho é ruim...

— Não faria mal ouvir a versão dele.

— É impossível ouvi-lo. Eu lhe digo: “Iura, por que você me despreza? Tudo o que consegui foi à custa de um esforço incansável. Não tive uma vida fácil. Agora ocupo um alto cargo. Por que um simples enfermeiro seria nomeado médico-chefe, hein?!”. E ele me responde: “Porque todos os seus colegas inteligentes acabaram fuzilados...”. Como se fosse eu quem os tivesse fuzilado...

Tocou o telefone.

— Teppe na linha — articulou ele —, ótimo.

Então passou para o estoniano. A conversa girava em torno de centímetros e quilogramas.

— Aqui está — disse ele —, a moça deu à luz na enfermaria nº 9. Quatro quilos e duzentos; cinquenta e oito centímetros. Quer dar uma espiada?

— Não é necessário. Todos os bebês têm a mesma cara...

— O sobrenome da mãe é Okas. Hilja Okas. Nascida em 1946. É apontadora da *Punane RET*.<sup>37</sup> O pai, Magabcha.

— O que significa Magabcha?

36. Serguei Soldátov (1933–2003), político e ativista, foi um dos fundadores do movimento antissoviético na Estônia.

37. *Punane RET*, empresa de rádios e aparelhos eletrônicos que funcionou em Tállin de 1935 a 1993.

— É um sobrenome. Ele é da Etiópia. Estuda na Escola Naval.

— É negro?

— Eu diria cor de chocolate.

— Escute, isso é bom — disse eu. — Destaca o internacionalismo. A amizade dos povos... Estão casados no papel?

— Certamente. Todo dia ele deixa bilhetinhos para ela. E assina: “Seu bombonzinho de soja”.

— Posso fazer uma ligação?

— Faça o favor.

Liguei para a redação. Turónok atendeu.

— Pois não... Turónok falando.

— Guénrikh Frántsevitch, acaba de nascer um menino.

— Como é? Quem está falando?

— É o Dovlátov. Da maternidade. O senhor me passou uma tarefa...

— Ah, sim, lembro.

— Então, nasceu um menino. Robusto, sadio... Cinquenta e oito centímetros. Peso: quatro quilos e duzentos... O pai é etíope.

Houve uma pausa penosa.

— Não entendi — disse Turónok.

— É etíope — falei —, vem da Etiópia... Estuda aqui. É marxista — acrescentei por alguma razão.

— O senhor está bêbado? — perguntou Turónok rispidamente.

— Que coisa! Estou trabalhando.

— Trabalhando... E desde quando isso o detém?! Quem em dezembro vomitou as tripas nos ativistas do Comitê Regional do partido?...

— Guénrikh Frántsevitch, fico sem jeito em ocupar o telefone por muito tempo... Acaba de nascer um menino. O pai vem da Etiópia, um país amigo.

— Você quer dizer que ele é negro?

— Chocolate.

— Ou seja, negro?

— Naturalmente.

— O que há de natural nisso?

— Então para o senhor um etíope não é um ser humano?

— Dovlátov — pronunciou Turónok com uma voz cheia de sofrimento —, Dovlátov, vou colocar o senhor no olho da rua... Pelas tentativas de desacreditar tudo o que é bom... Deixe seu etíope de merda em paz! Espere por um bebê normal, o senhor me escutou? Um bebê normal e humano!...

— Como quiser — disse eu —, eu só perguntei...

Ouviram-se sons entrecortados na linha. Teppe fitou-me com compaixão.

— Não convém — disse eu.

— Na hora tive certas dúvidas, mas preferi não dizer nada.

— Ah, que seja...

— O senhor quer café?

Ele tirou do armário um pote marrom. De novo soou o telefone. Teppe ficou um bom tempo falando em estoniano. Pelo visto, tratava-se de um assunto não relacionado comigo. Esperei até o fim da conversa e subitamente perguntei:

— Posso tirar um cochilo aqui, atrás do biombo?

— Certamente — Teppe não se surpreendeu. — Quer usar minha gabardina para se cobrir?

— Estou bem assim.

Livre-me dos sapatos e me deitei. Era preciso me concentrar. Caso contrário, os contornos da realidade se dissolveriam irremediavelmente. De repente vi a mim mesmo de longe, perdido e ridículo. Quem sou eu? A troco de que me encontro aqui? Por que estou deitado atrás de um biombo esperando só Deus sabe o quê? E como a minha vida é patética!...

Quando acordei, Teppe estava diante de mim.

— Desculpe se incomodo... Uma conhecida sua acaba de dar à luz.

“Marina!” — pensei com um leve pavor. (Todos sabem que é possível sentir pavor em graus quase imperceptíveis.) Em seguida, ao afastar essa ideia insana, perguntei:

— Uma conhecida, o que quer dizer?

— A jornalista do jornal juvenil, Rumiántseva.

— Ah, Lena. A mulher de Bória<sup>38</sup> Chtein. É mesmo, não a vejo desde maio...

— Ela deu à luz faz cinco minutos.

— Isso pode ser interessante. O editor ficará contente. O pai da criança é um poeta conhecido em Tállin. A mãe é jornalista. Os dois são membros do partido. Chtein escreverá uma balada pela ocasião...

— Fico feliz pelo senhor.

Telefonei para Chtein.

— Olá — disse eu —, devo lhe dar os parabéns.

— É cedo. A resposta só sai na quarta.

— Que resposta?

— Se eu vou à Suécia ou não. Dizem que não tenho traquejo em viagens para países capitalistas. E como arranjar traquejo se não me deixam ir?... Você já esteve em países capitalistas?

— Não. A mim nem aos socialistas deixam ir. Apresentei documentos para a Bulgária.

— Cheguei a ir para a Iugoslávia. E a Iugoslávia é praticamente capitalista...

— Estou telefonando da clínica. Seu filho acaba de nascer.

— Puta que o pariu! — gritou Chtein. — Puta que o pariu!...

Teppe me estendeu uma folha com uns garranchos.

— Altura: cinquenta e seis — disse eu —, peso: três quilos e novecentos. Lena passa bem.

38. Lena é diminutivo de Elena e Bória de Boris.



— Puta que o pariu — não se continha Chtein —, irei agora mesmo. Vou pegar um táxi.

Nesse ponto era preciso chamar um fotógrafo.

— Telefone, telefone — disse Teppe.

Liguei para Jbankóv. Foi Lera quem atendeu o telefone.

— Mikhail Vladímirovitch está doente — disse ela.

— Está bêbado, quer dizer?

— Como um porco. Foi você quem o embebedou?

— Nada disso. Aliás, estou trabalhando.

— Certo, desculpe.

Telefonei para Malkiel.

— Venha fotografar o bebê da edição comemorativa. Nasceu o filho de Chtein. Os honorários, por sinal, serão dobrados.

— Você quer mesmo escrever sobre esse bebê?

— E qual o problema?

— O problema é que Chtein é judeu. E para cada judeu é preciso uma aprovação. Você é incrivelmente ingênuo, Serj.

— Escrevi sobre Kaplan sem pedir aprovação.

— E não deixe de mencionar o Glikman. Kaplan é membro do secretariado do Comitê Regional. Dele escreveram umas duzentas vezes. Não me venha comparar Kaplan com Chtein...

— Eu não os comparo. Chtein é, de longe, mais simpático que Kaplan.

— Tanto pior para ele.

— Está claro. Obrigado por ter avisado.

Eu disse a Teppe:

— Ao que parece, Chtein também não convém.

— Eu tive minhas dúvidas.

— E eu pergunto: quem foi que me acordou?

— Fui eu quem o acordei. Mas dúvidas eu bem que tive.

— E o que vamos fazer?

— Daqui a pouco outra vai parir. Ou, talvez, já tenha parido. Liguei já.

— Eu vou dar uma volta.

Gatos flanavam pelo triste jardim do hospital. Álamos negros desfolhados gemiam asperamente. Um moço arqueado e magrelo, fazendo estrondo, puxava uma carroça com uma caixa de descarga em cima. O avental gasto azul-claro lhe fazia parecer uma velha.

Chtein surgiu virando a esquina.

— Meus cumprimentos.

— Obrigado, meu velho, obrigado. Acabo de deixar umas coisinhas para Lena... Estou extraordinariamente bem-disposto! Seria bom beber algo pela ocasião.

“Beber com você”, pensei, “só me traria problemas...”

Eu não queria decepcioná-lo. Não contei que seu filho tinha sido rejeitado. Mas Chtein já estava por dentro do caso.

— Está preparando a matéria para a edição comemorativa?

— Estou tentando.

— Quer nos tornar famosos?

— Veja bem — disse eu —, aqui é preciso de uma família operária ou camponesa, e vocês são da *intelligentsia*...

— É pena. Já escrevi um poema no táxi. O fim é o seguinte:

Nas fábricas, nas gargantas das minas,  
Em planetas tão longínquos e alheios —  
Vivem quatrocentos mil paladinos,  
E entre eles está meu filho primeiro...

Eu disse:

— Mas que primeiro filho? Você tem uma filha crescida.

— É do primeiro casamento.

— Ah, daí tudo bem — digo eu.

Chtein pensou um pouco e inesperadamente disse:

— Então quer dizer que apesar de tudo existe antissemitismo aqui?

— Parece que sim.

— Mas como isso pode ter surgido? No nosso país, onde se tem a impressão...

Eu o interrompi:

— No país onde o principal morto ainda não foi enterado... No país cujo próprio nome é uma mentira...

— Para você, tudo é uma mentira!

— A mentira se encontra no meu jornalismo e em seus versinhos ruins! Como foi achar um estoniano no cosmo?

— É uma metáfora.

— Uma metáfora... A mentira tem dezenas de nomes de guerra!

— Você é o único homem honesto, claro! E quem foi que escreveu uma novela sobre a estrada de ferro Baikal-Amur?<sup>39</sup> Quem glorificou o tchekista Timoféiev?

— Vou largar esse negócio. Você vai ver...

— Então não venha censurar os outros.

— Não fique bravo.

— Droga, você me deixou de mau humor... Passe bem.

Teppe me encontrou na porta.

— Kúzina, da enfermaria nº 6, deu à luz. Aqui estão os dados. Ela é estoniana, motorista de carrinhos de carga. O marido, um torneiro da fábrica de navios, é russo, membro do partido. O bebê está dentro das normas.

— Graças a Deus, parece que esse convém. Vou telefonar, por via das dúvidas.

Turónok disse:

— Ótimo. Dê um jeito de chamarem o bebê de Lembit.

39. A ferrovia Baikal-Amur, que leva à Sibéria Oriental e ao Extremo Oriente russo, começou a ser construída em 1938 por prisioneiros de campos de trabalho correcional (*ispravítelno-trudovye láguery*).

— Guénrikh Frántsevitch — implorei —, quem em sua consciência chamaria um filho de Lembit? É antiquado demais. Vem do folclore...

— Pois eles chamarão. Que diferença faz para eles?! Lembit soa bem, é viril e simbólico... Vai atrair atenção na edição comemorativa.

— O senhor chamaria seu filho de Bová? Ou de Mikula?<sup>40</sup>

— Deixe de demagogia. O senhor recebeu uma incumbência. A matéria deve estar pronta na quarta-feira. Se eles se recusarem a chamá-lo de Lembit, prometa algum dinheiro.

— Quanto?

— Uns vinte e cinco rublos. Vou enviar um fotógrafo. Qual é o sobrenome do recém-nascido?

— Kúzin. Enfermaria nº 6.

— Lembit Kúzin. Soa muitíssimo bem. Aja.

Perguntei a Teppe:

— Como posso achar o pai?

— Ele está ali fora. Sentado no gramado, embaixo das janelas.

Eu descí.

— Alô — disse eu —, o senhor é Kúzin?

— Pois é, Kúzin, Kúzin — disse ele —, mas de que adianta?!

Pelo visto, o camarada Kúzin se encontrava num estado de espírito filosófico.

— Permita-me cumprimentá-lo. Seu filho teve a sorte de ser o quadringentésimo milésimo habitante da nossa cidade. Eu sou do jornal. Gostaria de escrever sobre sua família.

— O que acharia para escrever aqui?

— Bem, sobre a vida do senhor...

40. Bová Korolévitch e Mikula, guerreiros de narrativas medievais eslavas.

— Pois não, vivemos até que razoavelmente... Trabalhamos, como deve ser... Ampliamos nossos horizontes... Gozamos de prestígio...

— Deveríamos sentar em algum canto e bater um papo.

— No sentido de tomar um trago? — animou-se Kúzin.

Era um homem alto com queixo de granito e cílios inocentes de criança. Ele se levantou rapidamente do gramado e sacudiu os joelhos.

Fomos ao Cosmo, sentamos ao lado da janela. O salão ainda não estava cheio.

— Só tenho oito rublos em dinheiro — disse Kúzin —, mais uma garrafa do veneno.

Ele sacou da pasta uma garrafa de rum cubano. Camuflou-a sob a cortina da janela.

— Vamos pedir meia garrafa? Só para manter as aparências...

— E cerveja — disse eu —, se estiver gelada...

Pedimos trezentos gramas de vodca, duas saladas e um croquete para cada.

— Um filezinho defumado? — perguntou o garçom.

— Descansar! — reagiu Kúzin.

O salão estava deserto. Havia quatro músicos instalados num palquinho. Piano, violão, contrabaixo e bateria. As estantes de carvalho foram decoradas com liras de lata.

O violonista limpou furtivamente os sapatos com um lençinho. Depois se aproximou do microfone e anunciou:

— A pedido dos nossos amigos que regressaram do balneário de Azalemma...

E fez uma pausa significativa.

— Vamos interpretar uma canção lírica: “Caem chuviscos na minha fuça”!...<sup>41</sup>

Ouviu-se um estrondo inimaginável, reforçado pelos alto-falantes. Os músicos gritavam algo indistinto em coro.

— Sabe o que é Azalemma? — divertia-se Kúzin. — É o maior povoado carcerário da Estônia. Colônia de trabalho correcional, zona de trânsito, pavimento de regime rigoroso... Bem, um brinde!

Ele ergueu o copo.

— Por você! Por seu filho!

— Pelo nosso encontro! Que não seja o último...

Dois casais, com ar indiferente, dançavam por entre as mesas. Os garçons, de uniforme preto e branco, lembravam pinguins.

— Mais uma?

Viramos outra. Kúzin beliscou algo para rebater e começou:

— Como tudo começou entre nós — é puro teatro. Eu trabalhava no estaleiro, morava sozinho. Então conheci essa mulher, também sozinha. Não digo que ela fosse um canhão, mas introspectiva. Volta em meia aparecia em casa, lavava a roupa, passava, coisas do tipo. A gente se amigou na Páscoa... Minto, foi no *Pokrón*...<sup>42</sup> Senão, depois do trabalho, só resta o vácuo... Quanto é possível beber?... Moramos juntos por mais ou menos um ano... Mas como ela foi engravidar, isso eu não compreendo... Ela ficava deitada às vezes como um bacalhau.

41. Alusão à canção *Pela tundra* (*Po tundre*), também chamada *Trem Vorkutá-Leningrado*, uma das músicas mais famosas do fim dos anos 1940 entre prisioneiros.

42. *Pokrón Presviatói Bogoróditsy* (Proteção da Nossa Senhora), feriado da igreja ortodoxa celebrado em 14 de outubro, especialmente na Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. O dia de *Pokrón*, ou Festa da Intercessão, lembra uma das aparições da Virgem Maria (pela tradição eslava, a Andrei Iuródivi, séc. X).

Eu perguntava: “Você, por acaso, caiu no sono?”. “Não”, ela me respondia, “estou ouvindo tudo.” “Falta um pouco de ardor em você”, digo. E ela: “Acho que a luz da cozinha ficou acesa...”. “De onde tirou isso?” “Escute lá como o contador de energia se mexe...” “Pois aprenda com ele...” E assim vivemos por um ano...

Kúzin tirou de trás da cortina a garrafa de rum e a verteu, convidativo. Esvaziamos outro copo.

O violonista ajeitou o paletó e exclamou:

— A pedido de Tólik B., sentado ao lado da porta, vamos tocar...

Uma pausa. E, depois, com mais fôlego:

— Vamos tocar a canção lírica “Que veneno usou para me embebedar?...”.

— E você, é casado? — Kúzin mostrou-se interessado.

— Fui casado.

— E agora?

— Agora, ao que parece, não.

— Tem filhos?

— Tenho.

— Muitos?

— Muitos... Uma filha.

— Quem sabe ainda tenha outros?

— É pouco provável...

— Sinto dó das crianças. Elas não têm culpa... Eu, pessoalmente, chamo as crianças de “flores da vida”... Mais uma rodada?

— Vamos.

— Com cerveja...

— Naturalmente...

Eu sabia que bastavam três cálices para estarmos liquidados. Beber pela manhã é bom nesse sentido. Você toma uns goles e ainda tem o dia inteiro livre...

— Escute — disse eu —, chame seu filho de Lembit.

— Por que Lembit? — espantou-se Kúzin. — Nós queremos Volódia.<sup>43</sup> E que raio é Lembit?

— Lembit é um nome.

— E Volódia, não é um nome?

— Lembit vem do folclore.

— O que é folclore?

— É uma arte popular.

— O que tem a arte popular com isso?! Ao meu próprio filho quero dar o nome de Volódia... Como depois vão chamar esse cagãozinho, é outra questão. Veja, costumavam me chamar de Gricha,<sup>44</sup> e de que adiantou? Quem eu me tornei? Um beerrão... Deveriam ter me chamado assim mesmo, beerrão... Mais uma, vamos?

Bebemos, já sem petiscar.

— Seu nome será Volódia — raciocinava Kúzin — e crescerá um vagabundo. Muita coisa, sem dúvida, depende da educação...

— Escute — falei eu —, chame de Lembit temporariamente. Nosso editor prometeu uma grana por isso. E, daqui a um mês, troca-se o nome, quando vocês forem registrar...

— Quanto? — interessou-se Kúzin.

— Vinte e cinco rublos.

— Dá para duas meias garrafas e uns tira-gostos. No botequim, claro...

— No mínimo. Espere aqui, vou fazer uma chamada...

Desci até o orelhão. Liguei para o escritório. Calhou de o editor atender.

— Guénrikh Frántsevitch! Tudo *okay*! O pai é russo, a mãe é estoniana. Os dois trabalham no estaleiro...

— A voz do senhor está esquisita — formulou Turónok.

43. Volódia, diminutivo de Vladímir.

44. Gricha, diminutivo de Grigóri.



— É o orelhão... Guénrikh Frántsevitch, mande Hubert trazer o dinheiro com urgência.

— Que dinheiro?

— Na qualidade de incentivo. Para chamarem o bebê de Lembit... O pai concordou por vinte e cinco rublos. Caso contrário, ele diz que dará o nome de Adolf...

— Dovlátov, o senhor está bêbado! — disse Turónok.

— Não é nada disso.

— Está bem, vamos dar um jeito. A matéria deve estar pronta na quarta-feira. Hubert sairá em cinco minutos. Espere por ele na praça da Câmara Municipal. Ele entregará a chave...

— A chave?

— Sim. A chave simbólica. A chave da felicidade. O senhor irá entregá-la ao pai... Em um ambiente apropriado... A chave custa três e oitenta. Essa soma será descontada dos vinte e cinco.

— É desonesto — disse eu.

O editor bateu o fone.

Eu subi de volta. Kúzin cochilava, deixando tombar a cabeça na toalha de mesa. Sob sua bochecha sobressaía um prato inclinado com pão.

Apanhei Kúzin pelo ombro.

— Alô — disse eu —, acorde! Hubert está à nossa espera...

— O quê?! — Kúzin se alarmou. — Hubert? Você tinha falado Lembit.

— Lembit é outra história. Lembit é seu filho. Temporariamente...

— Sim. Meu filho nasceu.

— O nome dele é Lembit.

— Primeiro Lembit, depois Volódia.

— E Hubert nos trará o dinheiro.

— Tenho dinheiro — disse Kúzin —, oito rublos.

— É preciso pedir a conta. Cadê o garçom?

— Alô! Filezinho, cadê você? — gritou Kúzin.  
Surgiu o garçom, com os lábios cerrados e o ar triste.  
— Um prato foi quebrado — anunciou.  
— Ahã — disse Kúzin —, fui eu que meti a cara na mesa  
— pum!

Constrangido, ele tirou os cacos do bolsinho interno do casaco.

— E, no banheiro, falharam no tiro — acrescentou o garçom —, é preciso atuar com mais precisão...

— Fora daqui — Kúzin repentinamente se zangou —, está me ouvindo? Ou vou lustrar essa sua careca!

— Enquanto eu estiver de serviço, não aconselho. Pode acabar em cana.

Dei uma gorjeta ao garçom.

— Desculpe — falei —, meu amigo acabou de ter um filho. Está um pouco perturbado.

— Se tomaram umas e outras, ao menos se comportem — deu-se por vencido o garçom.

Pagamos a conta e saímos debaixo de chuva. O automóvel de Hubert estava estacionado ao lado da Câmara Municipal. Ele buzinou e abriu a porta. Nós nos enfiamos no carro.

— Aqui está o dinheiro — disse Hubert —, o editor está preocupado, acha que você vai tomar um pileque...

Eu peguei algumas notas e moedas no escuro... Hubert me passou uma caixa pesada.

— E isso, o que é?

— “Uma lembrancinha de Pskóv.”

Abri a caixa. Nela havia uma chave anodizada do tamanho de uma pequena balalaica.

— Ah, a chave da felicidade! — disse eu.

Abri a porta e atirei a chave no cesto do lixo. Depois disse a Hubert:

— Vamos beber.

— Estou dirigindo.

— Largue o carro e vamos.  
— Ainda preciso levar o editor para casa.  
— Ele que vá por conta própria, aquele porco ensebado...  
— Eles me prometeram um apartamento, sabe como é. Se não fosse pelo apartamento...

— More na minha casa — disse Kúzin —, vou mandar minha mulher para o campo. Para a região de Pskóv, a aldeia Ussókhi. Lá não veem uma margarina desde o verão...

— Preciso ir, rapazes — disse Hubert.

De novo saímos debaixo de chuva. As janelas do restaurante Astória brilhavam, convidativas. Um lampião destacava da escuridão uma poça multicolor perto da porta...

Vale contar em detalhes o que veio a seguir? Como meu companheiro foi até o palco e pôs-se a gritar: “Venderam a Rússia!...”. E como depois ele nocauteou o porteiro e seu quepe foi parar na despensa... E como depois nos levaram à delegacia... E como só nos vimos livres graças ao meu crachá... E como perdi meu bloquinho de anotações... E em seguida perdi o próprio Kúzin...

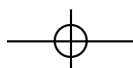
Eu acordei na casa da Marina no meio da madrugada. Uma penumbra pálida inundava o quarto. O despertador tiquetaqueava um ruído insuportável. Pairava cheiro de amoníaco e de roupa molhada.

Eu apalpei o arranhão que inchava na minha têmpora.

Marina estava sentada ao lado, triste e um pouco abatida. Ela acariciava meu cabelo. Acariciava e repetia:

— Pobre menino... Pobre menino... Pobre menino...

Com quem ela pode estar falando, pensei, com quem?...



## Sexto compromisso

(*Vespertino de Tállin*. Programa semanal de rádio. Março. 1976.)

... 13.30. “ENCONTRO COM UMA PESSOA INTERESSANTE. Vladímír Miérkin. *A economia do futuro*.”

No rádioensaio de hoje, L. Agápova e S. Dóvlátov apresentam Vladímír Grigórievitch Miérkin, doutor em ciências econômicas. Vocês vão ouvir um relato vivo e fascinante sobre o progresso econômico da URSS e a irreversível crise financeira do Ocidente na atualidade. No intervalo, temos o boletim de notícias e o “Entreato musical”.

Quatro anos depois, no rosto da jornalista Agápova aparecerá uma cicatriz produzida por um golpe de uma régua T de metal. Com um berro louco, contra ela se lançará o arquiteto autodidata Degtiarenko, que seria o herói da série político-social “Evidência”, nunca veiculada. Seis semanas antes dessa cena revoltante, a jornalista ouvirá pela primeira vez sobre o projeto *Mobile kooperato* e seu criador genial, um simples operário de uma das fábricas de Tállin. Agápova escreverá uma história para o programa “Encontro com uma pessoa interessante”. O departamento técnico solicitará as plantas do arquiteto. O perito, Tchubárov, segurará por um minuto, em suas mãos bem tratadas, dois desenhos sujos e trêmulos e se expressará da seguinte maneira:

— Original! Muito original!

A jornalista exclamará com alívio e orgulho:

— Ele só cursou até a quarta série!

— E a senhora? — o perito perguntará enojado. — Sabe o que é isso?

— É o *mobile kooperato*. Uma casa móvel. A moradia do futuro...

— É um vagão — Tchubárov a interromperá —, um simples vagão. E esse seu Le Corbusier precisa ser internado urgentemente...

O programa será no mesmo instante cancelado. Desiludido, Degtiarenko golpeará Lida na cabeça com a régua T de metal. A carreira da colaboradora da rádio de Tállin será interrompida por tempo considerável... Mas tudo isso acontecerá em quatro anos. No momento acompanhamos Lida na parada do bonde.

Antes disso, a noite havia dado lugar a uma manhã nublada. Um pombo sonolento flanava pela cornija do telhado, unhando o metal. Em seguida, o despertador, os chinelos frios, o tumulto perto do banheiro, o chá, o queijo úmido e enrugado, o zum-zum do barbeador elétrico — seu marido se apressava para o trabalho. Sua filha: “Já não pedi para não tocar no meu roupão?”... E, finalmente, o frescor das ruas apáticas, o vento, as poças cor de zinco, os malteses no jardim, o ribombo do bonde...

Eu tentarei descrevê-la. Embora a aparência de Agápova não tivesse nada de especial.

Botas de borracha importadas. Uma pesada saia marrom que não realçava seu andar. Uma japona sintética com zíper que frufrulhava. O boné com o cocuruto azul-claro do uniforme da Politécnica de Tállin. O rosto decidido que parecia sempre morto de frio. Sem sinais de cosméticos. No canto do sorriso lhe faltava um dente. Apenas os olhos mostravam surpresa, enquanto as sobrancelhas, imóveis, lembravam uma linha de chegada...

Voltamos a acompanhar nossa heroína. A parada do bonde...

“... Como as moças de hoje se vestem bem. O sobretudo dessa é malfeito, mas não é nosso. Em vez de botões, algo como cones de pinheiro... Bonito de ver... Ou essa daqui, de macacão... Olhe as centáureas no traseiro... E que andar altivo, deve

se sentir a Lollobrigida... Uma vez no verão vi uma moça descalça... Ela não estava bêbada, andava descalça por gosto... No centro da cidade... Andava e se exibia... No fim das contas, minha roupa também é importada, dos países de democracia popular. Mas não fico com essa aparência... Onde será que arranjam essas coisas? Será que andam na farra com os estrangeiros? Que indecência! Mas é bonito de ver...”

As portas do bonde se separaram com esforço. Um assalto curto e torturante. O caminho de nossa heroína foi bloqueado pelas costas largas de um militar. A bochecha dela esbarrou num tecido felpudo e sufocante... Ela se agarrou ao corrimão. A vida se refletiu no cano de níquel...

— A moedinha não precisa depositar...

Lida tentava se equilibrar sobre a caixa metálica de tiquetes.

— Ande logo. Ela fica parada feito um poste...

Nessas horas o melhor é não se irritar, apelar para o humor. O horário do *rush* é um evento corriqueiro. O principal aqui é encontrar uma fonte de emoções positivas. Alguém cedeu o assento a uma velha. Um estudante folheia suas anotações. Até o militar tem um rosto decente...

E de novo: a rua, os carros, as pessoas, uma indiferença agradável e excitante de pessoas e carros. Em seguida: o vestibulo, uma ampla escadaria de mármore, passadeiras desgastadas nas dobras dos degraus... Uma placa: “Departamento de propaganda”.

Lida deu uma batidinha na porta e entrou. Todos se alegraram muito ao vê-la. Kulechóv, como de costume, falou qualquer vulgaridade. Vérotchka Kótova sorriu sem levantar o olhar. Jénia Tiúrin ajudou-a a tirar a japona. Moralévitch perguntou:

— Ouviu o programa na quinta? Até o Iura está contente com você!

— É mesmo?!

Vália<sup>45</sup> Tchmútov, um fracassado crônico, também estava ali, fumando. Tchmútov era ator. Ele tinha um dom inato: uma voz baixa e bonita, com um timbre extraordinário. Trabalhava como locutor. Seis meses antes, uma história trágica havia lhe acontecido. Tchmútov precisava abrir um programa ao vivo de manhãzinha. Sua fala consistia nas seguintes palavras: “Caros rádio-ouvintes! Está no ar o programa semanal ‘Bom dia, camarada!’”. E era tudo. A isso seguiriam músicas e gravações. E Tchmútov colocaria seus onze rublos no bolso.

Tchmútov entrou na cabine. Sentou-se. Aproximou o microfone. Repassou mentalmente o texto. Arregaçou as mangas para as abotoaduras não tilintarem na mesa. Ficou esperando que a luzinha “No ar” acendesse. Seu ânimo, depois da noite da véspera, estava melancólico. A lâmpada não acendia.

— Caros rádio-ouvintes! — disse Tchmútov com ar pensativo.

A língua, queimada pelo vinho do Porto, movia-se com muito custo. A lâmpada não acendia.

— Caros rádio-ouvintes — repetiu Tchmútov —, ai, que sensação intragável... Caros rádio-ouvintes... Não devia ter bebido tanto ontem...

A lâmpada não acendia. Como se revelou depois, estava queimada. Algo assim só acontece uma vez a cada cem anos...

— Está no ar o programa semanal — ensaiava Tchmútov —, chega, preciso largar a bebida, porra...

Atrás do vidro surgiu a fisionomia transtornada do produtor. Tchmútov ficou petrificado. A porta se abriu de par em par. O locutor, debatendo-se, foi lançado à escada. Seus esconjuros à ressaca se difundiram pelo mundo. O ator foi demitido... Mas a história não acaba aí.

45. Vália, diminutivo de Valentin.



Tchmútov foi para Pskóv. Começou a trabalhar como locutor em uma rádio. A programação local era transmitida por cerca de uma hora e meia. O tempo restante era ocupado por transmissões de Moscou e de Leningrado. Tchmútov se deleitava. Era valorizado como um mestre da capital.

Um dia ele estava apresentando um programa. De repente, a porta deu um rangido. Entrou um cachorrão marrom. (De quem? De onde?) Tchmútov o acariciou com cautela. O cachorro apertou as orelhas e semicerrou os olhos. A ponta do focinho brilhava como uma luva de boxe em miniatura.

— Os trabalhadores do campo informam... — narrava Tchmútov.

E nesse momento, sem que ninguém esperasse, o cachorro desembestou a latir. Quem sabe de felicidade. Pelo visto, não costumavam tratá-lo com afago.

— Os trabalhadores do campo informam... Au! Au! Au!

Tchmútov foi demitido de novo. Dessa vez, para sempre e de todos os lugares. Quando ele contou sobre o cachorro, não acreditaram. Acharam que ele mesmo tinha latido por estar de ressaca.

Tchmútov partiu para Leningrado. Passava dias inteiros na rádio. Esperava por uma chance...

Todos fogem de fracassados. Lida sorriu para ele.

Já fazia tempo que Agápova era colaboradora do departamento de propaganda. Gostavam dela. Nesse dia até a diretora, Nina Ignátievna, lhe fez um aceno amigável:

— Lídotchka,<sup>46</sup> dê um pulo no meu escritório.

Em seu escritório havia tranquilidade, uma mesa lustrada e uma infinidade de canetas-tinteiro. Nos armários, reluziam atrás dos vidros lembrancinhas e lombadas de enciclopédias.

46. Lídotchka, diminutivo de Lida.

Na mesa de Nina Ignátievna, viam-se um batom, um espelhinho e um rímel. E de modo geral é agradável encontrar uma mulher jovem e interessante em um escritório tão sisudo...

— Lídotchka, quero lhe propor um novo programa. “Encontro com uma pessoa interessante.” A propósito, não precisa necessariamente ser um cientista ou um cosmonauta. A cobertura será especialmente ampla. Um *hobby* respeitável, uma preferência insólita, um traço particular na biografia. Suponhamos, um chefe de contabilidade modesto, da nomenclatura, que em segredo... Sei lá... O que desejar... Agora nada me ocorre... Suponhamos, que em segredo...

— Seduz juvenzinhos — sugeriu Lida.

— Eu tinha outra coisa em mente. Suponhamos, que em segredo...

— Estuda sânscrito.

— Esse é o espírito. Só que algo mais significativo do ponto de vista social. Suponhamos, um policial que ajuda alguém a encontrar uma pessoa querida...

— Fizeram um filme sobre isso.

— Não consigo propor nada de muito concreto. É preciso pensar um pouco. Aqui, por exemplo. Na fábrica Kálev filmaram *Uma mulher solitária*. Com a atriz Dorónina,<sup>47</sup> lembra? Então, o menino que participou das filmagens se tornou chefe de uma das oficinas da fábrica.

— Eu gostei desse tema — disse Lida —, posso senti-lo.

— Esse tema já foi usado por Arvid Kiisk. Estou falando de modo genérico. É preciso achar algo seu. Suponhamos, um velho general está prestes a ser operado. Vê o cirurgião e reconhece seu antigo ordenança...

— Qual é o sobrenome? — perguntou Lida.

— De quem?

47. Tatiana Dorónina, nascida em 1933, é uma conhecida atriz russa de teatro e cinema.

— Qual é o sobrenome do general? Ou do ordenança?  
— Estou falando hipoteticamente... Aqui o principal é a surpresa, o mistério, o acaso... As várias facetas de uma vida... Por fora uma coisa, por dentro outra...

— Acontece a muita gente — suspirou Lida.

— Enfim, mãos à obra — disse Nina Ignátievna com uma leve irritação.

Lídotchka saiu do escritório.

Desde a infância era rodeada por pessoas interessantes. Seu pai conhecia Ehrenburg. Seu professor de desenho na escola tinha fama de gênio incompreendido. Depois um malandro passou a cortejá-la e até lhe escreveu uns poemas. Os professores do instituto surpreendiam a todos com suas extravagâncias. Um deles andava com a braguilha invariavelmente aberta. O marido dela era um homem curioso: um economista-chefe com lapsos gramaticais. A filha dava a impressão de misteriosa: sempre calada. E ultimamente silenciava a tal ponto de Lida se perguntar se ela não estaria grávida... O electricista que chamaram da administração predial tinha sido preso, praticamente por assassinato. Em resumo, pessoas interessantes, se olharmos bem...

Lida era médica sanitarista de formação. Ela vasculhou na memória os antigos colegas do instituto. Pavínski, Rójin, Iankelévitch, Feofánov... Míschenko, parece, dedicava-se ao esporte. Lévin enveredou para a ciência... Lévin, o Bória Lévin, tornou-se professor universitário, uma cabeça, autor de um doutorado... Dizem que esteve na França.

Agápova tirou um bloco de anotações e marcou numa folha em branco: Lévin.

Então passou para os conhecidos do marido. Também pessoas interessantes, claro. Economistas. Kalínin, por exemplo, afirmava que o desemprego estimula o progresso. De outra forma, as pessoas sabem que não serão demitidas. E, mesmo se fossem, não seria nenhuma desgraça. Bastaria cruzar a rua

e arrumar um serviço na fábrica vizinha. Quer dizer, pode-se farrear, abusar da bebida... Não, é pouco provável que Kalínin fosse servir. Demasiadamente progressista... E Miérkin era outro caso perdido. Um dia perguntaram a ele como a nossa economia poderia dar um salto. E ele respondeu: uma guerra. Uma guerra, e nada mais. A guerra traz disciplina, uma subida de consciência. A guerra apaga qualquer defeito... Creio que Miérkin também não iria convir. Outro dia uma colega jornalista havia aparecido na rádio com um filólogo... Ou talvez fosse tradutor. Ele disse que tinha sido guarda de prisioneiros escoltados... Contava coisas horríveis... O sobrenome dele não era russo, Alikhánov. Outra pessoa interessante, sem sombra de dúvida...

Assim, no bloquinho, ao lado de Lévin, ela anotou "Alikhánov".

Seria desejável encontrar um terceiro candidato. Aqui Lida lembrou que na casa dos vizinhos morava um parente vindo de Pórkhov. Ou um conhecido. Mila Ossínskaia tinha comentado qualquer coisa no pátio. Havia algo de misterioso na vida dele. Ou tinha sofrido repressão, ou vice-versa... Um chefe de província é sempre curioso. Ele poderia ser abordado com uma linha original. "Não existe província geográfica, apenas província espiritual..."

Assim, ao lado de Alikhánov e Lévin, ela grafou um ponto de interrogação. E, entre parênteses, colocou o familiar de Mila O.

De reserva poderia deixar o administrador do prédio que era dado à leitura. Ele se interessava por Simenon.<sup>48</sup> Mas Lida tivera com ele um conflito por causa das lixeiras constantemente entulhadas... Pois bem... Era preciso lançar-se ao trabalho!...

48. Georges Simenon (1903–1989), escritor belga conhecido sobretudo pela personagem do detetive Jules Maigret.

— Até logo, Vérotchka, rapazes!

— Agápova, não suma!...

Ela telefonou para Bória Lévin na clínica. Ele reconheceu sua voz, alegrou-se, combinaram um encontro à uma da tarde.

Já o ex-guarda de prisão se encontrava em casa.

— Passe por aqui — disse ele —, e, se puder, compre três garrafas de cerveja. Dou o dinheiro logo que chegar.

Lida deu um pulo no supermercado da rua Karja, comprou a cerveja. Ele morava em um bairro de prédios novos: a distância entre uma entrada e outra era de no mínimo um quilômetro.

Alikhánov foi recebê-la na porta. Era um jovem enorme, de testa pequena e queixo frouxo. Havia um quê de falso napolitano em seu olhar. Ele desmanchou-se num discurso inábil e sem sentido que não pôde acabar:

— A que devo, Lídotchka, que bons ventos, a que... a que... Trouxe a cerveja? Boa menina. Tire a japona. A casa está uma completa zona.

O quarto causava uma impressão horrível. O sofá abarrotado de papéis e de cinzas de cigarro. A mesa escondida debaixo de uma pilha de livros. A armação de uma máquina de escrever fabricada antes da guerra. Um iatagã enferrujado na parede. Louça por lavar e taças com borra de vinho. Fatias de um arenque sem cor sobre um pedaço de jornal...

— Venha para cá. Está mais ou menos limpo aqui.

O guarda abriu uma cerveja.

— Um lugarzinho bem pitoresco — disse Lida. — É que sou sanitarista de formação.

— Um dia me mandaram comparecer à Corte dos Camaradas por questões sanitárias.

— E no que deu?

— Não deu em nada. Eu apelei para meu espírito rebelde. Disse que sou poeta, iogue, budista, que vivo na imundície... Quer cerveja?

— Não bebo.

— Aqui está o dinheiro. Um rublo e onze.

— Que bobagem — disse Lida.

— Não, eu faço questão — indignou-se Alikhánov ruidosamente.

Lida enfiou no bolso a mão cheia de moedinhas. O guarda entornou agilmente uma cerveja direto do gargalo.

— Agora me sinto melhor — disse em tom confidencial.

Em seguida, ele de novo tentou, dessa vez num assalto, dominar uma frase canhestra:

— A que devo, por assim dizer, um prazer tão inesperado, ao qual...

— O senhor é filólogo? — perguntou Agápova.

— Para ser mais exato, sou linguista. Estudo o problema do fonetismo da consoante SCH...<sup>49</sup>

— Existe tal problema?

— É um dos mais palpitantes... Escute, o que houve? A que devo o inesperado prazer de tê-la diante de meus olhos?...

O guarda virou a segunda garrafa.

— Estamos preparando um programa de rádio, “Encontro com uma pessoa interessante”. Procuramos alguém com uma vida original. O senhor é filólogo. Para ser mais exata, linguista. É um ex-guarda de um campo de prisioneiros. Um homem com uma vida de várias facetas. Sua vida tem várias facetas?

— Ultimamente, sim — respondeu com sinceridade o guarda.

— Fale um pouco mais de suas pesquisas filológicas. De preferência, de forma compreensível.

— O melhor seria lhe dar minha monografia. Agora não estou concatenando as ideias. Está em algum lugar por aqui. Vou achar já já...

Alikhánov disparou para uma pilha de papéis.

49. Trata-se da consoante Ш em russo.

— Deixe para uma próxima vez — acalmou-o Lida. — Com certeza ainda vamos nos encontrar. Por enquanto é só uma conversa preliminar. Gostaria de lhe fazer uma pergunta. O senhor foi guarda de prisioneiros, é algo perigoso, arriscado?

Alikhánov, a contragosto, caiu em reflexão.

— Riscos certamente houve. Bebíamos vodca para valer. Não desprezávamos uma água-de-colônia.<sup>50</sup> Essas coisas afetam o coração...

— Eu me referia aos presos. São pessoas horríveis. Para eles nada é sagrado...

— São pessoas como todo mundo — disse Alikhánov, abrindo a terceira garrafa.

— Li muito a respeito. É um mundo à parte... Com suas próprias leis... É preciso de coragem... O senhor se considera um homem corajoso?

Alikhánov ficou completamente desconcertado.

— Liuba — disse ele.

— Lida.

— Lida! — Alikhánov quase gritava. — Vou pegar agora seis rublos. Tenho vizinhos humanos. Vamos comprar meia garrafa de vodca e uma de vinho seco. Não estou concatenando as ideias.

— Não bebo. O senhor se considera um homem corajoso?

— Não sei. Antes eu conseguia tomar dois litros. Agora bastam setecentas gramas para eu ficar tonto... É a idade...

— O senhor não compreendeu. Preciso de um homem original, de uma personalidade interessante. O senhor é filólogo, um indivíduo que sente as coisas com delicadeza. E antes era um guarda num campo de prisioneiros. Corria riscos todo santo dia. A delicadeza da alma frequentemente vem acompanhada pela rudeza física.

50. Na falta de bebida alcoólica, alguns bebiam quaisquer líquidos contendo álcool.

— Quando é que eu fui rude com a senhora?  
— Não comigo. O senhor vigiava os presos...  
— Vigiávamos principalmente a nós mesmos.  
— De onde veio essa cicatriz? Por favor, não seja modesto...

— Não é uma cicatriz — exclamou Alikhánov —, é um furúnculo. Eu o arranhei... Desculpe...

— Mesmo assim eu gostaria de saber: como se sentia no Norte? No sentido figurado, sobre o que a tundra silenciava?

— O quê?

— Sobre o que a tundra silenciava?

— Lida! — gritou Alikhánov selvagememente. — Não aguento mais! Eu não sirvo para um programa de rádio! Ontem enchi a cara! Tenho dívidas e pensão alimentícia para quitar! A *Deutsche Welle* mencionou meu nome! Em certa medida, sou um dissidente! Vão demitir a senhora... Deixe-me fora disso...

Lida atarraxou a tampinha de sua caneta-tinteiro.

— Pena — disse ela —, o material é interessante. Cuide-se. Eu telefono. Enquanto isso, descubra onde enfiou sua monografia...

O guarda ficou ali em pé, pálido e sem forças.

— Um minuto, também vou sair. Tenho vizinhos humanos...

Eles se despediram na escada. Lida pôs-se a descer. Alikhánov voou para o quarto andar.

Lévin abraçou Lida e fitou-a demoradamente.

— Pois é — disse ele —, os anos passam, os anos passam...

— Envelheci?

— Como poderia dizer... Você ganhou forma.

— E você ganhou uns quilinhos. Que coisa feia! A Galina está em casa?



— Numa reunião da escola. Nosso pilantrinha está crescendo. Você disse que eu engordei? Outro dia minha mulher me deu um conselho: “Você precisa correr toda manhã”. E eu respondi: “Se eu me puser a correr, não volto mais...”. Quer café? Tire a japona...

— Só depois do senhor, doutor — Lida lembrou uma velha piada.

Foram até a sala. Uma luminária de chão com o abajur queimado. Revistas estrangeiras no peitoril da janela.

— Sua casa é acolhedora — disse Lida. — Passo mal nesses apartamentos novos. Tudo lustrado, cristais em cada canto...

— Também tenho cristais — gabou-se Lévin.

— Onde?

— No prego.

— Continua trabalhando com cancerígenos?

— Nada mudou.

— Conte mais.

— Um momentinho, vou pôr a chaleira no fogo.

— Espero aqui...

Lida sacou seu bloco de anotações, sua caneta-tinteiro e um maço de BT.<sup>51</sup>

Lévin voltou. Começaram a fumar.

— Você esteve na França?

— Por duas semanas.

— E que tal?

— Normal.

— Nada mais concreto?

— Povo trabalhador, burguesia reacionária, crise econômica, empobrecimento das massas...

— Fale do lado humano. Os franceses têm uma boa impressão de nós?

51. Marca de cigarro búlgara.

— Como diabo vou saber? Estão sempre de bom humor.  
— E quanto às condições de vida? E as francesas, gostou delas?

— As condições não são ruins. A comida era boa. Eu fiquei na mesa três. Vinho, frango, café com creme... As moças são magníficas. Ou melhor: ou é um canhão, ou é uma beleza. A questão está na maquiagem, suponho. A maquiagem realça as qualidades, mas exagera os defeitos... Elas têm um jeito de ser livre e direto. Usam aqueles aventais brancos sintéticos, decotados...

— Por que aventais brancos? Você trabalhou numa clínica?

— Eu não trabalhei. Apanhei uma disenteria em Nice. Passei por um dia e então parei no hospital.

— Quer dizer que você praticamente não viu a França.

— Por que não? Tínhamos um televisor em cores.

— Que azar...

— Em compensação, eu descansei.

— Trouxe alguma coisa interessante de lá? Lembrancinhas, roupas?

— Escute — Lévin se animou —, trouxe uma coisa única. Só deixe a carolice de lado. Afinal, você é médica. Vou trazer já. Eu escondo do Vovka.

— O que inventou?

— Lídotchka, eu trouxe um pênis. Um pênis de borracha, um trabalho cheio de filigranas. Palavra. Mas onde é que foi parar? Pelo visto, a Galka<sup>52</sup> o escondeu em outro lugar.

— Para que precisa disso?

— Como para quê? É uma obra de arte. Eu juro. E a Galka também gosta.

— Mas como não confiscaram na alfândega?

— Claro que não o levei na mão, escondi.

52. Galka, diminutivo de Galina.

— Onde? Não é uma agulha...

— Pedi para uma senhora do nosso laboratório. Não costumam revistar as mulheres tão minuciosamente. Além disso, elas têm mais possibilidades. A fisiologia é mais... velada.

— Você não passa de uma criança. Vamos ao que interessa.

— Só vou trazer o café.

Na mesa surgiram bombons, *waffles* e limão.

— Trago o leite condensado?

— Não precisa. Fale mais.

— Falar o quê? Trabalho com modelagens de reações químicas. Por um tempo pesquisei a formação de carcinomas pela inalação da poeira do asbesto...

— Diga lá, o câncer é curável?

— O câncer de pele sim.

— E o câncer de estômago, por exemplo?

— Lídotchka, há um tremendo caos ao redor desse assunto. Um miligrama de certo carcinógeno pode matar um cavalo. E, num dedo de qualquer pessoa adulta, a quantidade que se encontra desse mesmo carcinógeno poderia envenenar uma manada de cavalos. Eu, por exemplo, fumo, mas, mesmo assim, estou vivo... A fumaça, por sua vez, também... Não anote isso. O câncer é um tema espinhoso. Vão proibir seu programa.

— Não creio.

— Acha mesmo que eu nunca tratei com jornalistas?! Melhor ir atrás de um clínico. Eles são mais sossegados. Todo mês assumem uma série de obrigações sociais... Ligue para seu escritório, aprove a pauta.

Agápova telefonou para Nina Ignátievna. Esta ficou assustada:

— Lídotchka, o câncer é triste demais. Provoca emoções negativas. Será associado com aquele conhecido romance...<sup>53</sup> E nós esperamos algo mais luminoso...

— O câncer é o problema número um.

— Lídotchka, não crie caso. Existem regras que não precisam ser ditas.

— Pois é — suspirou Lida —, desculpe...

— Aonde você vai? — surpreendeu-se Lévin. — Fique mais um pouco.

— Eu, na verdade, vim pelo trabalho.

— Faz sete anos que não nos vemos. A Galka está para chegar, e vamos beber alguma coisa.

— Peço perdão, mas não quero vê-la.

Lévin se calou.

— Bória, você é feliz?

Lévin tirou os óculos. Agora ele parecia um aluno repentente.

— Ah, onde se poderia achar felicidade aqui?! Eu vivo, trabalho. A Galka, devo admitir, é uma pessoa difícil. Há algo de apático nela. O Volódia é um grosseiro, um menino lido e crescido e um grosseiro. No fim das contas, sou doutor, professor universitário... E ontem ele me disse: “Você tem complexo de inferioridade...”

— Mas você é um cientista, serve às pessoas. Deveria sentir orgulho de si próprio...

— Pare, Lida. Eu só sirvo à Galina e a esse bostinha.

— Você simplesmente está indisposto hoje.

Lida já estava na escada.

— Lembra da vez que fomos para Nóvgorod? — perguntou Lévin.

— Bória, cale-se. Tudo foi para o melhor. Bem, preciso ir.

53. Alusão ao romance *Pavilhão de cancerosos* (*Rákovyi kórpus*, 1966), de Aleksandr Soljenítsyn (1918–2008).

Enquanto descia as escadas, ela abriu sua sombrinha. Um estalido e firmou-se sobre sua cabeça uma cúpula multicolorida e um pouco vibrante.

— Lembra dos melões que a gente roubava?! — gritou ele para o vão da escada...

Nessa altura já havia escurecido. Nas poças, flutuavam luzes de néon aquareladas. As fisionomias pálidas dos transeuntes pareciam alheias. Um bonde cheio de luz, cambaleando, surgiu virando a esquina. Lida deixou-se cair no banco de madeira. Fechou a sombrinha. Seu rosto cansado se refletiu na janela oposta. Ela passou o dinheiro com a ajuda de alguém e recebeu um tíquete de volta. Dormiu o caminho todo e acordou com dor de cabeça. Foi para casa devagar, pisando nas poças. Ainda bem que tinha vestido suas galochas da Tchecoslováquia...

Os Ossínski moravam numa ala vizinha do prédio dela. Arkádi era treinador e contava piadas sem parar. Em seu peito, sob o casaco de camurça, reluzia um cronômetro. Mila<sup>54</sup> dava aulas de química em algum lugar.

O filho tinha uma personalidade intrigante. Fazia seis anos que estava fugindo do serviço militar. Fazia seis anos que simulava, alternadamente, neuroses, úlcera do estômago e artrite crônica. Ele superou o legendário Kamó,<sup>55</sup> o revolucionário. Com o passar dos anos, realmente tornou-se neurótico, estragou o estômago e adquiriu uma artrite crônica. No que se refere a conhecimentos medicinais, havia muito tempo que Ígor deixara para trás os médicos de bairro. Para completar, era conhecedor de jazz e falava inglês fluentemente...

54. Mila, diminutivo de Liudmila.

55. Kamó, apelido de Simon Ter-Petrossian (1882–1922), revolucionário russo de origem armênia que aderiu aos bolcheviques. Também conhecido por ter simulado loucura e insensibilidade à dor para escapar da prisão em Berlim (1907).

Em suma, um sujeito bastante interessante, só não chegou ao trabalho...

Lida subiu ao terceiro andar. De repente sentiu um desejo incontrolável de ir para casa. Afastando essa ideia, apertou o botão da campainha. Ouviram-se os latidos abafados de Milorde.

— Entre — alegrou-se Mila Ossínskaia —, Ígor está vadiando em algum lugar. Árik foi dar um treinamento em Matsesta. Deixe-me apresentá-la, esse é Vladímir Ivánovitch.

Ao seu encontro, ergueu-se um homem corpulento com cerca de sessenta anos. Ele estendeu a mão e apresentou-se. Serviu um pouco de conhaque com modos respeitosos. Mila ligou o televisor.

— Quer um pouco de *borsch*?

— Não. Por incrível que pareça, vou beber.

— Por tudo de melhor — Vladímir Ivánovitch brindou em tom amistoso.

Era um homem de ombros largos e saudável, vestido com um pulôver fino e bonito. Tinha o rosto de quem bebe regularmente, mas de maneira moderada. Ele era o retrato daqueles coronéis reformados dos filmes. Uma testa sólida, olhos claros sem graça, coroas de ouro nos dentes.

Brindaram, beberam.

— Conversem um pouco — disse a anfitriã —, preciso dar um pulo na casa dos Vorobióv, volto em 10 minutos. A Rita está tricotando uma blusa para mim.

E ela saiu.

— Na verdade, vim por um assunto do trabalho — disse Lida.

— Estou ao seu dispor.

— Estamos preparando um programa na rádio chamado “Encontro com uma pessoa interessante”. Liudmila Serguéievna comentou algo a respeito do senhor... E pensei que... Me parece que o senhor é uma pessoa interessante...

— Sou o tipo mais ordinário de homem — disse Vladímir Ivánovitch —, embora, devo confessar, eu goste do meu trabalho e o coletivo me respeite...

— Onde trabalha? — Lida sacou o bloco de notas.

— Em Pórkhov se encontra uma filial da *Krásnaia Zariá*.<sup>56</sup> Nós fabricamos seletores de coordenadas para centrais telefônicas automáticas. Nossa oficina é grande e ocupa papel de destaque. Conforme os resultados do segundo semestre, nós fizemos avanços importantes...

— O senhor não se sente entediado?

— Não compreendo.

— O senhor não se sente entediado numa província?

— Nossa cidade está crescendo, se urbanizando. Temos uma nova Casa de Cultura, um estádio, conjuntos residenciais... A senhora anotou?

Vladímir Ivánovitch inclinou a garrafa. Lida recusou com um aceno de cabeça. Ele bebeu mais um copo. Apanhou um cogumelo marinado que teimava em fugir.

Após uma pausa, Lida prosseguiu:

— Me parece que é possível ser um provinciano na capital e um cidadão na tundra.

— É absolutamente verdade.

— Ou seja, a província é um fenômeno espiritual, e não geográfico.

— Justamente. Aliás, a nossa cidade é bem provida: carne, peixe, hortaliças...

— Quando conjuntos da capital saem em turnê, passam por ali?

— Certamente, incluindo o próprio Magomáiev.

Vladímir Ivánovitch voltou a encher seu copo.

— O senhor deve ler muito, não é? — perguntou Lida.

56. *Krásnaia Zariá* (*Amanhecer vermelho*), companhia telefônica de São Petersburgo fundada em 1919.

— Como se pode viver sem isso? Eu respeito Símonov, Anániev,<sup>57</sup> memórias de guerra, e, naturalmente, os clássicos: Púchkin, Lérmontov, Tolstói... Havia três Tolstóis, como se sabe... Cheguei a escrever poemas na minha juventude...

— Interessante.

— Como era mesmo, meu Deus? Aqui, por exemplo...

Vladímir Ivánovitch recostou-se na poltrona:

Ser um herói é o que cada um de nós espera,  
Marchamos em fila com amizade,  
Em nome de Stálin vamos cobrir a terra,  
E na luta obter a felicidade...

Lida reprimiu sua decepção.

— É difícil ser chefe de uma oficina?

— Falando francamente, não é fácil. Não estão em jogo apenas fatores de produção, mas também morais... O plano, as oscilações, o microclima, os maus elementos... E o principal é que o povo se tornou exigente. Conhece seus direitos. Quer isso, quer aquilo... Nenhuma responsabilidade, mas um milhão de direitos... Pois é, o velho Stálin não está mais aqui... Antes havia ordem, ordem... Se alguém atrasasse um só minuto no trabalho, ia a julgamento! Mas agora... O povo relaxou, relaxou... Satiristas por todo lado, compreende... Ah, se o velho estivesse aqui...

— Então, o senhor aprova o culto à personalidade? — perguntou Lida em voz baixa.

— O culto, o culto... O culto existe e sempre existirá... Precisamos de uma personalidade, compreende? Uma personalidade!

57. Konstantin Símonov (1915–1979), escritor soviético, participou da campanha contra o “cosmopolitismo”, reagindo a nomes como Anna Akh-mátova, Boris Pasternak e Aleksandr Soljenítsyn. Anatóli Anániev (1925–2001), escritor soviético, editor do jornal *Estandarte* (*Známia*) e *Outubro* (*Oktiábr*).



Vladímir Ivánovitch, alcoolizado, ficou agitado. Agora ele gesticulava, debruçava-se sobre a mesa e brandia o garfo.

— Não tive uma vida fácil. Aconteceu-me de tudo. Caí feio, voei alto... Eu, cá para nós, já fui casado...

— Por que “cá para nós”? — surpreendeu-se Lida.

— Fui casado com a sobrinha de Iakir<sup>58</sup> — acrescentou Vladímir Ivánovitch num sussurro.

— De Iakir? Daquele Iakir?

— Pois é. Tivemos uma criança. Um menininho...

— E onde eles estão agora?

— Não sei. Eu os perdi de vista. Em 1939...

Vladímir Ivánovitch se calou, absorto em seus pensamentos.

Depois de uma longa espera, Lida, nervosa, vermelha, perguntou:

— Mas como é que os perdeu de vista? Como se pode perder de vista a própria mulher? O próprio filho?

— Eram tempos difíceis, Lídotchka, tempos tempestuosos e difíceis. Famílias desmoronavam, bases seculares desmoronavam...

— O que as bases seculares têm com isso?! — inesperadamente Lida levantou a voz. — Não sou criança. Eu sei de tudo. Iakir foi preso e o senhor abandonou sordidamente sua mulher e seu filho. O senhor... O senhor... O senhor não é uma pessoa interessante!

— Eu peço que... — disse Vladímir Ivánovitch —, eu peço que... Tais palavras não se lançam ao vento...

E depois, num tom mais pacífico, disse:

— Deveria se portar com mais modéstia, Lídotchka, com mais modéstia...

58. Iona Iakir (1896–1937) foi um oficial soviético, comandante destacado do Exército Vermelho durante a Guerra Civil russa. Foi condenado à morte em junho de 1937, na época dos grandes expurgos stalinistas.

Milorde soergueu a cabeça.

Lida já não o escutava. Ela ergueu-se de um salto, apanhou sua japona na antessala e bateu a porta atrás de si.

Na escada estava frio e silencioso. Um gato furtivo passou correndo como uma sombra. Cheiro de peixe frito infundia tristeza.

Lida desceu as escadas e atravessou o pátio. Um crepúsculo úmido se escondia atrás das garagens e perto das lixeiras. Os galhos de um jardimzinho miserável toldavam e rangiam. Um cavalo de madeira havia sido largado na neve.

Lida vasculhou sua caixa de correspondências e tirou o *Jornal Econômico*. Subiu as escadas e abriu a porta. No quarto do marido, o televisor fazia ruído. O sobretudo vermelho de meia-estação de Tânia<sup>59</sup> estava no cabideiro. Lida tirou a japona e largou as luvas em cima de uma mesinha espelhada.

Mal a cumprimentando, um jovem esgueirou-se em direção ao banheiro. Seus cachos, um tanto sujos, tinham sido presos com um cadarço marrom. Suas calças felpudas pendiam como uma cauda de vestido.

— Tatiana, quem é esse?

— Suponhamos que seja Jénia.<sup>60</sup> Estamos estudando.

— Estudando o quê?

— Suponhamos que alemão. Algum problema?

— Verifique se ele lavou as mãos — disse Lida.

— Ah, você gosta de banalizar tudo! — a filha sussurrou com ódio...

Lida me telefonou à uma da madrugada. Sua voz soava aflita e abafada:

— Acordei você?

— Não — disse eu —, pior...

— Não está sozinho?

59. Tânia, diminutivo de Tatiana.

60. Jénia, diminutivo de Evguéni.

— Sozinho. Com Marina...

— Você pode falar a sério?

— Certamente.

— Não haveria alguma pessoa interessante em seu entorno?

— Haveria. Ela manda lembranças.

— Pare com isso. O assunto é muito sério. Preciso preparar um programa para quinta.

— Sobre o quê?

— Encontro com uma pessoa interessante. Você teria algum candidato conveniente?

— Lida! — eu implorei — você conhece o meu entorno. São uma corja! Telefone para Kliónski, o sogro dele é inválido...

— Tenho uma proposta. Vamos fazer o programa juntos. Vai tirar uns quinze rublos.

— Mas eu não trabalho com gravações.

— Disso eu me encarrego. Eu preciso de seu...

— Cinismo? — soprei.

— De sua experiência profissional — reformulou delicadamente Lida.

— Está bem — disse eu para concluir a conversa —, ligo amanhã cedo. Ou melhor, hoje...

— Mas ligue sem falta!

— Já falei que vou ligar...

Então Marina não se conteve. E me deu uma mordida no dedo.

— Até amanhã — disse (ou melhor, gritei) e desliguei o telefone...

Lida desencostou a porta do quarto do marido, inundado de uma luz azulada. Vadim estava deitado de sapatos no sofá.

— Posso finalmente jantar? — perguntou ele.

A filha passou pelo quarto:



— A gente vai sair.

Tânia tinha um rosto sombrio, endurecido por uma expressão de eterno confronto.

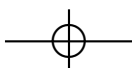
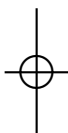
— Volte logo...

— Posso finalmente tomar chá? — perguntou Vadim.

— Eu, diga-se de passagem, também trabalho — respondeu Lida.

E depois, para não provocar uma briga:

— O que acha, Miérkin é uma pessoa interessante?...



## Sétimo compromisso

(*Estônia Soviética*. Abril de 1976.)

*UM TRAJE PARA UM MARCIANO (Pessoas e profissões). O que esperamos de um bom alfaiate? A roupa confeccionada por ele deve condizer com a moda atual. E o que você acharia de um alfaiate cujas peças estão defasadas uns duzentos anos em relação às exigências da moda? Em todo caso, esse homem desfruta de grande respeito e é merecedor das palavras mais calorosas. Estamos nos referindo ao cortador-figurinista do Teatro Dramático Russo da República Socialista Soviética da Estônia, Voldemar Sild. Entre seus fregueses regulares, constam os grandes do reino espanhol e os mosqueteiros, os czares russos e os samurais japoneses, e, como se não bastasse, raposas, galos e até marcianos.*

*O figurino teatral nasce de um esforço conjunto do diretor de arte e do alfaiate. A roupa deve corresponder ao caráter da época retratada e ao mesmo tempo expressar o espírito do espetáculo e as particularidades de cada personagem. Imaginem um Oniéguin vestido em calças de segunda ou um Sobakiévitch<sup>61</sup> usando um fraque elegante... Para criar o costume do escravo Esopo, Voldemar Sild se viu obrigado a estudar a pintura antiga e o drama grego...*

61. Sobakiévitch, proprietário de terras comilão e estabonado em *Almas mortas* (1842), de Nikolai Gógol.

*A sobrecasaca, o cafetã, a bekecha,<sup>62</sup> o dólmã hussardo, o arkhalig,<sup>63</sup> são todos tipos inconfundíveis de vestimentas, com adereços e atributos específicos.*

— *Um dia um jovem ator — contou Sild — me perguntou: “Um fraque e um smoking não são a mesma coisa?”. Para mim são tão diferentes como um televisor e um gravador.*

*Quando assiste a encenações de outros teatros, Voldemar Khéndrikovitch, com um olhar profissional e criterioso, presta atenção em como as personagens estão vestidas.*

— *Apenas nos espetáculos do meu querido Teatro Vakhtángov<sup>64</sup> — disse V. Sild — eu consigo esquecer que sou figurinista e acompanhar o desenrolar da peça. Isso é um claro sinal de que os figurinistas desse teatro trabalham de maneira impecável.*

*De maneira impecável também trabalha o próprio Voldemar Sild, um alfaiate, um artista, um homem do teatro.*

Numa de nossas reuniões de pauta, elogiaram minha matéria:

— *Dovlátov é capaz de escrever de maneira viva sobre qualquer ninharia.*

— *E o título é atrativo...*

— *Onde ele arruma essas palavras? Adereços...*

*No dia seguinte, o editor Turónok me chamou.*

62. *Bekecha*, sobrecasaca masculina de lã, forrada de pele e acinturada, usada desde o século XVI. O modelo foi adotado pelo exército soviético.

63. *Arkhalig*, traje usado no Cáucaso, lembrando o cafetã.

64. O Teatro Acadêmico Estatal Vakhtángov foi criado em 1921 por Evguéni Vakhtángov (1883–1922), discípulo de Stanislávski, em Moscou.

— Sente-se.

Sentei-me.

— A conversa não será agradável.

“Como todas as conversas com você, idiota”, pensei eu.

— O senhor assina que coluna?

— “Pessoas e profissões”. Nosso interesse são pessoas com profissões raras. E prismas inesperados...

— Sabe qual é a profissão desse seu Sild?

— Sei. É alfaiate. Um alfaiate teatral. Um prisma inesperado...

— Isso ele é agora. E antes?

— O que ele fazia antes, eu não sei.

— Pois saiba que durante a guerra ele era um carrasco. Servia aos alemães. Enforcava compatriotas soviéticos. Por isso ele passou doze anos na prisão.

— Meu Deus! — disse eu.

— O senhor entende o que aprontou?! Enalteceu um traidor da pátria! Denegriu para sempre uma interessante coluna!

— Mas ele me foi recomendado pelo diretor do teatro.

— O diretor do teatro é um ex-tenente da SS. Além do mais, ele é entendido.

— O que quer dizer com “entendido”?

— Era como chamavam os homossexuais antigamente. Ele não passou uma cantada no senhor?

Passou, sim, pensei. Uma bela cantada. Ele me apertou a mão. A mão de um jornalista. Até me surpreendi...

Nesse momento, eu me lembrei de uma conversa que tivera um dia com um francês. O assunto era a homossexualidade.

— Aqui as pessoas podem ser levadas a julgamento por isso — eu me gabei.

— E por hemorroidas, também podem? — resmungou o francês.

— Não o condeno — disse Turónok —, o senhor agiu como cabia. Quer dizer, pediu aprovação para seu candidato. Mas, mesmo assim, é preciso ser mais cauteloso. A escolha do herói de sua coluna é um assunto sério, extremamente sério...

Na redação, falaram sobre o caso por umas duas semanas. Depois as atenções se voltaram para meu colega Buch. Ele entrevistou o capitão de um navio mercante da República Federal da Alemanha. Isso aconteceu na véspera do aniversário da Revolução de Outubro. Na entrevista para Buch, o capitão glorificou o poder soviético. No fim descobriram que ele era um estoniano foragido. No verão de 69 ele havia se mandado de canoa para a Finlândia. E dali para a Suécia. E por aí vai. Buch inventou a entrevista do início ao fim. O caso teve repercussão e eu fui esquecido...



## Oitavo compromisso

(*Estônia Soviética. Junho de 1976.*)

MOSCOU. KRÊMLIN. PARA L. I. BRÉJNEV. TELEGRAMA. *Caro e estimado Leonid Ilitch! Quero compartilhar um acontecimento feliz. No ano passado consegui atingir índices laborais sem precedentes. Ordenhei de uma única vaca uma quantidade recorde de leite.*<sup>65</sup>

*Outro acontecimento feliz ocorreu na minha vida. Os comunistas da nossa granja por unanimidade me escolheram para ser um membro deles!*

*Eu prometo para o senhor, Leonid Ilitch, que daqui para a frente vou trabalhar com ainda mais entusiasmo.*

LINDA PEIPS.

RSS DA ESTÔNIA. REGIÃO DE PAIDE. PARA LINDA PEIPS. TELEGRAMA. *Cara Linda Peips! Eu e meus camaradas do fundo do coração agradecemos. Por todos os bons resultados alcançados. O esforço abnegado pelo bem da Pátria enobrece a vida de cada ser humano com a sensação de ser ele um participante da luta pela obtenção dos ideais comunistas.*

*Permita-nos também parabenizá-la com a maior sinceridade pelo inesquecível acontecimento: seu ingresso nas fileiras do Partido Comunista. O Partido é a vanguarda da sociedade soviética, seu destaque glorioso e progressista.*

LEONID BRÉJNEV.

65. Aqui e adiante, há evidentes falhas estilísticas. (Nota do autor.)

As calças do editor Turónok rasgaram atrás, no assento. Elas rasgaram sem esforço nem ruído; a costura simplesmente se desfez. Essa é uma das inconveniências da macia flanela importada.

Por volta das doze horas, Turónok se aproximou do balcão do bar do jornal. O azul fluorescente das ceroulas do editor se descortinou com propriedade a toda a sua corja de bajuladores, que, servis, lhe deixaram passar sem fazer fila.

Os funcionários começaram a se entreolhar.

Eu conto essa história tão pormenorizadamente em razão de duas circunstâncias. Primeiro, porque qualquer humilhação passada por um superior é uma grande fonte de alegria para mim. Segundo, o rasgão nas calças de Turónok teve certa influência no meu destino.

Mas voltemos ao episódio do balcão.

Os funcionários começaram a se entreolhar. Alguns com maldade, outros com compaixão. Os exultantes pela desgraça alheia eram sinceros; os compassivos, hipócritas. E nesse momento, como sempre, apareceu o capacho número um, com ar desinteressado e patético. Essa criatura idolatrava a tal ponto os chefes que os confundia com a pátria, a época, o universo...

Resumindo, apareceu Édik Váguin.

Em qualquer redação de jornal há sempre uma pessoa que não quer, não pode e não deve escrever. E não escreve por anos. Todos se habituam a isso e não se espantam mais. Sobretudo porque jornalistas do tipo Váguin estão invariavelmente extenuados e febrilmente preocupados. Chablínski, com sua graça peculiar, chamava esse estado de “vaguinal”...

Váguin estava todo o tempo com pressa, cumprimentava as pessoas de maneira abrupta e nervosa. No começo, eu, ingênuo, pensei que ele fosse alcoólatra. Entre as inúmeras modalidades da ressaca existe uma variação específica. É um estado de fuga torturante da luz do dia. A mobilidade vibrante de um fugitivo que é perseguido por remorsos da consciência...

Depois eu soube que Váguin não bebia. E, se um homem não bebe e não trabalha, isso faz a gente pensar.

— Um homem misterioso — dizia eu.

— Váguin é um dedo-duro — explicou-me Bykovier —, o que há de misterioso nisso?

Na época, nosso escritório se localizava na rua Pikk. Bem em frente ao prédio do KGB (rua Pagari, 1). Váguin passava todo dia por ali. Ou quase todo dia. Da janela nós o víamos atravessar a rua.

— Váguin está fazendo hora extra! — gritava Chablínski...

A propósito, de novo perdemos o fio da meada.

... Os funcionários começaram a se entreolhar. Váguin tocou suavemente no ombro do editor.

— Chefe... Um probleminha na sua roupa...

E aqui o editor cometeu um erro. Precipitado, ele agarrou a braguilha com as duas mãos. Mais precisamente... Enfim, aquele lugar... Fez o que os músicos chamam de *glissando*. (Uma rápida passagem dos dedos pelas teclas.) Convenceu-se de que as fronteiras estavam bem protegidas. Ficou vermelho de raiva:

— O senhor deveria achar melhor aplicação para o seu humor.

Ele se virou e saiu, banhando os subordinados com o brilho neón de sua peça íntima. Depois se deu uma conversa curta e um tanto misteriosa.

Chablínski aproximou-se do desencorajado Váguin.

— Não devia se intrometer — disse ele —, assim é mais cômodo...

— Mais cômodo para quem? — olhou-o de soslaio Váguin.

— Para você, naturalmente...

— O que é mais cômodo?

— Isso mesmo...

— Mas o que é mais cômodo?  
— Isso...  
— Mas o quê? O que é mais cômodo? — pôs-se a gritar Váguin. — Que ele me diga!  
— Vá para o inferno! — depois de um momento de silêncio, disse Chablínski.  
— É isso mesmo! — triunfou o dedo-duro.  
Váguin era um dedo-duro medíocre, desajeitado e inconsistente.

Mal tive tempo de sentir pena dele, o editor me chamou. Fiquei um pouco preocupado. Eu tinha acabado de redigir um artigo de duzentas linhas. O título: “Papai é maior que o sol”. Sobre uma mostra de desenhos infantis. O que será que ele quer de mim? E, para completar, esse maldito rasgão em suas calças. Talvez o editor pense que eu tenha tramado a coisa toda. Já houve um caso semelhante. Um dia eu preparava uma reportagem detalhada sobre uma exposição de cães tipo bibelô. O editor, um amante de animais, apareceu em um carro oficial para dar uma olhada nos cachorrinhos. E, nesse momento, caiu um temporal. Turónok se afligiu e disse:

— É impossível trabalhar com o senhor...  
— O que quer dizer?  
— Sempre algum acontecimento inesperado...

Como se eu fosse Zeus e tivesse armado o temporal com algum intuito.

... Entrei em seu escritório. O editor perambulava entre um Lênin de gesso e um *stereo* Estônia.

Uma imagem de Lênin é um atributo indispensável a qualquer escritório de nomenclatura. Conheci uma única exceção, e apenas em parte. Eu tinha um camarada chamado Avdéiev. Ele era secretário executivo do jornal juvenil. Seu pai era um ator provinciano de Lugansk. Durante anos ele havia interpretado Lênin em seu teatro dramático. Assim Avdéiev saiu-se

dessa com astúcia. Ele cravou sobre sua mesa uma fotografia enorme: seu pai no papel de Ilitch.<sup>66</sup> Não havia motivo para queixas: não deixava de ser Lênin, embora fosse seu pai...

... Turónok continuava seu passeio entre o busto e a radiola. E o rasgão, como pude constatar, continuava em seu devido lugar. Se é que é possível se expressar dessa maneira. Se é que a vergonha possui um lugar legítimo...

Finalmente, o editor atacou:

— Sabe, Dovlátov, o senhor sabe manejar a pena!

Fiquei calado, sem corar pelos elogios...

— O senhor sabe observar, perceber... Sejam sinceros, o nível cultural dos jornalistas russos na Estônia como que deixa a desejar. O ritmo do crescimento ideológico, digamos assim, adiantou-se em relação ao ritmo do crescimento cultural. Basta lembrarmos a última reunião dos ativistas. Kliónski não sabia o que é um sinônimo. Tólstikov afirmou, devo notar, no editorial: "... Os comunistas da fábrica devem estar liquidando nos próximos meses esse inadmissível *status quo*...". Repiétski intitulou o editorial de agricultura de "Ovos bons de exportar!"... Gosta disso?

— Um pouco íntimo...

— Enfim. O senhor possui erudição e senso de humor. Tem um estilo original. Falta-lhe um pouco de concentração, disciplina... Pois bem, está na hora de agarrar-se ao trabalho. De sair, como se diz, para a vastidão do grande jornalismo. Tenho aqui uma consideração curiosa. Informam da região de Paide... Uma tal Peips deu uma quantidade recorde de leite...

— Peips é uma vaca?

— Peips é a ordenhadora. Além disso, é deputada do Soviete da República. Seus índices batem recordes. Algo como duzentos litros, ou talvez dois mil... Em resumo, uma quan-

66. Ilitch é o patronímico de Vladímir Lênin e se tornou seu apelido na cultura popular.

tidade imensa. Verifique isso no Comitê Regional do partido. Nós pensamos na seguinte operação. A ordenhadora endereça um relatório ao camarada Bréjnev. O camarada Bréjnev lhe responde — vamos pedir uma aprovação disso. É preciso redigir a carta ao camarada Bréjnev. Participar das cerimônias. Reproduzi-las na imprensa...

— Mas isso é para a seção de agricultura.

— O senhor irá como correspondente especial. Não podemos confiar uma missão como essa a qualquer um. Clichês jornalísticos são inoportunos nesse caso. Precisamos de um toque humano, entende? Enfim, é preciso agir. O senhor receberá ajuda de custo para a viagem. E que Deus o acompanhe... Vamos mandar um telegrama ao Comitê Regional... E outra coisa. Leve em consideração o seguinte. Ao ponderar os resultados do concurso da redação, o júri dará preferência às matérias de caráter social.

— Isso significa?

— Isso significa que será dada preferência às matérias que tenham importância para a sociedade.

— E eu que pensava que todas as matérias têm importância para a sociedade...

Turónok me fitou com uma leve irritação:

— Em certa medida, todas têm. Mas o grau de importância pode ser maior ou menor.

— Ouvi dizer que pagam mais aos atores no papel de Lênin do que no papel de Otelo...

— É possível. E estou convencido de que é justo. Pois o ator assume uma responsabilidade enorme...

... Durante a conversa eu fui invadido por uma sensação estranha. Alguma coisa no editor me parecia fora do comum. E então compreendi que a razão disso era o rasgão. O rasgão como que nos nivelou. Eliminou a superioridade de seu alto cargo. Colocou-nos em pé de igualdade. Eu me dei conta de que éramos parecidos. Dois homens assalariados de certa

idade vestindo (devo revelar um pequeno segredo) ceroulas azuis idênticas. Pela primeira vez senti simpatia por Turónok. Eu disse:

— Guénrikh Frántsevitch, suas calças rasgaram atrás.

Turónok se aproximou calmamente de um grande espelho, inclinou-se e, convencido do fato, disse:

— Meu querido, faça-me uma gentileza... Vou lhe dar li-nha... Tenho aqui no cofre... Não peço por obrigação, mas por amizade... Apenas alguns pontinhos... Não posso pedir algo assim a Pliúkhina...

Vália<sup>67</sup> Pliúkhina era o símbolo sexual do jornal, uma diva. Tinha uma voz cheia de floreados, como uma cantora de ópera. E o hábito idiota de morder... A propósito, de novo perdemos o fio da meada...

— ... Não posso pedir algo assim a Pliúkhina — dizia o editor.

Seu subconsciente em ação, pensei.

— Faça, meu querido.

— Em que sentido? Quer que eu costure?

— Dê uns pontos.

— Basicamente, eu não sei costurar...

— Faça como puder...

Resumindo, eu costurei as calças de Turónok. Fazer o quê?...

Passei pelo laboratório de fotografia para ver Jbankóv.

— Arrume suas coisas e vamos — disse eu.

— Um momento — animou-se Jbankóv —, estou indo. Só que tenho apenas quarenta copeques. E o Jora está me devendo setenta...

— Ah, não me refiro a isso. Temos um trabalho.

— Trabalho? — falou Jbankóv, arrastando as palavras.

— Por acaso não precisa de dinheiro?

67. Vália, diminutivo de Valentina.

— Preciso. De uns quatro rublos até sair o vale.  
— O editor propôs uma reportagem, seria uma viagem de três dias.  
— Para onde?  
— Paide.  
— Ah, vamos comprar *vobla*!<sup>68</sup>  
— Como eu dizia... Vamos.  
Liguei para Turónok pelo ramal interno:  
— Posso levar o Jbankóv?  
O editor ficou pensativo:  
— Falando honestamente, o senhor e Jbankóv fazem uma combinação perigosa.  
De repente ele pareceu lembrar-se de algo e disse:  
— Ele fica sob sua responsabilidade. E lembre: a missão é séria.

Foi assim que comecei a fazer carreira. Antes disso, eu era como o rublo soviético: todos o amam e ele não tem como cair. Com o dólar é diferente. Ele ganhou tal altura que só pode cair e cair...

A viagem começou de modo atípico. Mais precisamente: Jbankóv apareceu na estação completamente sóbrio. Nem o reconheci de imediato. Estava de terno, com uma expressão meio triste...

Sentamos, acendemos um cigarro.

— Muito bem — disse eu —, você está em forma.

— Sabe, decidi pôr um freio. A coisa virou um estorvo. Afinal, tenho família, filhos... O mais velho já está com quatro anos. Lera passou no jardim de infância e a diretora só a ele elogiou. Diz que o menino é desenvolvido, esperto, cheio de energia, e se masturba... Puxou ao pai... Sabe, um pedacinho de gente, e já compreende as coisas...

68. *Vobla*, peixe de família das carpas (*Cyprinidae*) que se come seco e defumado, muitas vezes como acompanhamento de bebidas.



Sobre a cabeça de Jbankóv, algo tiniu em sua bolsa de correspondente: o trem pôs-se em marcha.

— O que acha, o bar está aberto? — perguntou Jbankóv.

— Mas você já tem aí.

— De onde tirou isso?

— Algo acabou de tinir.

— E se fossem os produtos químicos para revelação?

— Conte outra...

— Na verdade, claro que trouxe algo. Mas pense bem. Vamos chegar às seis da manhã. Loucos por um gole para aliviar a ressaca.<sup>69</sup> O que faríamos? Tudo estará fechado. Um vácuo. Uma voz no deserto...

— O secretário do Comitê Regional irá nos encontrar.

— E viria com meia garrafa? Ele não sabe que laia de pessoas somos nós.

— E quem é que queria pôr um freio nisso?

— Eu queria, por um tempo. E já se passaram quase vinte e quatro horas. Uma era...

— O bar está aberto — disse eu.

Nós andamos pelos vagões. Nas cabines privativas estava silencioso. As passadeiras acarpetadas em tom castanho-acinzentado abafavam os passos. Nos vagões comuns, tínhamos que nos desculpar o tempo todo e passar por cima de sacos e de cestas com maçãs...

Uma ou duas vezes nos dirigiram palavrões, mas sem maldade. Jbankóv disse:

— Por sinal, tenham modos!

As saídas dos vagões zuniam do vento gelado. Nas passagens entre os carros, envolvidas por portas pesadas com maçanetas baixas de alumínio, o ruído aumentava.

69. Na Rússia, era costume beber para amenizar a ressaca.

Havia poucos fregueses no restaurante. Ao lado da janela, sentavam-se dois maiores com os semblantes vermelhos. Seus quepes estavam sobre a mesa. Um deles, excitado, dizia ao outro:

— Onde está sua linha de referência, Vítia? É preciso de uma linha de referência. Sem ela, você mesmo sabe...

Seu interlocutor retrucou:

— Houve um fato? Houve... E um fato é um fato. Diante de um fato, como se diz...

Num canto havia se acomodado uma família judia. A menina, cheiinha e bonita, envolvia uma colher de chá na borda da toalha de mesa. O menino, um pouco mais velho, volta e meia olhava para o relógio. O pai e a mãe conversavam entre si a meia-voz.

Nós pegamos um lugar no balcão. Jbankóv ficou um tempo calado e então disse:

— Serj, explique uma coisa, por que as pessoas odeiam os judeus? Suponhamos que eles tenham crucificado Cristo. Claro que não deviam ter feito uma coisa dessas. Mas quantos anos já não passaram?... E depois, veja bem. Judeus, judeus... Váguin é russo, Tólstikov é russo. E eles não teriam apenas crucificado, mas devorado Cristo vivo. É para esse lado que o antissemitismo deveria se direcionar. Para Váguin e Tólstikov. Sinto um antissemitismo horrível por tipos assim. E você?

— Naturalmente.

— Seria bom aplicar o antissemitismo contra Tólstikov! E em geral... contra todos os membros do partido...

— Sim — disse eu —, não seria nada mal... Só não grite.

— Mas, ao mesmo tempo, preste atenção... Está vendo os quatro ali sentados? Não se vire... Estão sentados de maneira natural, mas alguma coisa neles me irrita. Um dos nossos podia sentar no próprio vômito, e eu nem ligaria! Aqueles baba-cas perto da janela são dois vândalos, e tudo bem! Enquanto aquelas pessoas estão sentadas tranquilamente, e por alguma

razão eu sinto raiva. Talvez por viverem bem. Mas eu poderia viver tão bem como elas. Se não fosse pela maldita mangaça. Por sinal, onde o pessoal do restaurante se meteu?...

Um major dizia ao outro:

— É preciso de uma escala de valores, Vítia. Uma verdadeira escala de valores. Além de um ponto de referência. Sem uma escala de valores e um ponto de referência, julgue você mesmo...

O outro retrucou como antes:

— Existe um fato, Kólia. E um fato é um fato, por mais que você dê voltas. O fato é a realidade, Kólia! Ou seja, é algo factual...

A menina deixou cair a colherzinha, que fez um tinido. Os pais, em voz baixa, chamaram a atenção da filha. O menino espiou o relógio...

Apareceu a balconista, com cachos cor de cera para assoalho. Atrás dela vinha o garçom com uma bandeja na mão. Ele serviu a família judia.

— É claro — Jbankóv se ofendeu —, os judeus são sempre os primeiros...

Em seguida, ele se aproximou do balcão.

— Uma garrafinha de vodca, naturalmente... E algo leve, para a *brüderschaft*...<sup>70</sup>

Brindamos, bebemos. De vez em quando o trem freava, e Jbankóv segurava a garrafa. E com a segunda fez o mesmo.

Finalmente ele ficou excitado, vermelho e um tanto macante.

70. *Brüderschaft*, do alemão, “amizade íntima”. Usado ironicamente pela personagem, trata-se de um brinde feito com as taças de vinho cruzadas em sinal de amizade, normalmente seguido de um beijo.

— Meu velho, eu trabalho com a teleobjetiva! — gritava ele. — Entende, com a teleobjetiva! Sou um artista por natureza! E fotografo sandices. Esses focinhos não servem para a objetiva. Outro dia fotografei um sujeito. Uns oito quilos de condecorações. E elas brilham, refletem luz, era como bater uma foto contra o sol... Que tortura. Você não pode imaginar! E deram uma ordem de pagamento de apenas seis rublos pela foto! Seis rublos! Eles que ousassem pedir para Aivazóvski pintar os rebocadores<sup>71</sup> por seis rublos... Eu sou um artista...

Já havia passado da meia-noite. Com muito esforço consegui levar Jbankóv de volta para a cabine. Com um esforço ainda maior o coloquei na cama. Estendi uma aspirina para ele.

— É veneno? — perguntou Jbankóv e começou a chorar.

Deitei e me virei para a parede.

O cabineiro nos acordou dez minutos antes de nossa parada.

— Ainda estão dormindo e já passamos pela estação de Õhja — anunciou ele, com ar descontente.

Jbankóv ficou longo tempo com os olhos perdidos no espaço. E depois disse:

— Quando os cabineiros se reúnem, um deles na certa deve dizer aos colegas: “Posso perdoar qualquer coisa. Mas, quando alguém está dormindo e nós já passamos por Õhja, isso a gente não esquece...”

— Levante-se — disse eu —, vão nos encontrar na estação. Vamos ao menos passar uma água na cara.

— Seria bom comer algo quente — falou Jbankóv com jeito sonhador.

Peguei uma toalha, separei a escova de dentes e o sabonete. E também a gilete.

71. Ivan Aivazóvski (1817–1900), pintor russo de origem armênia, conhecido por suas paisagens marítimas. A personagem atribui erroneamente a Aivazóvski a autoria do quadro *Rebocadores do Volga* (*Burlaki na Volgue*, 1870–1873), de Iliá Riépín (1844–1930).

— Para onde vai?

— Abater um cordeiro. Você não queria algo quente?

Quando voltei, Jbankóv calçava os sapatos. Ele tentou conduzir uma conversa filosófica: “Quanto a gente bebeu ontem?...”. Mas eu o interrompi.

Já estávamos nos aproximando. Do outro lado da janela, desenhava-se a paisagem da estação. Um prédio construído antes da guerra de janelas achatadas e um relógio cheio de luz.

Saímos para a plataforma, que estava úmida e escura.

— Não estou ouvindo as trombetas — disse Jbankóv.

Mas em nossa direção, chamando-nos por gestos, veio correndo um homem alto com ar diligente.

— Camaradas da redação? — perguntou ele, sorrindo.

Dissemos nossos sobrenomes.

— Queiram me acompanhar.

Um carro nos aguardava perto do banheiro (interessante, por que a arquitetura das latrinas das estações lembra tanto as obras-primas de Rastrelli?).<sup>72</sup> Ao lado do carro, um homem atarracado vestindo uma gabardina marcava passo.

— Secretário do Comitê Regional Liivak — apresentou-se o homem.

Revelou-se que aquele que tinha nos recebido na plataforma era o motorista. Os dois falavam quase sem sotaque. Talvez fossem estonianos vindos de Vólossovo...<sup>73</sup>

— Para começo de conversa, um café da manhã! — anunciou Liivak.

Jbankóv se animou visivelmente.

— Mas está tudo fechado — disse ele, afetado.

— Daremos um jeito — assegurou o secretário do comitê.

72. Bartolomeo Rastrelli (1700–1771), arquiteto italiano que trabalhou por anos na Rússia, sendo um dos expoentes do barroco russo.

73. Vólossovo, região do distrito de Leningrado.

As pequenas cidades da Estônia são acolhedoras e simpáticas. De manhãzinha Paide parecia completamente sem vida, como um desenho. Na penumbra, letras azuis de neón tremulavam.

— Como foi a viagem? — perguntou Liivak.

— Excelente — respondi.

— Estão cansados?

— Nem um pouco.

— Mesmo assim vão descansar, fazer o desjejum...

Passamos pelo centro da cidade, com uma clínica de tuberculosos e o prédio amarelo do Comitê Regional. Em seguida, de novo nos vimos no labirinto horizontal das ruas estreitas do subúrbio. Duas ou três curvas bruscas e pegamos a rodovia. À esquerda, uma floresta. À direita, o litoral plano e a superfície lisa e cintilante das águas.

— Para onde estão nos levando? — sussurrou Jbánkóv. — Será que para a cela dos bêbados?<sup>74</sup>

— Já estamos chegando — Liivak como que adivinhou seus pensamentos —, temos aqui uma espécie de pousada. Com um círculo limitado de hóspedes. Só para convidados...

— Eu não te disse? — entusiasmou-se Jbankóv.

O carro parou perto de um predinho de um andar à beira de um rio. Paredes brancas de tábuas, um nauseante telhado de zinco canelado, uma garagem... Das chaminés, animando a paisagem, fumaça levantava-se preguiçosamente. Degraus de cimento conduziam da porta até um pequeno cais. No atracadouro, destacava-se a ponta afiada e levemente inclinada de um iate branco.

— Bem — disse Liivak —, deixe-me apresentá-los.

74. No original, *vytrezvílovka*, de *vytrezvítel*, posto antiembriaguez sob controle do Ministério para Assuntos Internos. As últimas unidades foram fechadas em 2011.

Na porta se achava uma jovem mulher com cerca de trinta anos, vestindo um casaco de lona alcatroada e jeans. Tinha um rosto vivaz, amigável e algo simiesco, olhos escuros e dentes grandes e regulares.

— Bella Tkatchenko — apresentou-se ela — segunda secretária do Comitê Regional do Komsomol.<sup>75</sup>

Eu disse meu sobrenome.

— Fotógrafo-artista Jbankóv, Mikhail — Jbankóv falou em tom baixo e enfático, fazendo um estalido com os saltos gastos dos sapatos.

— Bella Konstantínovna será sua anfitriã — disse Liivak em tom amigável —, os senhores poderão descansar aqui... Temos dois dormitórios, um escritório, uma sauna finlandesa, uma sala de estar... Equipamentos esportivos, uma pequena biblioteca... Tudo foi preparado, os senhores mesmos verão...

Em seguida ele disse algo em estoniano.

Bella assentiu com a cabeça e gritou:

— Evi, *tule sinne*!<sup>76</sup>

No mesmo instante, apareceu uma moça bem novinha, toda vermelha, de shorts e camiseta sem mangas. Suas mãos estavam cobertas de cinzas.

— Evi Saksson — apresentou-a Liivak — correspondente do jornal regional juvenil.

Evi colocou as mãos nas costas.

— Não vou atrapalhar — disse o secretário com um sorriso. — Basicamente, o programa é o seguinte. Descansem, tomem café. Por volta das três espero os dois no comitê. Vou carimbar a papelada da viagem. Os senhores irão conhecer a

75. Komsomol, acrônimo de *Kommunistícheskii soiuz molodióji* (Organização da Juventude Comunista), para jovens de 14 a 28 anos.

76. *Tule sinne*, “venha cá”, mistura do estoniano e do finlandês (a forma correta estoniana seria *Tule siia*).

heroína. Forneceremos os dados necessários. A matéria deve estar pronta pela manhã. Agora, peço sua licença, tenho alguns assuntos a resolver...

O secretário do Comitê Regional desceu energicamente a escada do patamar da entrada. Em um segundo, ouviu-se o barulho do motor.

Houve uma pausa incômoda.

— Entrem, entrem — deu-se conta Bella.

Nós passamos para a sala. Do lado oposto à janela faguhava uma lareira decorada com ladrilhos verdes de faiança. Nos cantos havia poltronas baixas e fundas.

Elas nos conduziram ao dormitório. Duas camas largas haviam sido cobertas com mantas xadrez de pelo de camelo. Sobre o criado-mudo estava aceso um pesado candelabro carmesim que iluminava o teto com uma luz rosada e vacilante.

— Seus aposentos — disse Bella. — Daqui a vinte minutos venham tomar o café da manhã.

Jbankóv sentou-se na cama com cuidado. Por alguma razão, tirou os sapatos. E começou a falar assustado:

— Serj, onde viemos parar?

— Qual é o espanto? Simplesmente estamos ascendendo.

— Em que sentido?

— Nos passaram um trabalho importante.

— Você reparou na mulherada? São fora de série! Nem no GUM<sup>77</sup> vi moças como essas. Qual das duas prefere?

— As duas não são de jogar fora...

— E se tudo não passar de provocação?

— O que quer dizer?

— Você pam com ela, entende...

— E?

77. GUM (acrônimo de *Gossudárstvennyi Universálnyi Magazin*, Grande Loja Estatal), um dos principais *shoppings* de Moscou, construído em 1893 e localizado ao lado da Praça Vermelha.



— E por isso acaba em cana!  
— Não precisa ir logo para o pam. Relaxe, puxe uma conversa...

— O que quer dizer com puxar uma conversa?

— Uma conversa é quando as pessoas trocam ideias.

— Ahã — disse Jbankóv.

De repente ele ficou de gatinhas e olhou debaixo da cama. Então, com ar desconfiado, examinou demoradamente a tomada.

— O que está fazendo? — perguntei eu.

— Estou procurando um microfone. Aqui, com certeza, têm um microfone. Um aparelho de escuta. Um conhecido meu, um bebum, me falou sobre isso...

— Depois você procura. Está na hora do café.

Nós nos lavamos rapidamente. Jbankóv trocou a camisa.

— O que acha — perguntou ele —, devo aparecer com meia garrafa?

— Não se apresse — disse eu —, pelo visto aqui não falta nada. Além do mais, precisamos passar pelo comitê hoje.

— Não estou falando para bebermos até cair. Só assim, para a *brüderschaft*...

— Não se apresse — disse eu.

— Outra coisa — pediu Jbankóv —, não me venha com seus papos cabeça. Outro dia você e Chablínski tomaram umas e outras, e a noite toda repetiram: “Hipóstase, hipóstase...”. Escolha alguma coisa mais leve. Serguei Iessiénin ou piadas do tipo rádio armênia...<sup>78</sup>

— Está bem — eu disse —, vamos.

78. Uma fórmula de anedota soviética, usada especialmente nos anos 1960/70: “A rádio armênia pergunta...”, então se seguia uma pergunta absurda ou paradoxal.

A mesa estava posta na sala. Um sortimento padronizado provido pelo Comitê Central: frios de primeira, caviar, atum, suspiros cobertos de chocolate.

As moças usavam agora blusinhas claras e sapatos de salto na moda.

— Sentem-se — disse Bella.

Evi apanhou a bandeja:

— Querem beber alguma coisa?

— Como não?! — disse meu amigo. — Recusar não seria cristão.

Evi trouxe algumas garrafas.

— Temos conhaque, gim com tônica, vinho — ofereceu Bella.

Jbankóv de repente ficou tenso e disse:

— *Pardon*, conheço esse conhaque... Ele se chama KVN...

Ou NKVD...<sup>79</sup>

— KVVK — corrigiu Bella.

— Dá na mesma... Custa dezesseis e vinte... Por esse preço compro três garrafas de vodca.

— Não se preocupe — acalmou-o Bella.

Evi perguntou:

— O senhor é alcoólatra?

— Sou — respondeu Jbankóv honestamente —, mas na medida certa...

Eu servi o conhaque.

— Ao nosso encontro — disse eu.

— Ao nosso agradável encontro — acrescentou Bella.

— Vamos beber — disse Jbankóv.

79. KVN (acrônimo de *Klub Vessiólykh i Nakhódtchivyykh*, Clube dos Alegres e Engenhosos), programa russo humorístico existente desde 1961. NKVD (acrônimo de *Naródníy Komissariat Vnútrennikh Del*, Comissariado do Povo para Assuntos Internos, 1934–1943), responsável pela segurança do estado soviético, sendo depois substituído pelo Ministério para Assuntos Internos.

Fez-se silêncio, apenas interrompido pelo barulho dos talheres.

— Contem alguma coisa interessante — pediu Evi.

Jbankóv acendeu um cigarro e começou:

— A vida, meninas, no fundo, é um caleidoscópio. Hoje é uma coisa e amanhã outra. Hoje você toma umas biritas e amanhã, de uma hora para outra, bate as botas... Serj, lembra daquele fiasco com os cadáveres?

Bella inclinou-se para a frente:

— Contem.

— Ilves, o intendente do estúdio de televisão, morreu. Ou quem sabe fosse diretor, não lembro. Enfim, morreu e ponto... E, no fim, fez bem em morrer... Nós enterramos o homem, tudo conforme manda o figurino... Vieram os rapazes da televisão. Uma transmissão ao vivo... Discursos, é lógico... Começam as despedidas. Eu me aproximo do dito-cujo e reparo que... não é o Ilves... Será que eu não conheço o Ilves?... Tirei centenas de fotos dele. E, no caixão, um homem desconhecido...

— Vivo? — perguntou Bella.

— Por que vivo? Morto, é lógico, como deve ser. Só que não era o Ilves. O fato é que trocaram os corpos no necrotério...

— E como a história terminou? — perguntou Bella.

— Terminou assim mesmo. Enterraram o desconhecido. Não se interrompe uma transmissão ao vivo. E de noite trocaram os caixões... E, na verdade, qual é a diferença?! A essência da coisa é a mesma, só que é diferente... Como me expressar melhor?

— Hipóstases — sugeri eu.

Jbankóv me ameaçou com o punho.

— Que pesadelo — disse Bella.

— Acontecem coisas piores — entusiasmou-se Jbankóv — , vou contar como um camarada se enforcou... Mas, primeiro, vamos beber.

Eu servi o resto do conhaque. Evi cobriu a taça com a palma da mão.

— Já estou bêbada.

— Nada a declarar! — disse Jbankóv.

As moças também começaram a fumar. Jbankóv esperou por silêncio e continuou:

— E como ele se enforcou — é uma comédia só. O sujeito bebia à beça. Sua mulher, é lógico, passava os dias ralhando com ele. Então, ele decidiu se enforcar. Não para sempre, mas ilusoriamente. Em resumo, aprontar uma para a bruaca. Sua mulher saiu para trabalhar. Ele se prendeu no lustre pelos suspensórios e ficou pendurado. Ouviu passos. A mulher estava voltando do serviço. Ele fechou os olhos. Para manter as aparências, é lógico. Só que não era sua mulher. A vizinha, de uns oitenta anos, tinha ido lá tratar de algum assunto. Ela entrou e viu o homem pendurado...

— Que horror — disse Bella.

— Mas a velha mostrou ser osso duro de roer. Não desmaiou, longe disso... Ela se aproximou do sujeito e começou a revirar os bolsos dele. Ele sentiu cócegas e caiu na risada. Nesse momento, a velha apagou. E para sempre. Ele continuava pendurado. Sem conseguir se desenganchar. Sua mulher chegou e viu a cena. A velha caída e o marido pendurado. Ela apanhou o telefone e discou: “Vássia,<sup>80</sup> a minha casa parece um conto das mil e uma noites... Em compensação agora estou livre. Venha para cá...”. Então o marido disse: “Que ele venha... Vou arrancar os olhos desse veado...”. Nesse momento sua mulher também apagou. E também para sempre...

— Que horror — disse Bella.

80. Vássia, apelido de Vassíli.

— Acontecem coisas ainda piores — disse Jbankóv —, vamos beber!

— A sauna está pronta — disse Evi.

— Quer dizer que precisamos tirar a roupa? — perguntou Jbankóv, apreensivo, ajeitando a gravata.

— É claro — disse Bella.

— Pode desprender a perna — disse eu.

— Que perna?

— A perna de pau.

— O quê? — gritou Jbankóv.

Ele se curvou e levantou bem alto as duas pernas da calça. Suas panturrilhas fortes e azuladas estavam comprimidas por ligas coloridas fora de moda.

— Jogo futebol até hoje — não se continha Jbankóv. — Temos um terreno baldio perto de casa... A criançada treina ali... Às vezes, na ressaca, a gente passa por lá...

— A sauna está pronta — disse Evi.

Fomos parar num vestiário. Nas paredes foram pendurados cartazes exóticos. As moças desapareceram atrás de um biombo.

— Serj, nossa alma voou para o paraíso! — sussurrou Jbankóv.

Ele se despiu depressa, à maneira dos soldados. Ficou de cuecas largas de cetim. Em seu peito havia uma tatuagem azul, feita com pólvora. Uma garrafa e um cálice, um perfil de mulher, e um ás de copas. E, no meio, uma inscrição desenhada com a escrita floreada eslava: “Eis o que me arruinou!”

— Vamos — disse eu.

No cubículo, que estilizava uma isbá, fazia um calor insuportável. O termômetro marcava noventa graus. Éramos obrigados a jogar água fria nas tábuas incandescentes.

As moças vestiam biquínis vistosos e moderninhos: duas tirinhas estreitas e perturbadoras em cada.

— Conhecem as regras? — disse Bella, sorrindo. — É preciso tirar os objetos de metal. Podem causar queimaduras...

— Que objetos? — perguntou Jbankóv.

— Grampos, presilhas, alfinetes...

— E dentes? — perguntou Jbankóv.

— Os dentes podem ficar — sorriu Bella e acrescentou: — Conte outra história.

— É para já. Vou contar como um sujeito inundou um casamento de bosta.

As moças se calaram, assustadas.

— Um camarada meu trabalhava num caminhão de saneamento. Recolhia aquilo mesmo. Ele tinha uma namorada muito refinada. “Você tem um cheiro ruim”, ela dizia. E o que ele podia fazer? “Em compensação”, ele respondia, “eu ganho bem.” “Deveria trabalhar como taxista”, a moça lhe falava. “E quanto se recebe por isso? Uma titica de galinha?”... Passou-se um ano. Ela arrumou outro namorado. Sem cheiro. E a moça disse ao meu companheiro: “Chega. Não amo mais você. Acabou-se...”. Ele, claro, ficou na fossa. Enquanto os outros dois deram uma festa de casamento. Alugaram um refeitório público, começaram a beber e a farrear... Anoteceu... Nessa altura, meu amigo apareceu em seu caminhão de merda, *par-don*... Ele abriu o postigo, enfiou a mangueira ali dentro e ligou a bomba... E tinha no tanque pelo menos quatro toneladas de material... Os convidados ficaram cobertos até os joelhos. Uma confusão, gritos... “E sejam felizes!”... Chegou a polícia... Tiveram que interditar o refeitório. E meu camarada recebeu uma pena de sete anos... Tal história...

As moças estavam quietas e um pouco desalentadas. Eu mal conseguia aguentar o calor. Jbankóv se sentia em estado de glória.

Eu comecei a me aborrecer com tudo isso. O álcool gradativamente evaporava. Notei que Evi me lançava olhares. Não

sei se de susto ou se de respeito. Jbankóv sussurrava algo com ardor no ouvido de Bella Konstantínovna.

— Faz tempo que trabalha no jornal? — perguntei.

— Faz tempo — respondeu Evi —, quatro meses.

— Está gostando?

— Sim, gosto muito.

— E antes?

— O quê?

— Onde você trabalhava antes?

— Eu não trabalhava. Estava no colégio.

Ela tinha uma boca infantil e uma franja felpuda. Falava às pressas, de maneira esforçada e um pouco sem fôlego. Tinha o áspero sotaque estoniano. De vez em quando mutilava as palavras russas.

— E o que a atraiu para o jornal?

— Qual é o problema?

— Somos obrigados a mentir muito.

— Não. Eu faço revisão. Ainda não escrevo. Escrevi um artigo, mas disseram que ele não era bom.

— Sobre o quê?

— Sobre o sexo.

— Sobre o quê?!

— Sobre o sexo. É tema importante. Precisa jornais e livros especializados. As pessoas fazem sexo de qualquer forma, só que muita coisa errada.

— E você conhece a forma correta?

— Conheço. Eu estava casada.

— E onde está seu marido?

— Ele se afogou. Bebeu conhaque e se afogou. Ele cursou Tártu, química.

— Perdão — disse eu.

— Li muito seus artigos. Muito de engraçado... E sempre reticências... Reticências sem parar... Queria trabalhar em Tállin. Aqui o jornal é muito pequeno...

— Ainda trabalhará.  
— Eu sei o que você disse sobre o jornal. Muitos escrevem aquilo que não é verdade. Não gosto disso.  
— E do que você gosta?  
— Gosto de poesia, gosto dos Beatles... Devo dizer do que mais?  
— Diga.  
— Eu gosto um pouco de você.  
Tive a impressão de ter ouvido mal. Foi inesperado demais. Eu não imaginava que fosse tão fácil me constranger...  
— Você é tão lindo!  
— Em que sentido?  
— É a cópia de Omar Sharif.  
— Quem é Omar Sharif?  
— Ah, Sharif! É o número um!...

Jbankóv subitamente se levantou. Puxou a porta para si. Disparou desajeitadamente pela escada de cimento em direção à água. Parou por um segundo. Meneou os braços. Deu um berro indecoroso, animalesco, e desabou...

Jorraram respingos sedosos. Do fundo do rio agitado surgiram boiando latas, galhos e lixo.

Jbankóv desapareceu por uns três segundos. Em seguida veio à tona uma cabeça preta e desgrenhada com olhos loucos, como os de um cachorrinho de um mês. Jbankóv, cambaleando, saiu da água. Seus flancos magros aderiram-se esculturalmente às compridas cuecas de soldado.

Após correr cantando duas vezes ao redor do chalé: "Como é bom, irmãos, como é bom, como é bom viver",<sup>81</sup> Jbankóv sentou-se no chão e acendeu um cigarro.

— Então, como foi? — perguntou Bella.

— Nada mal — respondeu Jbankóv, depois de dar um estalido ruidoso na barriga com o elástico da cueca.

81. Canção popular dos cossacos (séc. XVIII).



— E o senhor? — perguntou Bella, dirigindo-se a mim.

— Prefiro o chuveiro.

No quarto vizinho havia um boxe com um chuveiro. Eu me lavei e comecei a me vestir.

“Uma moça tola de província de dezessete anos”, repetia a mim mesmo, “tomou três cálices de conhaque e ficou grogue...”

Fui para a sala, servi-me de gim e tônica.

Do lado de fora vinham gritos e o ruído da água.

Sem demora, apareceu Evi, corada, com o biquíni molhado.

— Está bravo comigo?

— Nem um pouco.

— Estou vendo... E se eu beijar você?...

Nesse ponto eu de novo me vi desnortado. Mesmo com toda a minha experiência de vida...

— Esse jogo que começou não é bom — disse eu.

— Não estou te enganando.

— Mas amanhã vamos embora.

— Você vem de novo...

Dei um passo em sua direção. Tentem manter o bom senso enquanto ao seu lado estiver uma menina de dezessete anos recém-saída do mar. Mais precisamente, do rio...

— Mas o que você está fazendo? O que está fazendo? — perguntei.

— É assim que a Judy Garland sempre beija — disse Evi.

— E ela também faz assim...

O ser humano é mesmo algo surpreendente! Ou será que eu sou o único?! Você sabe que é tudo uma mentira, uma mentira grosseira do Comitê do Partido, que tudo não passa de um engodo, e ainda com pátinas hollywoodianas... Você sabe de tudo e mesmo assim fica feliz como um adolescente...

Evi tinha ombros pontiagudos e sua coluna parecia feita de pedrinhas geladas do mar... Ela tremia e sussurrava gritinhos... Uma borboleta frágil e colorida em um punho não de todo fechado...

Nesse momento, ouviu-se um estrondo:

— *Pardon!*

Jbankóv apareceu na porta. Eu soltei Evi.

Ele pôs na mesa uma garrafa de vodca. Pelo visto, lançou mão de suas reservas.

— Já passou do meio-dia — disse eu —, estão nos esperando no comitê.

— Que rapaz ajuizado — disse Jbankóv, dando uma risadinha.

Evi foi se vestir. Bella Konstantínovna também trocou os trajes. Agora ela usava um terninho formal, sob medida para despachar relatórios e angariar votos.

E nesse ponto eu pensei: ah, se não houvesse esse comitê, essa vaca irritante!... Se eu pudesse morar aqui, sem nenhum trabalho sério... O iate, o rio, as moças... Elas podem mentir, coquetear, podem se passar por estrelas de Hollywood de segunda... Que dádiva é a malícia feminina!... Talvez eu tenha nascido para isso!... Tenho trinta e quatro anos e não passei nenhum dia, nem um único dia, livre de aflições... Se eu pudesse ao menos um dia viver sem pensamentos, sem preocupações, sem angústias... Nada disso: arrume-se para ir ao Comitê Regional... Onde há relógios, retratos, corredores, esse jogo sem-fim em prol da seriedade...

— Pessoal! Estou novo em folha! — anunciou Jbankóv.

Verti a vodca. Para mim — um copo cheio. Evi roçou de leve na minha manga:

— Não é para beber agora... Depois...

— Ah, está bem.

— Liivak espera por você.

— Tudo ficará bem.

— Como ficará? — zangou-se Jbankóv. — Tudo já está bem! Estou novo em folha! Vamos beber a isso!

Bella ligou o rádio. Um baixo-barítono cantava algo dolorosamente atual:

Não há verdade neste mundo tumultuado,  
Só existe o momento para você se fiar...  
Só uma faísca entre futuro e passado,  
E é justo a ela que todos chamamos vida!<sup>82</sup>

Nós viramos um copo, viramos outro. Evi estava sentada no chão perto da minha poltrona. Jbankóv tagarelava sem parar, volta e meia saía para ir ao banheiro. E a cada vez ele perguntava, com pompa: “Permitam-me explorar as instalações da casa?”. E sem falta acrescentava: “No sentido de dar uma mijada...”.

De repente me dei conta de que havia deixado passar o momento de parar. Fui tomado por coragem e uma leveza enganosa. Invadido por uma sensação de força e de impunidade.

— Que se dane o comitê! Michka,<sup>83</sup> sirva a bebida!

Então quem tomou a iniciativa foi Bella Konstantínovna:

— Meninos, vamos nos liberar da parte chata, e depois...

Vou pedir um carro.

E saiu para telefonar.

Enfiei minha cabeça debaixo da torneira. Evi tirou o pó de arroz e disse:

— Não pode olhar.

Em vinte minutos nosso táxi estava na porta do Comitê Regional. Jbankóv cantou o caminho todo:

82. *Só existe o momento* (*Est tolko mig*), música de Aleksandr Zatsépin e letra de Leonid Debreniév que aparece no filme *A terra de Sánnikov* (*Zemliá Sánnikova*, 1973), de Albert Mkrttchian. Há alterações na letra original.

83. Michka, diminutivo de Mikhail.

Com você não quero nenhuma conversa,  
Mânia, pare de dizer essas asneiras...  
Vou beber com minha turma e sair dessa,  
Os rapazes só sabem coisas maneiras...

É provável que a misteriosa Mânia personificasse o Comitê Regional e as esferas do partido...

Evi acariciava minha mão e, com seu sotaque, sussurrava no meu ouvido indecências perturbadoras. Bella Konstantínovna tinha uma expressão séria.

Ela nos conduziu pelos largos corredores do comitê. A cada momento alguém a cumprimentava.

No térreo se erguia um Lênin de bronze. No primeiro andar, outro Lênin de bronze, porém menor. No segundo andar, um Karl Marx com uma barba lembrando uma coroa funerária.

— Interessante, quem deve estar de plantão no terceiro andar? — perguntou Jbankóv, dando um risadinha.

Ali surgiu outro Lênin, mas dessa vez era de gesso...

— Esperem um momentinho — disse Bella Konstantínovna.

Nós nos sentamos. Jbankóv enterrou-se em uma poltrona funda. Seus pés, calçados nuns velhos *Skorokhód*,<sup>84</sup> esparramaram-se até o meio da sala de espera. Evi moderou um pouco seu ímpeto. Seus apelos amorosos absolutamente não condiziam com as propagandas ali expostas.

Bella entreabriu a porta:

— Entrem.

Liivak estava ao telefone. Sua mão livre gesticulava e nos encorajava a entrar.

Finalmente ele pôs o fone no gancho.

84. *Skorokhód* (Andador veloz), fábrica de sapatos fundada em 1882 em São Petersburgo.

— Descansaram?

— Eu, pessoalmente, sim — disse Jbankóv, convincente.

— Estou novo em folha...

— Muito bem. Agora vão até a granja.

— Para que isso?! — exclamou Jbankóv. — Ah, pois é...

— Aqui estão os dados referentes a Linda Peips... Índices laborais... Breve biografia... Certidões de incentivos... Onde está a papelada da viagem? É preciso carimbar tudo lá embaixo... Agora, se tiverem a noite livre, podem ir para algum lugar... O Teatro Dramático — é verdade que as peças são faladas em estoniano —, o Jardim Recreativo... No hotel *Inturist*, o bar funciona até a uma da madrugada... Bella Konstantínovna, organize para os camaradas uma pequena excursão...

— Posso ser honesto? — Jbankóv levantou a mão.

— Pois não — assentiu com a cabeça Liivak.

— Nós estamos entre amigos, não é?

— É evidente.

— Então, posso pôr tudo às claras, à moda dos marinheiros?

— Estou escutando.

Jbankóv deu um passo à frente e baixou a voz com ar conspirativo.

— Melhor converter em biritá!

— Como? — não compreendeu Liivak.

— Estou dizendo, converter em biritá!

Liivak, desorientado, voltou o olhar para mim. Eu puxei Jbankóv pela manga. Este deu um passo para o lado e continuou:

— No sentido: certa quantidade de vodca no lugar do teatro dramático! Eu, claro, peço encarecidamente perdão...

O pasmado Liivak dirigiu os olhos para Bella Konstantínovna. Ela escandiu bruscamente:

— O camarada Jbankóv e o camarada Dovlátov estão providos de todo o necessário.

— Muito vinho — acrescentou ingenuamente Evi.  
— O que significa “muito”?! — retrucou Jbankóv. —  
“Muito” é um conceito relativo.  
— Bella Konstantínovna, cuide do assunto — ordenou o  
secretário.  
— Bem à moda dos marinheiros — animou-se Jbankóv —  
, do nosso jeito!  
Eu decidi interferir.  
— Tudo está claro — disse eu —, tenho os dados comigo.  
O camarada Jbankóv irá fazer as fotos. A matéria estará pronta  
às dez da manhã.  
— Leve em consideração que a carta deve ser pessoal.  
Eu acenei positivamente com a cabeça.  
— Ao mesmo tempo, o país inteiro lerá a carta.  
Acenei de novo.  
— Ela deve parecer um relatório...  
Acenei pela terceira vez.  
— Mas um relatório dirigido a alguém muito próximo...  
Mais um aceno. Liivak estava ao meu lado, e eu receava  
deixar escapar vapores alcoólicos. Parece que mesmo assim  
deixei...  
— E não se entusiasmem, camaradas — pediu —, não se  
entusiasmem demais. O assunto é muito sério. Ajam com mo-  
deração...  
— Não quer uma foto de recordação com Dovlátov? —  
inesperadamente propôs Jbankóv. — São dois tipos pitores-  
cos...  
— Se possível, fica para uma próxima vez — respondeu  
Liivak com impaciência —, vamos nos ver amanhã.  
— Está bem — concordou Jbankóv —, vou fotografar o  
senhor em condições mais decentes...  
Liivak guardou silêncio...  
... Embaixo nos esperava um carro com o motorista da vés-  
pera.

— Vamos dar uma passadinha na granja, e pronto — disse Bella.

— É longe? — perguntei.

— Uns dez minutos de viagem — respondeu o motorista —, aqui tudo é perto.

— Seria bom fazer uma parada para abastecer — cochi-chou Jbankóv —, o combustível está no fim.

Em seguida, ele se dirigiu ao motorista:

— Chefe, encoste no primeiro mercado que encontrar. Mas bico fechado!

— Que me importa? — ofendeu-se o motorista —, ontem eu também dei uns goles.

— Quem sabe quer nos fazer companhia?

— Estou no trabalho... Tenho tudo pronto em casa...

— Bem, você é dono do seu nariz. Tem algum vasilhame?

— Óbvio que tenho!

O carro parou ao lado do mercadinho de um vilarejo. Pessoas apinhavam-se no balcão. Jbankóv, estendendo seis rublos, abriu caminho energicamente.

— Vou perder o voo, rapazes... O táxi está esperando, entendem... O filho doente. A vaca da minha mulher dando à luz...

Um minuto depois, ele apareceu com duas garrafas de vinho tinto de sobremesa.

O motorista lhe passou um copo embaçado.

— Que dê tudo certo!

— E sirva para mim — disse eu. — Já que é assim...

— E quem vai fotografar? — perguntou Evi.

— O Michka irá fazer tudo. Ele é um bom profissional.

Realmente, Jbankóv trabalhava de maneira admirável. A despeito do quanto tivesse bebido. Ou de seu equipamento rudimentar. Os fotógrafos correspondentes ganhavam máquinas japonesas que valiam quase cinco mil cada. Jbankóv não recebeu uma máquina japonesa. “De qualquer forma vai gastar em bebida”, disse o editor. Jbankóv fotografava com uma velha *Smiena* de nove rublos. Levava a máquina no bolso — havia perdido o estojo. Usava o mesmo revelador por semanas. Havia bitucas boiando na solução, mas as fotos saíam nítidas, espontâneas, com contrastes jornalísticos. Pelo visto ele tinha um dom especial...

Finalmente chegamos ao prédio da diretoria, revestido por incontáveis quadros informativos. Sobre o portão sobressaía uma faixa vermelha: “O osso, uma matéria-prima industrial inestimável!”. Ao lado do patamar da entrada, aglomeravam-se algumas pessoas. O motorista perguntou algo em estoniano e nos indicaram o caminho...

O estábulo era uma construção baixa e soturna. No alto da entrada, uma lâmpada empoeirada iluminava os degraus cobertos de estrume.

Bella Konstantínovna, Jbankóv e eu saímos do carro. O motorista fumava. Evi cochilava no banco traseiro.

Inesperadamente apareceu um homem coxo com uma bolsa militar de couro.

— Agrônomo-chefe Sávkín — apresentou-se ele —, façam o favor.

Nós entramos. Vacas pateavam atrás de tabiques de tábuas. Tiniam guizos, ressoavam suspiros pesados e o farfalhar acolhedor da palha. Os animais ociosos nos observavam languidamente.

... Há algo de lastimável numa vaca, algo de degradante e repulsivo. Em sua submissão resignada, em sua glotonaria e indiferença. Apesar dos chifres e do porte avantajado... Mesmo



a mais ordinária das galinhas tem uma presença mais independente. Enquanto aquela, uma mala cheia de carne e de farelo... Pensando bem, não sei absolutamente nada de vacas...

— Entrem, entrem...

Entramos em um cubículo. Havia cheiro de leite azedo e de esterco. A mesa havia sido coberta com um oleado azul. Uma lâmpada suspendia-se por um fio retorcido. Ao longo da parede, amontoavam-se caixas amarelas de compensado com roupas. Num canto, brilhava a máquina para ordenhar.

Ao nosso encontro, levantou-se uma mulher de meia-idade usando um casaquinho verde. Em seu peito caído, reluziam emblemas e condecorações.

— Linda Peips! — exclamou Sávkin.

Nós nos cumprimentamos.

— Vou deixá-los a sós — disse o agrônomo-chefe —, se precisarem de algo, liguem pelo ramal interno, 2-2-6...

Nós nos acomodamos com dificuldade. Jbankóv tirou do bolso a máquina fotográfica.

Linda Peips parecia um pouco embaraçada.

— Ela só fala estoniano — disse Bella.

— Isso não importa.

— Eu vou traduzir.

— Pergunte qualquer coisa para ela, para manter as aparências — sussurrou Jbankóv no meu ouvido.

— Pergunte você mesmo — respondi.

Jbankóv curvou-se a Linda Peips e perguntou, sombrio:

— Que horas são?

— Traduza — eu o afastei:

— Como ela alcançou índices tão altos?

Bella traduziu.

A ordenhadora cochichou algo com ar assustado.

— Anote — disse Bella. — O Partido Comunista e seu Comitê Central leninista...

— Entendido — disse eu —, pergunte se ela é membro do partido.

— Ela é — respondeu Bella.

— Faz tempo?

— Desde ontem.

— Um momento — disse Jbankóv, mirando a máquina.

Linda ficou imóvel, os olhos perdidos no espaço.

— Pronto — disse Jbankóv —, seis rublos no bolso.

— E a vaca? — espantou-se Bella.

— O que tem a vaca?

— Me parece que é preciso tirar uma foto das duas juntas.

— A vaca não cabe nesse cubículo — explicou Jbankóv —, e ali a luz é muito ruim.

— E como vai ser?

Jbankóv enfiou o equipamento no bolso.

— A redação tem vacas de sobra — disse ele.

— O que quer dizer? — espantou-se Bella.

— Quero dizer que o arquivo tem quantas vacas precisar.

Vou recortar essa sua Linda e depois colar.

Eu toquei a manga de Bella.

— Pergunte se a família dela é grande.

Ela se pôs a falar em estoniano. Após um minuto traduziu:

— A família é grande, três crianças. A filha mais velha está terminando a escola. O mais novo tem quatro aninhos.

— E o marido? — perguntei eu.

Bella baixou a voz:

— Não anote... O marido os deixou.

— Um dos nossos! — por alguma razão Jbankóv se alegrou.

— Está bem — disse eu —, vamos...

Nós nos despedimos. Linda nos seguiu com um olhar meio desapontado. Seus cabelos ajeitados com zelo e cheios de laca brilhavam.

Sáímos para a rua. O motorista já tinha manobrado o carro. Evi, de casaco de camurça, estava ao lado do radiador.

De repente Jbankóv como que perdeu o controle.

— *Kõik*<sup>85</sup> — berrou em estoniano —, acabou! Avante, camaradas! Rumo a novas fronteiras! A novas conquistas!

Em meia hora estávamos à beira do rio. O motorista se despediu discretamente e foi embora. Bella Konstantínovna assinou sua ordem de serviço.

A noite estava quente e iluminada. Atrás do rio, uma faixa empalidecida do céu ruborizava. Na água, reflexos rosados hesitavam.

Não queríamos voltar para casa. Descemos até o cais. Ficamos algum tempo em silêncio. Então Evi me perguntou:

— Por que você foi à Estônia?

O que eu podia responder? Explicar que não tinha casa, pátria, abrigo, refúgio?... Que eu sempre estive em busca desse cais silencioso?... Que só quero uma coisa da vida: ficar exatamente assim, calado, sem pensar?...

— Vocês estão bem abastecidos aqui — respondi —, os bares noturnos...

— E o senhor? — Bella virou-se para Jbankóv.

— Eu combati aqui — disse Jbankóv — e depois fiquei... Em resumo, sou um ocupante...

— Mas quantos anos o senhor tem?

— Nem tantos, quarenta e cinco. Peguei o finzinho da guerra, um frangote ainda. Eu era ordenança do coronel Ader... Fui ferido...

— Conte — pediu Bella —, o senhor conta histórias tão bem.

— Contar o quê? Fui atingido por um estilhaço, e fim da história... Bem, vamos embora?

Soou o telefone em casa.

85. *Kõik*, “[é] tudo”, do estoniano.

— Um momento — exclamou Bella, tirando as chaves enquanto apressava o passo.

Ela voltou rápido.

— Juhan Óskarovitch que falar com o senhor.

— Quem? — perguntei eu.

— Liivak...

Nós voltamos para casa. Com o estalo do interruptor, as janelas escureceram. Peguei o fone.

— Recebemos a resposta — disse Liivak.

— De quem? — não compreendi.

— Do camarada Bréjnev.

— Como é possível? A carta ainda não foi enviada.

— Como?! Significa que os consultores de Bréjnev trabalham com um pouco mais de agilidade do que o senhor... do que nós — Liivak se retratou por delicadeza.

— E o que escreveu o camarada Bréjnev?

— Mandou felicitações... Agradeceu os resultados alcançados... Desejou felicidade pessoal...

— Como será agora? — perguntei. — Escrevo o relatório ou não?

— Escreva sem falta. É um documento. Espero que a chancelaria do camarada Bréjnev o formalize com data anterior.

— Tudo estará pronto pela manhã.

— Aguardo os senhores...

... As moças começaram a reanimar os petiscos. Jbankóv e eu nos recolhemos aos nossos aposentos.

— Michka — disse eu —, você não tem a sensação de que tudo isso está se passando com outras pessoas? Não com você... Nem comigo... Que é uma espécie de espetáculo idiota... E você é apenas um espectador...

— Sabe, vou lhe dizer uma coisa — respondeu Jbankóv —, não pense. Não pense, e pronto. Faz pelo menos quinze anos que eu não penso. Se começar a pensar, já não terá vontade de viver. Aquele que pensa é infeliz...

— E você é feliz?  
— Eu? Eu colocaria a corda no pescoço agora mesmo! Tenho medo da dor do último momento. Se fosse possível adormecer e já não despertar...  
— Mas o que fazer?  
— De repente a dor é tão grande que não dá para suportar...  
— Mas o que fazer?  
— Não pensar. Beber vodca.  
Jbankóv tirou uma garrafa.  
— Parece que vou matar a sede — disse eu.  
— E como! — Jbankóv deu uma piscadela. — Direto do gargalo?  
— Mas ali tem um copo.  
— O prazer não é o mesmo.  
Bebemos por revezamento. Não havia nada para beliscar. Eu com prazer sentia chegar os efeitos do veneno inebriante. Os contornos da realidade tornavam-se menos nítidos e precisos...

Para reproduzir os acontecimentos que vieram em seguida é preciso de certo esforço.

Lembro que os valiosos tira-gostos do Comitê Regional foram restituídos. Aliás, surgiu à mesa pasta de abobrinha, um sinal de decadência. A bebida também foi perdendo a classe: da secreta garrafa de Michka para a *Slífovitsa*<sup>86</sup> iugoslava e desta para vinho tinto de sobremesa...

Passados dez minutos, Jbankóv começou a gritar, erguendo-se com aspecto ameaçador:

86. *Slífovitsa*, destilado de ameixa muito consumido nos Bálcãs.

— Sou um artista, entendeu! Um artista! Fotografei a mulher do Khruschóv! O Giscard d'Estaing<sup>87</sup> em pessoa, porra! Tive uma exposição na Casa dos Inválidos! E você vem me falar de uma vaca?!...

— Ah, tolinho — Bella olhava para ele admirada —, vamos, gatinho, vou colocar você na cama...

— Você está muito triste — Evi me disse —, alguma coisa ruim?

— Tudo está magnífico! — disse eu. — A vida de cão habitual...

— Tem que pensar menos. Ficar feliz com o bom que existe.

— É o que Michka diz: beba!

— Beber já basta. Nós vamos agora. Eu vou fazer você gostar...

— Isso não é difícil — disse eu.

— Você é tão lindo.

— A velha balada, mas como soa bem!

Enchi meu copo até a boca. Era preciso terminar esse dia idiota de alguma maneira. E quantos ainda terei pela frente?...

Evi sentou no chão ao lado de minha poltrona.

— Você não é parecido com outros — disse ela. — Você tem boa carreira. Você é bonito. Mas sempre está triste. Por quê?

— Porque a vida é apenas uma, não vai haver outra.

— Não pense. Às vezes é melhor ser idiota.

— É tarde — disse eu —, é melhor beber.

— Só não esteja triste.

— É o fim. Estou em ascensão. Recebi um trabalho importante. Estou saindo para a vastidão do grande jornalismo...

— Você tem carro?

87. Giscard d'Estaing, nascido em 1926, foi presidente da França de 1974 a 1981.

— Seria melhor perguntar se eu tenho algum par de meias inteiras.

— Quero tanto um carro...

— Você terá. Vou ficar rico e compraremos um.

Esvaziei o copo e me servi de novo. Bella arrastou Jbankóv até o dormitório. As pernas dele rastejavam como dois gládíolos murchos.

— Vamos também — disse Evi —, você está caindo de sono.

— Só um momento.

Esvaziei o copo e me servi de novo.

— Vamos.

— Amanhã eu vou embora, e você poderá encontrar alguém que tenha um carro.

Apoiando a cabeça em meus joelhos, Evi ficou pensativa.

— Quando casar de novo, só posso com judeu — anunciou ela.

— E por que isso? Acha que todos os judeus são ricos?

— Vou explicar. Os judeus fazem circuncisão...

— E daí?

— Os demais não fazem.

— Calhordas!

— Não ria. É um problema sério. Sem circuncisão, pode ter esmegma...

— O quê?

— Esmegma. São substâncias ruins... Cancerígenas. Eu mostro, quer?

— Não, obrigado, nada de demonstrações.

— Quando tem circuncisão, não pega esmegma. E não tem câncer do colo do útero. Conhece o colo do útero?

— Suponhamos que sim... Em linhas gerais...

— As estatísticas mostram que, quando não tem circuncisão, o câncer do colo do útero é mais frequente. E em Israel não existe.

— O que não existe?

— O colo do útero... O câncer do colo do útero... Tem câncer da garganta, câncer do estômago...

— Também não é uma dádiva — disse eu.

— Claro — concordou Evi.

Nós nos calamos.

— Vamos — disse ela —, você está caindo de sono...

— Espere. É preciso fazer uma circuncisão...

Esvaziei um copo cheio e me servi de novo.

— Você está muito bêbado, vamos...

— Preciso de uma circuncisão. Ou melhor, preciso cortar a porra desse colo!

— Você está muito bêbado. E muito bravo comigo.

— Não estou bravo. Nós pertencemos a gerações diferentes. A minha geração é uma porcaria! Já a sua é uma coisa fantástica!

— Por que você está bravo?

— Porque a vida é apenas uma. Passa-se um segundo, e fim. Não haverá outro...

— Já é uma da madrugada — disse Evi.

Esvaziei o copo e me servi de novo. E nesse momento eu como que caí. Tive a sensação de estar no fundo de um aquário. Tudo ao redor se movia, flutuava, manchas de luz tremeluziam... Depois tudo desapareceu...

... Fui despertado por uma batida. Jbankóv entrou. Ele vestia um roupão esportivo.

Eu estava deitado transversalmente na cama. Jbankóv sentou ao meu lado.

— Como foi? — ele me perguntou.

— Nem pergunte.

— Quando eu ficar velho — anunciou Jbankóv —, escreverei um testamento para meus netos e bisnetos. Deixarei de legado uma única frase. Sabe qual?

— Qual?



— Uma única frase: “Não façam amor de ressaca!”. Com três pontos de exclamação.

— Estou péssimo. Péssimo mesmo.

— E não sobrou nada para curar a ressaca. Foi você quem liquidou todo o estoque.

— E onde estão as nossas damas?

— Preparando o café da manhã. É preciso levantar. Liivak está esperando...

Jbankóv foi se vestir. Eu enfiei a cabeça debaixo da torneira. Depois me sentei em frente à máquina de escrever. Em cinco minutos o texto estava pronto.

“Caro e estimado Leonid Ilitch! Quero compartilhar um acontecimento feliz. No ano passado consegui atingir índices laborais sem precedentes. Ordenhei de uma única vaca...” (Escrevi “de uma única vaca” intencionalmente. Esta expressão é fiel à realidade e ao mesmo tempo transmite a comovente ingenuidade camponesa.)

O fim era o seguinte:

“Outro acontecimento feliz ocorreu na minha vida. Os comunistas da nossa granja por unanimidade me escolheram para ser um membro deles!”

Aqui o estilo saiu capenga. Mas não tinha forças para refazer...

— Venham tomar café — chamou Bella.

Evi estava fatiando o pão. Eu a cumprimentei com ar culpado. Em resposta, um sorriso radiante e um cordial “Como se sente?”.

— Pior do que nunca — respondi.

Jbankóv examinava escrupulosamente as garrafas vazias.

— Nem um grama — constatou.

— Tomem café — encorajou-nos Bella —, em um minuto precisamos estar no táxi.

O café não me trouxe alívio. Em comida não conseguia nem pensar.

— Ainda tenho um troco remexendo aqui — disse Jbankóv, tirando suas moedas.

Depois olhou para Bella Konstantínovna:

— Mulher, pode dar um rublo e meio para completar?

Ela tirou sua carteira.

— Vou mandar de Tállin — assegurou Jbankóv.

— Tudo bem, você fez por onde — sorriu Bella com cinismo.

Ouviu-se a buzina do carro.

Arrumamos as pastas, sentamos no táxi. Pouco depois Liivak apertava nossas mãos. Ele aprovou sem restrições o texto que escrevi. Além disso, pronunciou um pequeno discurso:

— Estou contente, camaradas. Os senhores trabalharam bem, descansaram de maneira civilizada. Foi um prazer conhecê-los. Espero que nossa amizade perdure. Pois um funcionário do partido e um jornalista são, por assim dizer, colegas. Desejo sucesso no árduo *front* ideológico. Talvez tenham perguntas?

— Onde fica o bar? — perguntou Jbankóv. — Precisamos nos recuperar um pouco...

Liivak carregou a fisionomia:

— Desculpem usar uma expressão russa grosseria...

Ele fez uma pausa, manifestando censura.

— ... Mas os senhores se comportam como crianças!

— Vai dizer que é proibido tomar cerveja? — perguntou Jbankóv.

— Alguém pode vê-los — o secretário baixou a voz —, e existem pessoas e pessoas... Sabem como é o ambiente no Comitê Regional...

— Mas que trabalhinho foi achar — compadeceu-se dele Jbankóv.

— Sou engenheiro de formação — inesperadamente disse Liivak.

Ficamos um tempo em silêncio. Começamos a nos despedir. O secretário já revirava alguns papéis.

— O carro está esperando — disse ele. — Vou telefonar para a estação. Dirijam-se ao guichê nº 4. E digam que foram mandados por mim...

— Tchau — Jbankóv acenou-lhe com a mão.

Nós descemos e nos acomodamos no carro. O Lênin de bronze nos seguia com o olhar. As moças foram conosco...

Na plataforma, Jbankóv e Bella se afastaram.

— Você vem ainda? — disse Evi.

— Claro.

— E eu venho para Tálin. Vou telefonar para a redação. Para sua mulher não ficar brava.

— Não tenho mulher — disse eu —, adeus, Evi. Por favor, não fique brava...

— Não beba tanto — disse Evi.

Eu concordei com a cabeça.

— Ou não vai poder fazer o sexo.

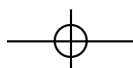
Eu me aproximei e, abraçando-a, dei-lhe um beijo. Bella e Jbankóv já se aproximavam. A julgar por sua maneira de gesticular, ele mentia descaradamente.

Subimos na cabine. As moças saíram em direção ao carro, conversando animadamente. Nem olharam para trás...

— Vamos curar a ressaca em Tálin — disse Jbankóv —, eu tenho seis rublos e um choro. Posso lhe dizer uma coisa agradável?

Jbankóv deu uma piscadela. Um sorriso alegre e triunfante imprimiu-se em seu rosto.

— Digo? O Jora ainda está me devendo setenta copeques!...



## Nono compromisso

(*Estônia Soviética*. Julho de 1976.)

*A DISTÂNCIA MAIS DIFÍCIL. Tiina Karu nasceu em uma família unida, terminou o colégio com a medalha de ouro, foi secretária do Comitê do Komsomol, e tinha paixão por esporte. Aqui é preciso destacar uma singularidade. Das várias modalidades do atletismo ela optou pela prova dos 400 metros, e essa distância, na opinião dos especialistas, é a mais trabalhosa, exigindo uma combinação de velocidade, persistência, força de explosão e desejo de vencer. Dedicção, consistência e uma vida ascética, eis os fatores que determinaram a biografia de Tiina, seu percurso para o objetivo traçado. Ao terminar a escola, Tiina ingressou no departamento de química da Universidade Estatal de Tártu, participou das atividades da Sociedade dos Jovens Cientistas, cumpriu com entusiasmo as tarefas do Komsomol. No último ano ela tornou-se membro do Partido Comunista da URSS. Agora faz um doutorado no Instituto de Química da Academia de Ciências da República da Estônia. Como especialista em química, Tiina se dedica à combinação dos efeitos das substâncias cancerígenas no organismo humano. A tese está praticamente pronta.*

*Tiina Karu impõe a si mesma objetivos elevados e a um tempo realistas. E no fundo você sabe que ela terá sucesso ao percorrer essa difícil distância.*

Conheci Tiina Karu por intermédio de amigos em comum. Uma mulher interessante e inteligente, uma jovem cientista.

Preparei um pequeno artigo sobre ela. Eu topava com Tiina eventualmente, em diferentes círculos de cientistas. Um dia ela me telefonou:

— Você está livre? Preciso falar com você.

Eu fui até o café *Raia*. Pedi uma dose de gim. Ela disse:

— Estou casada faz quatro anos. Até agora estava tudo bem. Então Rudi passou o verão em Moscou. E foi aí que tudo começou, quando ele voltou...

— ?

— Algo estranho está acontecendo. Ele quer... Como eu poderia explicar... Nós nos tornamos dois estranhos...

Fiz um esforço e perguntei abertamente:

— No sentido sexual?

— Exatamente.

— E no que eu, por assim dizer, poderia ajudar?

— Quer saber por que eu acudi a você? Dos homens que conheço você é o único amoral. Por isso quero uma consulta.

— Não compreendo.

— Discutir a situação.

— Veja bem, eu nem com homens discuto temas como esse. Mas um amigo meu tem um livro chamado *A tecnologia do sexo*. Posso pedir a ele, se quiser. Só que não por muito tempo. É seu livro de cabeceira. Você lê russo fluentemente?

— Claro.

Trouxe *A tecnologia* para Tiina. É um livro formidável. Você abre a primeira página e aparece escrito: "Introdução". Já é engraçado. Uma das seções começa assim: "Aos amantes com barrigas demasiadamente pronunciadas recomendamos a posição 7". O sensível autor não privou de atenção nem mesmo criaturas desprezíveis como amantes com barrigas pronunciadas...

Dei-lhe o livro. Passada uma semana, ela o devolveu.

— Você entendeu tudo?

— Exceto uma palavra: "paulatinamente".

Expliquei o que significa “paulatinamente”.

— Agora quero dominar a técnica na prática.

— Eu te abençoo, minha filha!

— Apenas não com meu marido. Primeiro, eu preciso treinar um pouco.

Devo destacar que tudo foi dito sem sombra de coquetismo, mas da maneira estoniana, ponderada e pragmática.

— Você é um homem amoral? — perguntou ela.

— Não é bem assim.

— Quer dizer que está recusando?

— Tiina! — implorei. — Não é assim que se faz! Temos uma boa relação de amizade. É preciso de tempo, então talvez isso se transforme em outro sentimento...

— De quanto?

— De quanto o quê?

— De quanto tempo você precisa?

— Céus, eu não sei... Um mês, dois...

— Não serve. Tenho exame de proficiência em abril... Apresente alguém. De preferência um moreno. Você deve ter amigos canalhas, não?

— São a maioria absoluta — disse eu.

Sentei-me e comecei a pensar. Chabłinski, claro, é um ás, mas grosseiro. Rosenstein está construindo uma *datcha* e não tem forças para nada. Guliáiev é loiro. Mítia Kliónski apanhou uma gonorreia. Óssia Tchernónv? Acho que este serve. Um moreno tímido e ardente. Verdade que ele é meio avarento, mas não importa. Por uma vez, deve passar.

Perguntei a Tchernónv:

— Você teve muitas mulheres?

— Trinta e seis, e outras quatro são discutíveis.

— O que quer dizer com “discutíveis”?

Óssia baixou os olhos:

— Alguns desvios...

Vai servir, pensei eu. Expliquei o âmago da questão. Óssia ficou desnorreado:

— Vi a moça uma vez. Ela até me agrada. Mas você deve convir que assim, de maneira tão utilitária...

— O que te custa?

— No fim das contas, sou um homem.

— Então ajude um ser humano.

Comprei com meu próprio dinheiro uma garrafa de rum e marquei um encontro com Óssia e Tiina em minha casa. Ela sussurrou no meu ouvido:

— Eu acertei tudo com uma amiga. Ela deixou o apartamento à minha disposição por três horas.

Bebemos, fumamos, ouvimos a *BBC*. Óssia desmanchou-se num arrazoado:

— Pois é, apenas uma organização perseguida é capaz de resistir...

Tiina o interrompeu:

— Precisamos ir. Ou minha amiga vai voltar para casa.

Eles partiram. De manhã Tiina me ligou:

— Como foi? — perguntei.

— Ele me acompanhou até lá e foi embora.

Eu telefonei para Tchernóv:

— Você não tem escrúpulos?

— Meu velho, eu não consigo, acredite. Desse jeito não dá certo...

— E que tipo de homem você é depois disso?!

Óssia se indignou:

— Eu tive mais mulheres do que você comeu croquetes. Mas nunca vi nada igual a ela. E o mais espantoso é que eu gosto da moça.

Eu convidei os dois de novo. Coloquei na mesa o rum que não havíamos terminado. Eles saíram. Tiina me ligou:

— Quero que esse seu amigo vá para o inferno!

— Não vai me dizer que ele desertou de novo? — disse eu.



— A gente entrou no carro. Óssia pagou a corrida no escuro. Meteu logo dez rublos no lugar de um. Depois ficou tremendamente aflito. Foi para casa a pé. Eu vi que ele tinha dado uma nota de dez. Pensei que era o costume no Cáucaso. Que ele queria me impressionar. Óssia é georgiano, não é?

— Óssia é judeu. Aliás, o sobrenome verdadeiro dele é Malkiel.

Telefonei para ele de novo:

— Óssia, seja homem!

— Tente compreender, eu tinha uma nota de dez, uma nota de um, e algumas moedinhas...

Convidei-os pela terceira vez.

— Escutem — disse eu —, hoje vou passar a noite na redação. E vocês fiquem aqui. Tenho *schnaps* na geladeira. Se o telefone tocar, ignorem. Devo trancar a porta, para o Óssia não dar no pé?...

— Não vou dar no pé.

Fui até a redação cumprir meu plantão. Tiina me telefonou:

— Pode descer um minutinho?

Desci até o saguão. Ela tirou de sua pasta chocolate e uma garrafa de uísque *Long John*.

— Quero te dar um beijo também — disse ela. — Não tenha medo, como amiga...

Ela me beijou.

— Se soubesse como estou agradecida!

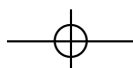
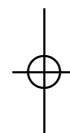
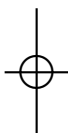
— Agradeça ao Óssia.

— Eu devolvi sua nota de dez rublos. A que ele tinha dado ao taxista.

— Que vergonha!

— Deixe para lá, ele trabalhou honestamente.

Enfiei a garrafa no bolso e voltei para terminar um artigo sobre um tema moral.



## Décimo compromisso

(*Vespertino de Tállin*. Junho de 1976.)

*NÃO NOS DEIXAM EM PAZ. Hoje de manhã foi conduzido ao posto antiembriaguez nº 4 o cidadão E. L. Buch, que tentava se passar por um funcionário da imprensa da república. E. L. Buch demonstrou insubordinação aos funcionários do posto, expressando-se em forma de mordidas; decidiram informar o fato ocorrido ao seu local de trabalho, o qual até agora não foi possível determinar, mesmo aproximadamente.*

Como sempre, faltou bebida e, como sempre, eu tinha previsto isso. Mas com os tira-gostos não houve problemas. Nem podia haver. O que daria errado quando Sevastiánov era capaz de cortar uma simples maçã em sessenta e quatro gominhos?!...

Lembro que correram duas vezes atrás de uma *Strelétskaia*.<sup>88</sup> Pouco depois apareceram umas moças que faziam balé no gelo. Chablínski olhava para as garotas e repetia:

— Vamos derreter esse gelo... Vamos derreter esse gelo...

Finalmente chegou a minha vez de providenciar a vodca. Chablínski me acompanhou. Quando voltamos, as moças já tinham ido embora.

Chablínski disse:

— A mulherada é mais esperta do que eu imaginava. Comeram, beberam e se mandaram.

— Melhor assim — disse Sevastiánov —, querem que eu cozinhe umas batatas?

— Só falta nos oferecer mingau! — disse Chablínski.

88. *Strelétskaia*, marca de *nastoika* (infusão de ervas, frutas, etc. em vodca) muito consumida na URSS na década de 1970.

Bebemos e começamos a fumar. O álcool não fez o efeito que devia. Embebedar-se é também uma arte...

Nessas ocasiões, telefonar para moças é inútil. Se a festa fracassou, não há nada a ser feito. Significa que sucessivas humilhações o aguardam. É preciso mudar de ambiente. O ambiente é tudo.

Lembro que Tófik Aliev dizia:

— Tenho em casa um piano de cauda, uma alcova, colheres de prata... Quadros praticamente da época do Renascimento... E nada de sexo. Na garagem, tenho trastes de todo tipo, pneumáticos velhos, uma cobertura de lona alcatroada... Pois em cima dessa lona eu transei com metade da escola de coreografia. E muitas das moças literalmente imploraram: vamos para a garagem! Ali, dizem, o ambiente é adequado...

Chablínski se levantou e disse:

— Vamos para Tállin.

— Vamos — disse eu.

Para mim dava no mesmo. Ainda mais após as moças terem desaparecido.

Chablínski trabalhava no jornal *Estônia Soviética*. Ele tinha ido para Leningrado de visita, por uma semana. E agora voltava de carona para casa.

Sevastiánov pediu sem entusiasmo para ficarmos. Nós nos despedimos e saímos para a rua. Demos um pulo numa venda. Garrafas alargavam nossos bolsos. Eu vestia uma camisa de verão e tênis. Nem sequer carregava o passaporte.

Passados dez minutos, um Volga<sup>89</sup> se aproximou. Ao volante estava um homem sombrio que Chablínski chamava de Grichânia.

89. Volga, carro soviético que começou a ser produzido em 1956 (modelo GAZ 21).

Grichânia não abriu o bico o caminho todo. Recusou a vodka. Dava a impressão de que era a primeira vez que Chablínski o via.

Atravessamos rapidamente os subúrbios sem graça do noroeste de Leningrado. Seguiram-se os povoados monótonos, a vegetação insípida e o curso lento dos riosinhos. Perto de um cruzamento, Grichânia parou o carro, abriu a porta e se dirigiu até uma moita. Enquanto andava, ele abriu eficientemente a braguilha, como um homem que despreza convenções.

— Por que ele está tão sombrio? — perguntei.

Chablínski respondeu:

— Ele não está sombrio. Está sob investigação policial. Se não me engano, um caso envolvendo propina.

— Ele deu propina a alguém?

— Não idealize o Gricha. Ele não dava, recebia. Aliás, quantidades infundáveis. E agora ele está sob investigação. Ele já assinou o documento que o proíbe de sair da cidade.

— E como ele saiu?

— De onde?

— De Leningrado.

— Ele assinou a proibição em Tállin.

— Mas como ele saiu de Tállin?

— Nada mais simples. Pegou o carro e partiu. Gricha já não tem nada a perder. Vão prendê-lo a qualquer momento.

— Quando? — fiz uma pergunta supérflua.

— Não antes de nós nos encontrarmos em Tállin...

Nesse meio-tempo, Grichânia saiu da moita. Enquanto andava, abotoou a calça, compenetrado. Em seus pulsos fortes alguma coisa reluzia.

“Algemas?” pensei.

Em seguida divisei dois relógios com pulseiras de metal.

Seguimos em frente.

Depois de Narva a paisagem mudou. A natureza agora parecia mais ordenada. As casas mais asseadas e sóbrias.

Chablínski bebeu e cochilou. E eu só pensava: para quê? Para que e para onde estou indo? O que me espera? E de que maneira idiota minha vida se passa!...

Finalmente nos aproximamos de Tállin. Cruzamos subúrbios de tijolo sem personalidade. Vislumbramos uma construção gótica e logo nos vimos na praça da Câmara Municipal.

Embaixo do assento uma garrafa tiniu. O carro freou. Chablínski acordou.

— Finalmente em casa — disse ele.

Eu saí do carro. A calçada de pedra refletia letras indistintas de néon. Fachadas planas e severas sobressaíam em meio à escuridão. A paisagem lembrava as ilustrações dos livros de Andersen.

Chablínski me estendeu a mão:

— Dê uma ligada.

Eu não entendi.

Então ele disse:

— A Nelka está preocupada.

Aqui me senti realmente desorientado. Cheguei a perguntar de desespero:

— Que Nelka?

— Minha esposa — disse Chablínski —, esqueceu? Você foi o primeiro a apagar no casamento...

Fazia tempo que Chablínski trabalhava em um jornal do partido. Estar na posição de um funcionário do partido não era um peso para ele. Nele até se conservou algum encanto.

Em geral, percebi que é muito difícil subtrair o encanto de uma pessoa. Muito mais difícil do que subtrair o juízo, os princípios ou as convicções. Às vezes, décadas a serviço do partido se mostram inúteis. Um homem pode perder completamente

a honra, mas conservar o encanto. Eu conheci, imaginem vocês, um chefe de prisão na Mordóvia<sup>90</sup> que era encantador...

Em suma, Chablínski era um sujeito normal. Se ele fazia vilanias, era sem empenho excessivo. Nós dois éramos quase amigos. E então:

— Dê uma ligada — repetiu ele...

Eu já havia estado em Tálin. Mas sempre em viagens de trabalho. Ou seja, munido de papéis indispensáveis, dinheiro e hotel. E o principal: com a sensação de ter um objetivo vulgar mas racional.

E para que vim agora? Eu tinha sido demitido da redação onde trabalhava. Dezesseis rublos no bolso. Meu único conhecido tinha pressa em ver a mulher. E Grichânia se achava às vésperas da prisão.

Nesse momento Chablínski refletiu um pouco e disse:

— Tive uma ideia. Procure o Buch. Diga que é meu amigo. Ele hospedará você com prazer.

— Quem é Buch?

— O Buch é um sujeito fantástico. Você mesmo verá. Acho que vai gostar dele. O telefone é 4-0-0-11.

Nós nos despedimos. Grichânia estava dentro do carro. Chablínski acenou-lhe com a mão e dobrou a esquina rapidamente. Assim ele me abandonou no meio de uma cidade desconhecida. É surpreendente o fato de, uma semana depois, trabalharmos no mesmo jornal e sermos quase amigos.

Nesse ponto, o vidro do carro desceu devagar e surgiu Grichânia.

— Talvez precise de dinheiro? — perguntou ele.

Eu precisava de dinheiro. Ou melhor, ele era vital. Mesmo assim, eu respondi:

— Obrigado. Tenho dinheiro.

90. Na Mordóvia, situada na região do Volga (planície Oka-Don), encontra-se uma colônia penal de regime rigoroso.

Pela primeira vez olhei com atenção para o rosto de Grichánia. Ele parecia um mergulhador. Solitário e impenetrável.

Senti vontade de dizer algo agradável. Sua nobreza me deixou abismado. Emprestar dinheiro às portas da prisão? O que pode ser mais elegante diante de tal recusa categórica do destino?...

— Boa sorte — disse eu.

— Tchau — respondeu laconicamente Grichánia.

Eu havia perdido o emprego no começo de outubro. Não houve um motivo concreto. Eles me colocaram no olho da rua pelo conjunto da obra, como se diz. Aparentemente, eu tomava muitas liberdades.

No jornalismo, cada pessoa é autorizada a fazer uma coisa. Violar um único princípio da moral socialista. Quer dizer, um sujeito pode beber. Outro ser insolente. Um terceiro contar piadas políticas. Um quarto ser judeu. Um quinto apartidário. Um sexto levar uma vida imoral. E assim por diante. Mas cada um, eu repito, só tem permissão para uma coisa. Não se pode ser judeu e ao mesmo tempo bêbado. Insolente e apartidário...

E eu era perigosamente universal. Isto é, eu me permitia um pouco de cada coisa.

Eu bebia, fazia escândalos, dava mostras de miopia ideológica. Não era membro do partido e ainda por cima era metade judeu. Como se não bastasse, minha vida familiar se complicava mais e mais.

E eles me demitiram. Chamaram-me para uma reunião do Comitê do Partido e disseram:

— Chega! Não esqueça que o jornalismo é a linha de frente da batalha ideológica. E na linha de frente o principal é a disciplina. É isso que falta ao senhor. Está claro?

— Mais ou menos.



— Vamos lhe dar uma chance para se redimir. O senhor deve trabalhar numa fábrica. Descobrir-se por meio de uma atividade física pesada. Será correspondente operário do jornal. Irá reproduzir em seus textos a vida verdadeira...

Aqui não me contive:

— Se eu mostrar a vida verdadeira, serei fuzilado sem julgamento!

Os participantes da reunião se entreolharam indignados. E eu fui demitido “por vontade própria”.

Depois disso não consegui outro emprego fixo. Eu revisava memórias de generais. Fazia bicos na rádio. Escrevi um folheto chamado *Os comunistas conquistaram a tundra*. Mas mesmo aqui eu cometi um erro político grosseiro. O tema da brochura era a construção da cidade de Montchegórsk. Os eventos ocorreram no início dos anos trinta. Entre os funcionários de mando havia muitos judeus. Vieram à minha memória nomes como Chímkus, Feldman, Rapoport... Leram o folheto no Comitê Municipal do partido e disseram:

— Que tipo de panfleto sionista é esse? Judeus míticos na tundra? Destrua imediatamente toda a tiragem!...

Consegui ao menos receber os honorários a tempo. Após esse incidente, passei a escrever pareceres internos para revistas. Colaborava anonimamente na televisão. Em resumo, tornei-me um artista livre. E, finalmente, fui parar em Tállin.

Vi um orelhão perto de uma loja de *souvenirs*. Eu me lembrei dos números: 4-0-0-11.

Telefonei. Respondeu uma voz feminina:

— Plonto! — assim ela pronunciou. — Estou escutando, querido!

Pedi para falar com Érik Buch. Em resposta eu ouvi:

— Ele não está. Estou mesmo pleocupada. Ele disse que não chegaria atlastado. Passe aqui. Papeamos um pouco...

A mulher me ditou o endereço de maneira suficientemente compreensível. Explicou o caminho.

O minúsculo bonde estoniano oscilava nas curvas. Em dez minutos eu estava em Kadriorg. Encontrei com facilidade a casa de troncos caindo aos pedaços.

Abriu-me a porta uma mulher com cerca de cinquenta anos, magra, com cabelos de um azul descorado. As rendas de seu robe lilás alcançavam os sapatos árabes dourados. Seu rosto fora abundantemente empoadado. Suas bochechas tinham um corado artificial. Ela lembrava a heroína de uma opereta de província.

— Ele está em casa — disse ela —, faça a gentileza.

Com muito custo conseguimos passar pela estreita antesala. Entrei no quarto e fiquei petrificado. Nunca havia visto uma desordem tão monstruosa.

A mesa de jantar estava entulhada de louça suja. Tiras esverdeadas do papel de parede pendiam até o chão. Uma camada grossa de jornais estendia-se sobre o tapete rasgado. Um gato siamês pulava de um canto a outro. Uma fila de garrafas vazias formava-se ao lado da porta.

Do sofá afundado se ergueu um homem de uns trinta anos. Ele tinha um rosto moreno e viril de herói de cinema americano. A lapela do paletó importado de boa qualidade estava adornada com um cravo. Seus sapatos brilhavam. Em contraste com a casa cheia de lixo, Érik Buch parecia um ser de outro planeta.

Nós nos cumprimentamos. Confuso e sem jeito, expliquei o problema.

Buch sorriu e de repente começou a falar em versos fluentes e sonoros:

— Entra, conviva da meia-noite! A despensa toda a teu dispor. A cafeteira achas no fogão. Tens no armário queijo holandês. Tu te tornarás o meu irmão. De Galina tu serás o amigo. Ama como se tua mãe fosse. Ama como se fosse seu filho. Com a baderna não te assustes...

— Temos losquinhas doces! — intrometeu-se Galina.

Buch a interrompeu com um gesto suave mas majestoso:  
— Com a baderna não te assustes, encontrarás desgraças piores! Sim, o vento sopra da janela. Sim, a latrina está um tanto suja... Mas em troca, e assim é que é, a mão soviética está fora! Liberdade é meu lema e meu emblema, é meu ídolo, é meu fetiche!

Eu me portava como se tudo isso fosse normal. O que restava fazer? Sair dali depois da meia-noite? Chamar uma ambulância?

Além disso, a loucura humana não é o mais terrível. Com o passar dos anos, para mim ela está cada vez mais próxima da norma. E a norma torna-se algo antinatural.

Um homem normal me largou completamente sozinho. E o anormal me ofereceu uma xícara de café, sua amizade e sua despesa...

Fiz um esforço e pronunciei:

— Ser o teu conviva é uma grande honra. De coração eu te agradeço o abrigo. Como de todos já é conhecido, ninguém está nem aí comigo...

Logo depois tomamos café, comemos as rosquinhas com geleia. O siamês pulou na minha cabeça. Galina pôs um disco de Offenbach.

Fomos dormir por volta das duas da madrugada.

Morei umas três semanas na casa de Buch e Galina. A cada dia eu gostava mais deles. Embora fossem dois perfeitos esquizofrênicos.

Érik Buch vinha de uma família bastante respeitável. Seu pai era doutor em ciências e professor das matemáticas em Riga. A mãe dirigia um departamento no Instituto de Tecidos da república. Quando estava para completar sete anos, Buch passou a odiar os dois. Por algum milagre, ele era antissoviético e não conformista praticamente desde que nasceu. Dizia que seus pais tinham as costas quentes.

Ao terminar o colégio, Buch deixou Riga. Passou mais de um ano em um barco de pesca. Em seguida, por um tempo, virou fotógrafo de praias. Inscreveu-se num curso à distância do Instituto de Cultura de Leningrado. Quando o concluiu, tornou-se jornalista.

Em tese, para um homem com sua filosofia de vida essa atividade seria contraindicada. Buch não somente criticava a ordem existente, mas negava a própria realidade histórica. Em particular, a vitória sobre a Alemanha fascista.

Ele insistia em dizer que não existia medicina gratuita. Expressava dúvidas quanto à nossa primazia no cosmo. Depois da terceira dose, Buch gritava:

— Gagárin não foi para o cosmo! Titóv<sup>91</sup> também não foi!... E todos os foguetes soviéticos não passam de enormes latas de conservas cheias de barro...

Em tese, um homem como ele não teria lugar no jornalismo soviético. Em todo caso, Buch escolheu justamente essa ocupação. Nele o não conformismo categórico convivía com a falta absoluta de escrúpulos. Essas coisas acontecem.

A natureza criativa de Buch era uma aula de expressionismo alemão. Um de seus artigos começava assim:

“Chegou o momento de o gado graúdo se pôr entre as estrelas. Os participantes do congresso de veterinários lançaram-se ao trabalho. Os oradores, cheirando a leite e a esterco, sucediam-se uns aos outros...”

No começo, Buch trabalhou em um jornal provinciano. Mas logo se sentiu entediado no distante lugarejo. Para uma cidadezinha do Norte, ele tinha personalidade demais.

Fazia dois anos que Buch havia se mudado para Tálin. Ficou hospedado na casa de uma mulher mais velha.

91. Iúri Gagárin (1934–1968) e Guerman Titóv (1935–2000), cosmonautas soviéticos.

Buch tinha algo que produzia um efeito fatal em mulheres envelhecidas. Mais precisamente: pobreza, beleza, humor sarcástico e, o mais importante, ausência de caráter.

Em dois anos Buch conquistou quatro coroas. Galina Arkádievna era a quinta e a mais querida. As outras guardaram um sentimento de gratidão e de admiração por Buch.

Más-línguas chamavam Buch de gigolô. Isso era injusto. Em seu amor por mulheres maduras, ele era guiado por motivos de ordem altruísta. O benevolente Buch permitia que elas derramassem nele rios de sentimentos amargos do passado.

Pouco a pouco, começaram a surgir lendas sobre Buch. Ele sempre se metia em alguma história.

Certa vez Buch caminhava por Kadriorg em hora imprópria. Três sujeitos se aproximaram. Um deles o abordou, sombrio:

— Passe um cigarro aí.

Como um homem normal reagiria numa situação dessas? Há três variantes de conduta relativamente racional.

Estender com ar impassível e corajoso um cigarro ao desordeiro.

Passar reto por eles a passos largos, ou melhor, correr o mais rápido que puder.

E, por último, nocautear o sujeito que estiver mais perto e sair de cena sem demora.

Buch escolheu uma variante mais perigosa e mais original. Em resposta à rude exigência, ele disse com elegância:

— O que significa “passe um cigarro aí”? Será que eu e o senhor já brindamos à *brüderschaft*?

Teria sido melhor se ele tivesse falado em versos. Poderiam tomá-lo por doido varrido. Em vez disso espancaram Buch quase até a morte. A palavra misteriosa — *brüderschaft* — deve ter deixado os desordeiros furiosos.

Ao perder a consciência, Buch sussurrava:

— Rejubilem-se, boçais! Vejo em seus rostos o ordinário triunfo da carne!...

Passou uma semana no hospital. Tinha quebrado as costelas e torcido um dedo. Em sua testa surgiu uma cicatriz romântica.

Buch trabalhava no *Estônia Soviética*. Ficou por volta de um ano e meio como colaborador. Havia rumores de que dariam um lugar fixo para ele. O editor-chefe, sorrindo, dirigia-lhe olhares. Os funcionários o tratavam bem. Especialmente mulheres maduras. Ao ver Buch, elas cochichavam e coravam.

Um cargo efetivo significava muito. Especialmente um cargo em um jornal da república. Primeiro, remuneração estável. Depois, uma variedade de regalias sociais. E, finalmente, certo grau de impunidade pessoal. O principal privilégio dado pelo regime aos seus servidores.

Buch esperava pela efetivação com impaciência. Ele era, eu repito, dono de uma personalidade ambivalente. Nele a insubmissão convivía pacificamente com a ausência de princípios. Buch dizia:

— Para derrubar o regime, preciso tornar-me um de seus pilares. Então a casa inteira não vai demorar a ruir...

O dia 7 de novembro se aproximava. O editor chamou Buch e disse:

— Ernst Leopóldovitch, resolvemos confiar ao senhor uma tarefa importante. Pegue uma autorização na secretaria e vá até o porto marítimo comercial. Converse com capitães do Ocidente. Escolha um deles, o mais leal aos ideais socialistas, e faça algumas perguntas. Consiga respostas mais ou menos convenientes. Em resumo, o senhor irá entrevistá-lo. É desejável que o marinheiro nos cumprimente pelo sexagésimo

terceiro aniversário da Revolução de Outubro.<sup>92</sup> Isso não significa que ele deva sair berrando *slogans* políticos. Longe disso. Uma felicitação discreta e respeitosa será o suficiente. É tudo que precisamos. Está claro?

— Está claro — respondeu Buch.

— Precisamos especificamente de um marinheiro ocidental. Um sueco, um inglês, um norueguês, enfim, um representante típico do sistema capitalista. E ao mesmo tempo leal ao poder soviético.

— Encontrarei alguém — assegurou Buch —, existem tipos assim. Lembro que um dia, em Khabárovsk, puxei conversa com um marujo da frota real suíça. Era um dos nossos, citava Lênin sem parar.

O editor arqueou as sobrancelhas, pensou um pouco e disse em tom de censura:

— A Suíça, camarada Buch, não tem mar nem rei e, portanto, não pode existir uma frota real suíça. O senhor se confundiu.

— Como não tem mar? — surpreendeu-se Buch. — E o que existe ali, em sua opinião?

— Terra firme — respondeu o redator.

— Ah é? — Buch não dava o braço a torcer. — Interessante. Muito interessante... Talvez eles também não tenham lagos? Os famosos lagos suíços?

— Eles têm lagos — concordou tristemente o editor —, mas não uma frota real... Bem, ao trabalho — concluiu ele —, mas trate de ser mais ajuizado. Nós, como sabe, estamos pensando em propor ao senhor um cargo efetivo. Essa tarefa será decisiva em muitos aspectos. Boa sorte...

92. A revolução ocorreu em 7 de novembro de 1917 pelo calendário gregoriano, o que equivale a 25 de outubro do calendário juliano, usado pela Rússia até 1918.

O porto de Tállin fica a vinte minutos de viagem do centro da cidade.

Buch partiu para sua missão de táxi. Passou na redação do grande jornal do porto. Estavam, a propósito, festejando os quarenta anos do fotógrafo Liova Baránov. Estenderam para Buch um copo de licor. Ele bebeu com vontade e disse:

— Não posso beber. Estou trabalhando.

Ainda deu alguns goles antes de telefonar para o supervisor do porto. Este recomendou a Buch um navio mercante da Alemanha Ocidental, o *Edelweiss*.

Buch esvaziou outro copo e dirigiu-se ao quarto píer.

Ele foi recebido pelo capitão na escada do portaló. Um típico lobo do mar, magro, faces vermelhas, um perfil aquilino. Seu nome era Paul Rudi.

O supervisor o havia advertido da visita do jornalista soviético. O capitão convidou Buch para ir a sua cabine.

Começaram a conversar. O capitão se exprimia num russo perfeitamente passável. Preferia conhaque francês.

— É *Cordon Bleu* — dizia ele —, eu recomendo. Duzentos marcos a garrafa.

Ciente de que estava se embriagando, Buch apressou-se em fazer uma pergunta:

— Quando vai desatracar?

— Amanhã às onze e meia.

Agora podia já não falar do assunto em questão. Na véspera da partida, o capitão podia dizer qualquer coisa. Quem iria verificar?

A conversa fluía de modo simples e sincero.

— Você gosta de mulheres? — perguntou o capitão.

— Gosto — dizia Buch —, e você?

— Como não?! Só que minha Luísa mal imagina. Gosto de mulheres, de bebida e de dinheiro. Você gosta de dinheiro?

— Eu já me esqueci de sua aparência. São aqueles papeizinhos coloridos?



— Ou rodelinhas de metal.

— Gosto mais de dinheiro do que de futebol! E até mais do que de mulheres. Mas é um amor puramente platônico...

Buch bebia e o capitão não ficava para trás. Na cabine pairava fumaça de cigarros americanos. De um ponto de rádio escondido vinha uma música havaiana. A conversa se tornava mais franca.

— Se você soubesse — dizia o jornalista — como tudo aqui me é repulsivo! Preciso fugir deste maldito país!

— Eu entendo — concordava o capitão.

— Você não é capaz de entender isso! Para você, Paul, a liberdade é como ar! Você não a percebe. Simplesmente a respira. Apenas um peixe que foi atirado à areia pode me entender.

— Eu entendo — dizia o capitão — e existe uma saída. Você é alemão. Pode emigrar para a Alemanha livre.

— Teoricamente, é possível. Na prática, nem se cogita. Sim, papai é um alemão russificado da Curlândia. Minha mãe é da Polônia. Os dois são membros do partido desde 1936. Os dois têm as costas quentes, servidores do regime. Não assinariam a papelada necessária.

— Eu entendo — repetia o capitão —, existe outra saída. Vá trabalhar numa frota comercial, vire marujo. Consiga um visto. E, quando estiver em um porto ocidental, fuja. Peça asilo político.

— Também é ficção. Estou na lista negra. Não vão liberar o visto. Já solicitei, já tentei... Infelizmente, estou condenado a uma morte lenta.

— Eu entendo... Podemos esconder você no *Edelweiss*, mas é arriscado. Se algo der errado, será julgado como traidor...

O capitão raciocinava de maneira muito sensata. Sensata demais. Para um estrangeiro, era de uma competência rara.

Isso provocaria suspeitas num homem sóbrio. Mas Buch nessa altura estava completamente bêbado. Ele falava com afetação:

— Livre não é o homem que luta contra o regime. Nem aquele que vence o medo. Livre é o homem que não conhece o medo. A liberdade, Paul, é uma função do organismo! Você não pode entender isso! Você nasceu livre como um pássaro!

— Eu entendo — respondia o capitão...

Por volta da meia-noite, Buch desceu a escada do portaló. A cada momento ele diminuía o passo e erguia o punho: “*rot front!*”<sup>93</sup> Depois abria os dedos: “*victory!*”. Vitória!...

O capitão o seguia com um olhar de entendido...

No dia seguinte Buch apareceu na redação. Estava agitado, porém sóbrio. Seus cigarros exalavam um aroma agradável. Sua caneta *Parker* sobressaía no bolso lateral.

Ele entregou o artigo às datilógrafas. Tinha um título longo e bonito: “Sei que ainda vou voltar e comer pão de centeio!”.

O artigo começava assim:

“Encontrei o capitão Paul Rudi na sala das máquinas. O navio mercante *Edelweiss* se preparava para a partida. Os mecanismos desgastados exigiam uma verificação adicional.

— A única coisa que interessa ao nosso *boss* é o lucro — lamenta o capitão. — Aconselhei-o vinte vezes a trocar os cilindros. É provável que arrebentem em alto-mar. Ele mesmo só viaja de iate. E nós debaixo de sol, como diabinhos no inferno...”

O final era o seguinte:

“O capitão limpou suas mãos calosas com um pouco de estopa. Sua barba parecia ter sido lustrada com mazute. Um cachimbo de barro afastava para baixo seu maxilar quadrado. Ele deu uma piscadela e disse:

93. *Rot front*, “*front* vermelho”, do alemão.

— Lembre, rapaz! A liberdade é como o ar. Você a respira sem percebê-la... Os soviéticos não compreendem a liberdade. Eles já nasceram livres como pássaros. A mim apenas um peixe atirado à areia pode compreender... Por isso eu sei que vou voltar! Vou voltar e comer pão de centeio outra vez! O aromático pão da liberdade, da igualdade e da fraternidade...”

— Nada mal — disse o editor —, vivo e convincente. A única coisa que me incomoda... Ele realmente disse algo parecido?

Buch mostrou-se surpreso:

— E o que mais ele poderia dizer?

— Pensando bem, é verdade — recuou o editor...

O artigo foi publicado. No dia seguinte Buch foi chamado ao escritório do editor. Ali estava sentado um homem desconhecido de uns cinquenta anos. Seu rosto revelava completa indiferença e ao mesmo tempo extrema concentração.

O editor como que se colocou à sombra. E o homem, apesar de sua inexpressividade, espalhou-se todo com firmeza. Ele preencheu o escritório inteiro do alto funcionário. Até o busto de gesso de Lênin sobre um pedestal revestido de algodão vermelho diminuiu de tamanho.

O homem dirigiu o olhar para Buch e disse em voz quase inaudível:

— Conte.

Buch perguntou irritado:

— Contar o quê? A quem? Queira me perdoar, mas com quem tenho a honra de falar?

A resposta foi concisa, cheia de reticências:

— Sobre o encontro... A mim... Sorókin... Coronel Sorókin...

Ao mencionar sua patente, o coronel se calou, como se suas forças tivessem exaurido.

Buch se viu obrigado a obedecer. Começou a relatar o artigo sobre o capitão Rudi.

O coronel ouvia desatento. Para ser mais exato, estava quase cochilando. Ele lembrava um professor que havia feito uma pergunta — cuja resposta já lhe era conhecida — a um aluno indolente. Buch falava seguindo os fatos referidos em seu texto. Terminou sua fala pateticamente:

— Onde você está, Paul? Para que paragens distantes os ventos levaram você? Onde está agora, meu amigo estrangeiro?!...

— Está na prisão — respondeu de maneira repentina o coronel.

Ele bateu com o jornal na mesa, como se matasse uma mosca, e se exprimiu com clareza:

— Paul Rudi se encontra na prisão. Nós o prendemos como traidor da pátria. Seu sobrenome verdadeiro é Rütli. É um estoniano foragido. Em 1970 ele fugiu de canoa pela Suécia. E se instalou em Hamburgo. Casou com Luísa Reischwitz. Faz três anos que ele trabalha em navios de uma frota comercial da Alemanha Ocidental. Finalmente fez sua primeira viagem à Estônia. Nós esperamos muito tempo por ele...

O coronel virou-se para o editor:

— Deixe-nos a sós.

O editor ficou sem jeito ao ser expulso de seu próprio escritório. Ele murmurou:

— Sim, pretendia justamente ver algumas ilustrações.

E saiu.

O coronel se dirigiu a Buch:

— Tem algo a dizer a respeito?

— Estou pasmo. Não tenho palavras!

— Como se diz, o senhor se meteu numa encrenca.

Mas Buch se agarrou à sua última versão:

— Eu descrevi tudo o que passou. Não suspeitava do passado do capitão. Via nele um estrangeiro com ideias progressistas.

— Está bem — disse o coronel —, vamos admitir que seja verdade. Mesmo assim, o caso é desagradável para o senhor. Extremamente desagradável. Uma mancha em sua reputação de jornalista. Eu diria mais: uma falha ideológica. Falta de vigilância. Alguma coisa precisa ser feita...

— O que exatamente?

— Tenho uma ideia. Quer nos ajudar? De nossa parte, vamos recomendar que lhe deem um cargo efetivo.

— No KGB? — perguntou Buch.

— Por que no KGB? No jornal *Estônia Soviética*. Já faz tempo que o senhor deseja um cargo efetivo. Nós temos recursos para acelerar a decisão. A velocidade dependerá do senhor...

Buch pôs-se alerta. O coronel Sorókin prosseguiu:

— O senhor poderia nos dar uma declaração interessante.

— O que quer dizer?

— Sobre o capitão Rudi... Declare que ele queria aquilo... Aproveitar-se do senhor... No sentido de perversões sexuais...

— O quê?! — soergueu-se Buch.

— Calma!

— Por quem o senhor está me tomando?! Jamais podia imaginar que o KGB usasse de semelhantes métodos!

Os olhos do coronel faiscaram como duas navalhas. Ele ficou vermelho e endireitou-se:

— Por favor, sem palavras fortes. Aconselho que pense a respeito. Está em jogo o futuro do senhor.

Mas nesse ponto Buch recuperou a confiança. Ele tirou lentamente seu maço de cigarros americanos. Acendeu um com ajuda de um isqueiro *Ronson*. Então disse calmamente:

— A proposta do senhor é imoral. Ela contradiz meus princípios. Só me faltava um homossexual apaixonado por mim! Em resumo, eu me recuso. Perversões sexuais, isso não faz meu gênero!... Se quiser, eu escrevo que ele me embebedou... Por outro lado, não seria muito nobre...

— Muito bem — disse o coronel —, para mim está claro. Temo que o senhor saia perdendo dessa.

— Será possível sair ganhando do KGB?! — Buch caiu na risada.

Nisso a conversa terminou. O coronel foi embora. Da porta ele lançou uma frase completamente inesperada:

— O senhor é melhor do que eu pensava.

— Coronel, não perca o estilo! — respondeu Buch...

Buch deixou de ser colaborador. Talvez tenha sido obra de Sorókin. Ou mais provavelmente do próprio editor, para dar provas de lealdade. Buch voltou a ser sustentado por mulheres mais velhas. Embora antes também não fosse muito diferente.

Foi justamente nessa época que conheceu Galina. Antes ele tinha se envolvido com Marianna Vikiéntievna, uma alta funcionária do comércio. Ela comprava camisas e gravatas a Buch. Pagava a conta em restaurantes. Preparava-lhe pratos saborosos e saudáveis. Mas dinheiro no bolso Buch não podia ter. Do contrário, ele logo começava a flertar com outras mulheres.

Nem bem recebia os honorários da redação, Buch desaparecia. Voltava para casa tarde da noite, cheirando a cebola e a cosméticos. Um dia Marianna não se conteve e gritou:

— Por onde andou, canalha?! Por que está voltando no meio da madrugada?!

Buch respondeu com ar culpado:

— Eu queria ter voltado de manhã, só que acabou o dinheiro...

Finalmente Marianna se revoltou. Partiu para um balneário com um funcionário entrado em anos de um ministério. Ao lado dele, ela se sentia jovem e leviana. Deixar Buch no apartamento vazio Marianna, naturalmente, não quis.

E nesse momento surgiu Galina Arkádievna. Praticamente de nada. Talvez sob influência da lei da conservação das massas.

O fato era que ela não tinha *status* civil. Galina era viúva de um famoso revolucionário estoniano, quem sabe do próprio Kingissepp.<sup>94</sup> Por isso ela recebia uma espécie de pensão.

Buch e ela se conheceram num cenário romântico. Para ser mais exato, à beira de um lago.

Em pleno centro de Kadriorg se encontra um pequeno lago sombreado com largas alamedas de tílias em volta. Esquilos dóceis aos pulinhos na grama.

Próximo à margem, são vistos cisnes negros. Ninguém sabe como eles foram parar ali. Mas todos sabem que os estonianos gostam de animais. Construíram uma pequena guarita de compensado para os cisnes. Os visitantes de Kadriorg jogam pão a eles...

Numa tardezinha de maio, Buch estava sentado na grama perto do lago. Os cigarros tinham acabado. Já era o segundo dia em que se via sem dinheiro. Ele tinha passado a noite anterior numa banca de jornal abandonada. Por sorte, ali havia velhos jornais largados.

Buch mastigava um talo de erva amargo e seco. Pensamentos entrecortados e intranquilos passavam-lhe pela cabeça, quase telegráficos:

“Comida... Cigarro... Moradia... Marianna num balneário... Sem trabalho... Pedir aos meus pais seria uma vergonha e, o principal, uma perda de tempo...”

Quando e onde ele havia comido pela última vez? Vieram-lhe à lembrança dois pedaços de pão num bar de autoatendi-

94. Víktor Kingissepp (1888–1922), um dos fundadores do Partido Comunista da Estônia.

mento. Depois, maçãs azedas sobre a cerca do jardim de alguém. Uma rosquinha seca de baunilha encontrada no meio da rua. Um tomate verde descoberto na banca de jornal.

Dois cisnes deslizavam sobre a água lembrando grandes ramalhete negros. Comida chegava sem esforço. A cada segundo eles abaixavam bruscamente as cabecinhas afiadas e os pescoços ondulados.

Buch pensava em comida. Em sua mente tudo se abreviava:

“Cisne... Ave... Presa...”

Nesse instante Buch, com um leve tremor nervoso, respondeu ao chamado ancestral. Seus olhos irradiaram chamadas primitivas. Ele paralisou, como um *setter* num pântano depois de ter escapado do cativeiro da cidade...

Às dez já terá anoitecido de vez. Agarrar uma dessas aves presunçosas é coisa de um minuto. Um cisne depenado passa tranquilamente por um ganso. E com um ganso inteiro Buch estaria salvo. Seria bem-vindo em qualquer lugar...

Seu rosto se desfigurou. Trompas de caça soaram no fundo de sua alma. Ele sentia a rigidez de seu queixo com a barba por fazer. Uma força pré-histórica despertou em Buch...

E então ocorreu um milagre. À beira do lago surgiu uma mulher envelhecida. Ou seja, a presa que Buch farejava à distância.

Os cisnes negros nunca suspeitarão de quem lhes salvou a vida!

A mulher era linda e esbelta. Borboletas cirandavam ao redor de sua cabeça. Seu delicado vestido azul tocava na relva. Ela tinha um livro nas mãos. Apertava-o contra o peito, como um livro de orações.

Buch, que tinha hipermetropia, leu facilmente o título: *Anna Akhmátova. Poemas*.

Ele cuspiu o talo de erva e, com um barítono forte e um pouco rouco, recitou:



Voam, ainda rumam ao destino,  
As palavras de amor e de alforria,  
Mas eu já em desassossego divino,  
E minha boca um gelo de tão fria...

A mulher diminuiu o passo. Comprimiu as têmporas com as palmas das mãos. O livro, com as páginas farfalhando, tombou na grama.

Buch continuou:

À frente há uma infernal luz generosa,  
Como um vinho doce e também ardido...  
E o vento perfumado em polvorosa  
Ateia fogo aos meus próprios sentidos.

A mulher estava em silêncio. Seu rosto expressava confusão e horror. (Se o horror puder ser um sentimento ardente e alegre.)

Em seguida, cabisbaixa, ela disse em voz delicada:

Mas logo ali, onde insípidas bétulas,  
Presas às janelas, rangem tão frias,  
Rosas vão trançar uma coroa rubra,  
E vozes vão soar, despercebidas...<sup>95</sup>

(Ela pronunciou “despelcebidas”).

Buch se ergueu do gramado.

— A senhora gosta de Akhmátova?

— Sei de cabeça todos os poemas — respondeu a mulher.

95. Trata-se do poema “*Oni letiát, oni ieschió v dorogue*” (“Voam, ainda rumam ao destino”), escrito por Anna Akhmátova (1889–1966) em 1916 e dedicado ao poeta Mikhail Lozinski (1866–1955). Buch troca alguns termos (“antes do canto” por “divindade”, “tinto” por “doce”) e pula a segunda estrofe, que é retomada por Galina.

— Que coincidência! Eu também... E de flores? A senhora gosta de flores?

— É minha flaqueza!... E as aves? O que acha das aves?

Buch deitou o olhar nos cisnes negros e, após uma breve pausa, disse:

Ah, a gaivota que volteia a nuvem,  
Os piscos que voam em rotação...  
Oh, estranha! Queria ser uma ave  
E bicar o alpiste de tuas mãos.

— É um poeta? — perguntou a mulher.

— Às vezes escrevo nas entrelinhas — respondeu Buch, com ar tímido...

O dia esfriava. As sombras das tílias alongavam. A água perdia o brilho. O crepúsculo vagava por entre os arbustos.

— Que tal um café? — propôs ela. — A minha casa fica na vizinhança.

— Desculpe — perguntou Buch com interesse —, mas a senhora teria umas linguças em casa?

— Tenho tudo o que necessita um colação sozinho...

Morei três semanas na casa de Buch e Galina. Foram dias estranhos e plenos de loucura.

A manhã começava com uma cantoria delicada e emocionada. Galina, num sopranino, cantarolava:

Ah, tão fatigada, tão esgotada,  
De noite e de dia, só nele a pensar...<sup>96</sup>

Seu amado respondia num baixo-barítono constipado:

96. Fragmento da ária de Lisa na ópera *A dama das espadas* (1887), de Tchaikóvski, baseada em conto homônimo de Púchkin. A personagem altera levemente a letra.

Ah, eu vou me afogar no Dviná do Norte,  
Ou talvez eu suma de outro jeito e pronto...  
O país não soluçará minha morte,  
Mas meus camaradas cairão em pranto...<sup>97</sup>

Acontecia de dançarem pela manhã na cozinha. Com isso, cada um cantava algo de própria autoria.

Na hora do chá, Galina dava de dizer:

— Hoje serei Vérotchka. E, a partir de amanhã, Pássaro de Fogo...

Costumava ocupar seus dias com o telefone. Discava aleatoriamente. Esperava que alguém atendesse e anunciava com voz amável:

— Hoje uma surpresa agradável o aguarda.

Ou:

— Esteja atento a uma mulher com uma cerejinha pregada no chapéu.

Além disso, Galina passava horas adestrando seu peixe-espada, translúcido e impetuoso. Ela sussurrava a ele, inclinada sobre o aquário:

— Não seja caprichoso, Jim. Acene a mãozinha para a mãe...

E, por fim, ela predizia o futuro. Para mim, por exemplo, examinando algumas contas coloridas, previu:

— Terminará seus dias em algum lugar no Brasil.

(Na época, em 1971, eu ri. Agora estou quase certo de que será exatamente assim.)

97. Canção (“*Akh, utonú iá v Západnoi Dvinié*”, “Ah, eu vou me afogar no Dviná do Oeste”) interpretada por Vladímir Vyssótski (1938–1980), com letra de Guennádi Chpálikov (1937–1974). A personagem troca palavras (“Dviná do Oeste” por “Dviná do Norte”, e alguns termos por sinônimos).

Buch passava dias inteiros metido num penhoar verde que Galina havia costurado da cortina da janela. Ele preparava o discurso que pronunciaria ao ser agraciado com o Nobel. Começava com as seguintes palavras:

“*Ladies and gentlemen!* Agradeço a honra. Dizem que antes tarde do que nunca...”

Assim nós vivíamos. Meus dezesseis rublos acabaram num piscar de olhos. A pensão de Galina duraria no máximo oito dias. Era preciso arrumar um trabalho.

Então um anúncio me saltou aos olhos: “Precisa-se de foguistas urgentemente”.

Comentei com Buch. Tinha certeza que ele recusaria. Mas ele surpreendentemente aceitou e até parecia radiante.

— Genial — disse ele —, é disso que precisamos! Faz tempo que devemos mergulhar no âmago da vida do povo. Ir em busca de nossas origens, como se diz. Ficar mais perto da natureza, meu velho! Mais perto da alegria da gente simples! Mais perto da vida genuína, íntegra! Basta de metafísica e de toda espécie de transcendências! Viva o martelo! Viva a bigorna!

Galina disse em tom de desaprovação:

— Quelido, você é flaco!

Buch fuzilou a mulher com os olhos e ela se calou...

A caldeiraria ficava em um prédio baixo e meio deprimente no sopé de uma enorme chaminé. Perto da porta se erguia um monte de carvão. Também se viam pás largadas e dois carrinhos de mão tombados.

No galpão, três caldeiras de uma seção produziam batidas cadenciadas. Do lado de uma delas se encontrava um jovem forte. Ele segurava na mão um pesado atizador. Em cima da grade da fornalha oscilava fogo rosado. O rapaz franzía e virava o rosto.

— Olá — disse-lhe Buch.

— Salve — respondeu o caldeireiro —, são os novatos?

— Viemos pelo anúncio.

— Muito prazer. Meu nome é Oleg.

Nós dissemos nossos nomes.

— Vão até o centro de controle — disse Oleg — e tratem com Tsúrikov.

Na pequena cabine com porta de metal o barulho das caldeiras soava abafado. Sobre uma mesa cheia de fendas, achavam-se listas e gráficos. Acima da mesa estava pendurado um alto-falante barato. Numa tarimba estreita, com o rosto coberto por um jornal, cochilava um sujeito de farda de soldado. O jornal mal se movia. Sentado à mesa, trabalhava um homem usando um boné de jôquei. Ao nos ver, ele soergueu a cabeça.

— São os novatos?

Em seguida ele se levantou e estendeu a mão:

— Tsúrikov, supervisor-chefe. Sentem-se.

Eu percebi que o ex-soldado havia acordado. Farfalhando, ele retirou o jornal.

— Khud — apresentou-se laconicamente.

— Precisamos de gente — disse o supervisor. — O trabalho não é complicado. E agora venham comigo.

Descemos por uma escadinha instável. Khud nos seguia. Oleg nos acenou com a mão como se fôssemos velhos conhecidos.

Paramos ao lado da caldeira esquerda, tão perto que senti um calor intenso.

— As instalações são extremamente primitivas — disse Tsúrikov. — O forno, as grades, o depósito de cinzas... Na saída, a temperatura deve chegar a setenta graus. Na entrada, quarenta e cinco. No começo do turno, prepara-se o carvão. Não aconselho a abarrotarem o carrinho de mão: ele irá entornar... Antes de irem embora, é preciso limpar as grades, tirar os resíduos... Parece que é tudo. O horário é simples: um dia de trabalho, três dias de folga. Pagamos por tarefa. Podem ganhar facilmente uns cento e cinquenta rublos...

Ele nos conduziu até os rapazes e disse:

— Espero que vocês se entendam. Embora o nosso público seja bastante original. O Oleg é budista, por exemplo. Adepto da escola zen. Está em busca da tranquilidade no mosteiro encerrado em seu próprio espírito... Khud é pintor, a ala esquerda da vanguarda mundial. Trabalha na linha do sintetismo metafísico. Ele pinta principalmente embalagens — caixas, latas, invólucros...

— O ciclo se chama “Verdades mortas” — explicou num sussurro Khud, roxo de constrangimento.

Tsúrikov continuou:

— Já eu sou um homem simples. Nas horas livres estudo teoria da música. A propósito, o que acham das superposições politonais de Britten?

Buch permaneceu calado o tempo todo. Mas nesse momento, de súbito, seu rosto desfigurou. Ele disse, curto e grosso:

— Vamos embora daqui!

Tsúrikov e seus colegas, desnorteados, nos seguiram com o olhar.

Sáimos para a rua. Buch desatou num monólogo furioso:

— Não é uma caldeiraria! Queira me desculpar, mas isso mais parece a Sorbonne!... Eu sonhava mergulhar no âmago da vida do povo. Revigorar-me moralmente e fisicamente. Beber de fontes vivificantes... E o que temos aqui?! Zen-budistas e metafísicos! Essas superposições politonais de merda! Enfim, vamos para casa!...

O que me restava fazer?

Galina nos recebeu com gritos de alegria.

— Cholei tanto — disse ela —, tanto. Senti tanta pena de vocês...

Passaram-se outros três dias. Galina levou alguns livros para vender num sebo. Eu percorri todas as redações de Tállin. Combinei trabalhar como colaborador. Entrevistei um serralheiro qualquer. Fiz uma reportagem sobre uma exposição industrial. Pedi a Chablínski vinte rublos a pretexto de futuros honorários. A morte por inanição foi protelada.

Na verdade, eu até prosperei. Se em Leningrado eu era considerado um jornalista ordinário, agora era praticamente um corifeu. Ofereciam-me matérias cada vez mais importantes. Eu escrevia a respeito de novidades literárias e teatrais, assinava uma coluna semanal chamada “Outra opinião”, redigia crônicas satíricas — que, como é sabido, é o gênero mais deficitário do jornal. Sem entrar em detalhes, eu rapidamente comecei a fazer carreira.

Começaram a me chamar para as reuniões de pauta. Após um mês, para as festas da empresa. Minhas publicações eram mencionadas no Comitê Central da Estônia.

Nessa época eu já havia deixado a casa de Galina e Buch fazia tempo. A redação me concedeu um quarto na rua Tompa: para um simples colaborador, foi um privilégio sem precedentes. Era sinal de que estavam dispostos a me oferecer em breve um cargo efetivo. E, realmente, um mês depois eu fui efetivado.

O editor me disse:

— O senhor tem um senso de humor estupendo. Eu sei de cor vários de seus aforismos. Este aqui, por exemplo: “O homem corajoso guarda silêncio, o covarde fecha o bico...”. Eu até leio alguns de seus artigos para minha empregada. Por sinal, ela terminou um ginásio alemão.

— Ah — dizia eu —, agora está tudo entendido. Agora sei de onde tirou suas maneiras impecáveis.

O editor não se ofendia. Ele era um *intelligent* de opiniões liberais. Sem particularizar, vivíamos uma época relativamente liberal. Especialmente nas repúblicas bálticas.

Além do mais, minhas impertinências eram bem pensadas e ágeis. Um conhecido definiu meu estilo como “familiaridade respeitosa”.

Agora eu não ganhava menos de duzentos e cinquenta rublos. Conseguia até pagar parte da pensão alimentícia.

Também fiz amigos condizentes com minha situação. Jovens escritores, pintores, cientistas, médicos. Pessoas adequadas que ganhavam bem. Frequentávamos teatros e restaurantes, íamos passear nas ilhas estonianas. Em suma, levávamos uma vida típica da *intelligentsia* abastada.

Ao longo desses meses eu não me esqueci de Buch. Tállin é uma cidade pequena, intimista. Ao menos uma vez na semana você inevitavelmente topa com algum conhecido.

Buch não invejava meus êxitos. Pelo contrário, ele sempre dizia, satisfeito: “Vá em frente, meu velho! Nossos amigos devem ocupar posições estratégicas no estado!”

Eu emprestava dinheiro a Buch. Umas vinte vezes paguei sua conta no bar *Mündi*. Quer dizer, eu me portava como devido. E o que mais podia fazer? Dar-lhe meu emprego?...

Eu não evitava Buch, palavra. Só que agora pertencíamos a círculos sociais diferentes.

Além disso, fui eu que insisti que voltassem a chamá-lo para fazer colaborações. Honestamente, para isso tive que superar uma resistência considerável. A história com o capitão Rudi ainda não havia sido esquecida.

Obviamente, deixaram de encomendar matérias de natureza política. Buch dava notícias do cotidiano, do esporte, da cultura. Nas reuniões de pauta eu tentava elogiar cada artigo que escrevia. Ele passou a ser visto com mais frequência nos corredores da redação.

A essa altura Buch já havia perdido um pouco do brilho. Suas calças estavam um tanto gastas nos joelhos. O paletó visivelmente precisava de limpeza. Em todo caso, as mulheres de



meia-idade (achadas em número suficiente em qualquer redação) ainda coravam fortemente ao vê-lo. Significava que seu mundo interior ocultava algumas qualidades do exterior.

Na redação Buch tinha um comportamento discreto e correto. Aos superiores inclinava a cabeça em silêncio. Aos jornalistas ordinários contava novidades. Às mulheres fazia elogios.

Lembro que um dia comemorávamos os sessenta anos de Loreida Filíppovna Kójitch, chefe do birô de datilografia. Buch escreveu um poeminha simpático:

Dou um suspiro ao ver Loreida...  
Freud daria uma receita?

Depois disso, Loreida Filíppovna ficou uma semana radiante e ao mesmo tempo pálida...

Os funcionários da nomenclatura têm uma característica atraente. Eles não são rancorosos, embora seja por preguiça. Eles não têm forças para um ímpeto vingativo. Falta-lhes puro entusiasmo para fazer uma maldade de fato. Após anos de prosperidade, seus sentimentos embotam a ponto de chegar à indulgência. Suas opiniões são tão inexpressivas que podem às vezes parecer bondade.

O editor do *Estônia Soviética* era um homem bom. Até o momento em que se tornava cruel e mau, obviamente. Até que as instruções inerentes ao seu cargo o obrigassem a isso. Sabemos que um homem decente é aquele que faz vilanias sem prazer...

Enfim, deixaram que Buch voltasse a publicar. No primeiro momento, seus textos eram revisados em minúcias. Depois ficou claro que ele havia mudado, amadurecido. Seus artigos se tornavam mais volumosos e mais significativos do ponto de vista temático. Três ou quatro viraram uma pequena sensação. Em comparação com o quadro de jornalistas locais, ele se destacava visivelmente.

Em dezembro o editor mencionou de novo a possibilidade de dar um cargo efetivo a Buch. Para completar, todas as mulheres maduras do comitê local do sindicato o defendiam. Chablínski e eu também o apoiávamos ativamente. Em uma reunião eu disse: “É preciso aproveitar todo o talento de Buch. Se não, vamos forçá-lo a enveredar pelo perigoso caminho da dissidência...”

A admissão de Buch adquiriu caráter de uma iniciativa ideológica. O editor-chefe, sorrindo, dirigia-lhe olhares. Seu destino poderia se decidido num futuro próximo.

Aproximava-se o ano-novo. Organizavam a tradicional festa da redação. Como acontece nessas ocasiões, os indolentes mostraram visível animação. Dois alcoólatras da paginação foram atrás de vodca. As moças gordas da seção de correspondências preparavam sanduíches. Ruškis e Bogdánov, correspondentes especiais, punham as mesas.

Terminamos o expediente mais cedo nesse dia. Pediram para os colaboradores não irem embora. O editor chamou Buch e disse:

— Espero que nos vejamos esta noite. Quero lhe dar uma boa notícia.

Funcionários zanzavam pelos corredores. Os mais impacientes se trancaram na seção de cotidiano. Dali se ouviam tinidos de copos.

Algumas pessoas foram para casa mudar a roupa. Voltaram às seis. Buch estava elegantemente trajado de um terno importado cor de tabaco. Seus sapatos envernizados brilhavam. A camisa produzia um frufrulhar de escritório.

— Você está ótimo — eu lhe disse.

Buch sorriu com embaraço.

— Ontem a Galina vendeu os dentes. Levou ao joalheiro duas coroas de platina. E me comprou todos esses apetrechos. Como abandoná-la depois disso?...

Nós nos acomodamos na espaçosa sala da secretaria. Faziam os últimos preparativos. Todos falavam alto, fumavam, riam.

As festas alcoolizadas da redação são um triunfo da democracia. Aqui se pode caçoar do editor-chefe. Resolver quem é o jornalista mais genial de nossa época. Expor suas pretensões a alguém. Desfazer-se em elogios exagerados. Aqui se pode ouvir, por exemplo, falas como essa:

— Meu velho, escute, você é um gigante! Você é o Paganini da fotorreportagem!

— E você — vinha em resposta — é o Shakespeare dos editoriais econômicos!...

E também é quando se resolvem conflitos amorosos. Quando se tramam intrigas. Quando se propõem em segredo os candidatos para o Quadro de Honra.

Em outras palavras, aqui a baderna diária da redação converte-se em norma. A atmosfera típica de jornal passa a reinar definitivamente: sua infecundidade intensa e febril...

Buch estava, para nossa surpresa, com ar sério e muito formal. Ele se sentou em uma poltrona ao lado da janela. Pegou um livro da prateleira. Mergulhou na leitura. O título era: *Casos difíceis de ortografia e pontuação*.

Finalmente convidaram todos à mesa. O editor esperou por silêncio completo e disse:

— Meus amigos! Mais um ano de muito trabalho se passou. Temos muita coisa para lembrar. Houve momentos tristes e alegres. Houve sucessos e fracassos. Mas, de modo geral, quero dizer que o jornal teve conquistas importantes. Publicamos mais matérias sérias, vivas e profundas. E cometemos menos erros e falhas. Estou convencido de que no ano que vem trabalharemos com ainda mais união e amizade... Hoje

me telefonaram do Comitê Central. Ivan Gústavovitch Kābin<sup>98</sup> manda felicitações aos senhores. Permitam, do fundo do coração, que eu me junte a ele. Feliz ano novo, meus amigos!...

A isso se seguiu uma série de brindes. Bebemos à saúde do editor-chefe e do secretário executivo. À saúde dos trabalhadores modestos: revisores e datilógrafas. À saúde dos colaboradores e dos correspondentes operários ativos. Alguém falou de vigilância política. Alguém sugeriu criar um time de futebol. Ígor Gaspl, o dedo-duro da redação, apelou para o sentimento de apoio mútuo. Micha Chablínski propôs um brinde às mulheres encantadoras...

A sala inundou de fumaça. Dispersaram-se pelos cantos com taças nas mãos. Os petiscos diminuía rapidamente.

Tórchina, da seção de cotidiano, tentava convencer as pessoas a cantar em coro. Fima Bykovier saldava dívidas. O almoxarife Melechko dizia, aflito:

— Pelo visto, nunca descobrirei quem passou a mão em nosso refletor!...

Pouco depois, Hilda, a faxineira, deu o ar de sua graça. Era preciso liberar o recinto.

— Mais dez minutinhos — disse o editor e estendeu pessoalmente uma taça de champanhe para ela.

Em seguida apareceu na porta a esposa do editor-chefe, Zoia Semiónovna. Ela segurava uma imensa bandeja de cuproníquel. Na bandeja retiniam de leve xicrinhas com café.

Até esse momento, Buch permanecia sentado e quieto. A taça ele havia colocado sobre a tampa da radiola. Em seu colo estava aberto o manual de gramática.

98. Johannes (Ivan) Kābin (1905–1999), ocupou, entre outros, o cargo de primeiro secretário do Comitê Central do Partido Comunista da Estônia entre 1950 e 1978.

Então Buch se levantou. Com um sorriso largo ele se aproximou de Zoia Semiónovna. Subitamente ele fez algo como um movimento impetuoso de futebol. Daí, com um golpe forte de seu sapato envernizado, chutou a bandeja para fora das mãos da mulher, que ficou pasma.

Tinidos ecoaram pela sala. Os funcionários atingidos pelo café quente deram gritos estridentes. Liuba<sup>99</sup> Tórchina, ao berrear, perdeu os sentidos...

Quatro colaboradores agarraram Buch pelos braços. Ele não tentou resistir. Em seu rosto se imprimia um sorriso de felicidade.

Alguém ligou para a polícia. Outro para a ambulância...

Três dias depois, uma comissão psiquiátrica examinou Buch. Ele foi considerado plenamente responsável por seus atos. Resultado: foi julgado por vandalismo. Recebeu dois anos de liberdade condicional.

Felizmente o editor não solicitou uma pena mais severa. Ou seja, Buch ainda teve sorte. Mas pensar em jornalismo seria ridículo agora...

Eu perdi Buch de vista por um mês. Fui a Leningrado resolver assuntos familiares. Ao voltar, liguei para ele: o telefone não funcionava.

Eu não me esquecia de Buch. Esperava vê-lo no centro da cidade. E foi o que se deu.

Ele estava ao lado da vitrine de um estúdio fotográfico contemplando monstros sorridentes. Segurava metade de um pão francês. Tudo nele mostrava completa ociosidade.

Eu sugeri que passássemos no bar *Kungla*. Ficava nas redondezas. Buch disse:

- Estou devendo ali.
- Muito?
- Seis rublos.

99. Liuba, apelido de Liubóv.

— Ótimo — disse eu —, vamos aproveitar para acertar essa conta.

Tiramos os casacos, subimos ao primeiro andar e nos sentamos perto da janela.

Eu queria saber o que havia se passado. A troco de que havia cometido um ato tão selvagem? O que foi aquilo: um ataque nervoso? Um delírio?

Foi o próprio Buch quem tocou no assunto:

— Compreenda, meu velho! A redação só tem chacais...

Em seguida, ele se retratou:

— Exceto você, Chablinski e quatro velhas infelizes... Em resumo, os porcos predominam. E acontece essa festa estúpida. E começa toda espécie de conversinhas sujas. E lá estou eu, esperando que o bundão do editor me beneficie. E aparece a tal Zoia de pernas tortas com a bandeja na mão. E todo mundo só quer uma coisa: dar uma patada nessa bandeja de merda. E então eu compreendi: chegou o momento decisivo. Agora ficará claro quem sou eu. Um cavaleiro, como considera Galina, ou um bosta, como sustentam os demais? Daí eu me levantei e fui...

Ficamos no bar por volta de uma hora. Eu precisava ir até a redação. Entrevistar um francês progressista.

Eu perguntei:

— Como está a Galina?

— Bem — respondeu Buch —, ela foi operada... Alguma questão feminina...

Descemos até o saguão. No vestiário, atrás do balcão de madeira, o encarregado inválido tomava chá de uma garrafa térmica. Buch lhe estendeu a senha de alumínio.

O homem subitamente se zangou:

— É uma típica grosseria passar a ficha com o número virado para baixo!

Buch o escutou e disse:

— Cada um com seus problemas...

Após esse dia, passamos a nos ver raramente. Eu estava muito ocupado na redação. E ainda preparava uma coletânea de contos para publicação.

Um dia encontrei Buch no hipódromo. Ele tinha o aspecto de um homem degradado. Tive que lhe dar um pouco de dinheiro. Ele me agradeceu e na hora foi atrás de bebida. Não me pus a esperá-lo e fui embora.

Ainda nos trombamos duas vezes, na rua e no bonde. Buch caiu até o último nível. Não tínhamos sobre o que falar.

No verão me enviaram para um festival de cinema na Bulgária. Foi minha primeira viagem de trabalho ao estrangeiro. Ou seja, um sinal de confiança política em mim e uma prova evidente de minha lealdade.

Ao regressar, ouvi uma história espantosa.

Comemoravam o 7 de Novembro em Tállin. Colunas de manifestantes se arrastavam até o centro da cidade. Tribunas para o governo foram erguidas perto do prédio do Comitê Central do partido. Música soava. Balões pairavam na praça. Um locutor gritava infindáveis brindes e congratulações.

As pessoas carregavam cartazes e retratos de líderes. Policiais observavam a ordem. Todos estavam bem-dispostos. Apesar de tudo, era feriado.

Entre os manifestantes se encontrava Buch. Não só ele estava lá como segurava uma placa de compensado atada a um cabo de madeira. O conjunto lembrava uma pá para retirar neve. Na placa, foi grafado com guache verde, em letras espaçadas:

“Nós nos opomos bravamente aos inimigos do imperialismo mundial!”

Com esse cartaz Buch caminhou de Kadriorg até a fábrica de pianos. E apenas ali os policiais caíram em si. Quem são “os inimigos do imperialismo mundial”? A quem se opõem “bravamente”?...

Buch não tentou resistir. Foi enfiado num carro preto fechado e levado à rua Pagari. Três minutos depois, foi interrogado pelo general Pork<sup>100</sup> em pessoa.

Buch respondia às perguntas de maneira tranquila e lacônica. Não assumia a culpa categoricamente. Dizia que tudo não tinha passado de um mal-entendido, de um erro cometido por distração.

O general conversou com ele por cerca de uma hora e meia. Falava num tom correto e, subitamente, levantava a voz. Ora chamava Buch de Ernst Leopóldovitch, ora gritava: “Será fuzilado, cachorro!”

Por fim, Buch ficou farto de se justificar. Ele pediu lápis e papel. O general, suspirando com alívio, estendeu-lhe uma caneta-tinteiro:

— Uma confissão sincera pode atenuar seu fadário...

Por um instante Buch fixou os olhos na janela. Então ele sorriu e, com uma caligrafia bonita e alinhada, escreveu:

“Declaração”.

E em seguida:

“1. Expresso minha profunda preocupação com o destino dos batistas cristãos do Báltico e da Transcaucásia!

2. Convoco a *intelligentsia* americana a reagir com mais empenho aos abusos do Krêmlin na esfera das liberdades civis!

3. Clamo pelo direito irrestrito de emigrar para minha pátria histórica, a República Federal da Alemanha!

Assinado: Ernst Buch, um prisioneiro de consciência”.

O general leu a declaração e a jogou no cesto do lixo. Ele decidiu empregar um método antigo e testado. Simplesmente saiu sem dizer palavra.

100. August Pork (1917–2002), diretor do KGB da República Socialista Soviética da Estônia de 1961 a 1982.



Essa medida, via de regra, funcionava com perfeição. Ao se verem num gabinete vazio, os interrogados ficavam terrivelmente nervosos. O desconhecido os assustava mais do que qualquer ameaça. Começavam a analisar a própria conduta. Imaginar febrilmente saídas salvadoras. Enredar-se num amontoado de subterfúgios sem sentido. A espera torturante os reduzia a criaturas trêmulas. Era isso que pretendia o general.

Ele voltou após uns quarenta minutos. E o que viu o deixou perplexo. Buch dormia placidamente, com a cabeça caída sobre uma pilha de protocolos.

Tempos depois, o general dizia:

— Já aconteceu de tudo no meu escritório! Cortaram as veias. Queimaram blocos de anotações no cinzeiro. Tentaram se jogar da janela. Mas cair no sono, isso foi a primeira vez!...

Buch foi levado a uma clínica psiquiátrica. Ao general parecia que o ocorrido era um claro sintoma de uma doença do espírito. Talvez ele não estivesse longe da verdade.

Buch só foi solto seis meses depois. Nesse meio-tempo, certas mudanças ocorreram em minha vida.

É difícil lembrar como tudo começou. Uma ou duas vezes eu falei algo excessivo. Tive um bate-boca com Gaspl, um homem dos órgãos secretos. Um dia apareci bêbado no Comitê Central do partido. Na conferência dos escritores estonianos, contestei o próprio camarada Lippo...

Para uma carreira jornalística, são necessários esforços sucessivos e crescentes. Parar é o mesmo que pendurar as chuteiras. Ao que parece, eu não nasci para isso. Eu travei, escorreguei em algum ponto, e foi o bastante...

Lembraram que eu trabalhava na Estônia sem registro de residência. Descobriram minha parcela de origem judia. E a amizade com Buch também não favoreceu minha reputação.

Justamente nesse momento o clima político na Estônia ficou conturbado. Um grupo de dissidentes endereçou uma petição a Waldheim.<sup>101</sup> Exigiam democratização e direito à autodeterminação. Três dias depois, o memorando foi transmitido por uma rádio ocidental. Uma semana depois, uma diretriz chegou de Moscou: reforçar o trabalho educativo. Isso significava que alguns seriam destituídos de suas funções, outros expulsos, e outros ainda rebaixados. Sem contar, naturalmente, a abertura de um processo contra os autores do memorando.

O almoxarife Melechko dizia na redação:

— Eles podiam ter se queixado aos seus superiores! Em vez de inventarem de falar com o tal Heim...

Eu era um homem sob medida para repressão. E fui demitido. Ao mesmo tempo, minha coletânea de contos, quase pronta, foi destruída na tipografia. Tudo para informar aos *bosses* do Krêmlin: as medidas foram tomadas!

Claro que eu não fui a única vítima. Por esses dias também fecharam o hipódromo, um foco de atitudes burguesas. No bar da União dos Jornalistas pararam de comercializar bebidas alcoólicas. Presunto desapareceu dos mercados. Aliás, isso é outra história...

Em geral, acabaram com o liberalismo estoniano. A melhor parte do povo — dois jovens cientistas — escondeu-se no subsolo...

101. Kurt Waldheim (1918–2007) foi secretário-geral da ONU de 1972 a 1981 e presidente da Áustria de 1986 a 1992. A luta pela independência estoniana ficou mais flagrante em outubro de 1972, quando dois grupos da dissidência — *Front* Nacional Estoniano e Movimento Democrático Estoniano — enviaram um memorando à Assembleia Geral das Nações Unidas e uma carta a Waldheim. Em dezembro de 1974, um novo apelo foi mandado ao secretário-geral. Em 1975, quatro engenheiros estonianos foram presos, entre eles Soldátov.

Fui privado de um trabalho fixo. Recomendaram que eu saísse “por vontade própria”. Insistiram que eu virasse correspondente operário. Recusei.

Estava na hora de voltar para Leningrado. Aproveitaria para dar um jeito em minha vida familiar. A distância deixa as pessoas mais sensatas.

Lá estava eu arrumando minhas coisas na rua Tompa quando de repente tocou o telefone. Eu reconheci a voz de Buch:

— Meu velho, espere por mim! Estou a caminho! Quer dizer, vou a pé. Não tenho nem um tostão. Em compensação, estou levando um presente valioso...

Desci para comprar vinho. Em uns quarenta minutos Buch apareceu. Seu aspecto estava melhor do que seis meses atrás. Perguntei:

— Como vão as coisas?

— Tudo bem.

Buch me contou que agora tinha uma ficha na clínica psiquiátrica. E que era levado regularmente para o KGB.

Então ele se animou um pouco e disse em voz baixa:

— Aqui está uma lembrancinha para você.

Ele desabotoou o paletó. Tirou do bolsinho do peito uma folha de papel dobrada em quatro. Com ar contente, ele a estendeu em minha direção.

— O que é isso? — perguntei.

— É o jornal mural.

— Que jornal mural?

— Do departamento local do KGB. Veja o nome, *Escudo e espada*. Um monte de coisas interessantes. Repreenderam um suboficial por bebedeira. Escreveram um artigo sobre contrabandistas. E aqui um poema sobre uns arruaceiros:

Um grã-fino acertou uma garrafa  
Num velho com medalhas aos montes!

Da cabeça atrás toda grisalha  
Seu sangue esguicha feito uma fonte...

— Bem — disse Buch —, até que não é tão ruim...

Depois se pôs a contar como tinha conseguido pegar o jornal:

— Um dia o pancada do Sorókin me chama. Puxa aquela sua conversa idiota. Eu refuto todos os seus argumentos com citações de Marx. O Sorókin se retira. Ele me deixa sozinho em seu gabinete de pederasta. Eu penso: o que poderia pegar para dar de lembrança ao Serioga?<sup>102</sup> Então vejo no armário o jornal. Eu o pego e o enfio debaixo da camisa. E agora lhe dou como *souvenir*...

— Vamos queimá-lo, com os diabos! — disse eu. — Para ficar longe de perigo.

— Vamos — concordou Buch.

Rasgamos o jornal em pedacinhos e pusemos fogo nele no vaso sanitário.

Eu estava quase atrasado. Chamei um táxi. Buch foi comigo até a estação.

Na plataforma ele pegou minha mão:

— Que posso fazer por você? Como posso ajudá-lo?

— Está tudo bem — disse eu.

Buch refletiu um segundo, como se estivesse tomando uma decisão difícil.

— Quer casar com Galina? — disse ele. — Eu cedo Galina a você, meu amigo. Ela pode pintar flores para vender. E daqui a uma semana vai nascer uma ninhada de siameses. Case, não vai se arrepender!

— Na verdade, já sou casado.

— Como quiser — disse Buch.

Dei-lhe um abraço e subi no trem.

102. Serioga, apelido de Serguei.

Buch ficou parado na plataforma, sozinho. Acho que não mencionei que ele era de estatura baixa.

Acenei-lhe com a mão. Em resposta, Buch ergueu o punho: *rot front!* Depois abriu os dedos: *victory!*

O trem partiu.

Já faz cinco anos que moro na América. Com minha mulher e minha filha Kátia. Toda vez que compra uns jeans, Kátia passa uns quarenta minutos pisoteando a calça. E depois faz uns rasgões nos joelhos.

Um tempo atrás, um homem gritou para mim no Brooklin. Olhei bem para ele e vi que era Grichânia. O sujeito que havia me dado carona em Leningrado.

Nós entramos no restaurante mais próximo. Grichânia contou que havia ficado preso por apenas seis meses. Depois ele subornou alguém e foi solto.

— Se sabe receber, aprenda a dar — disse Grichânia em tom filosófico.

Eu perguntei como estava Buch. Ele disse:

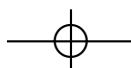
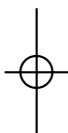
— Não faço ideia. Chablínski virou secretário executivo...

Prometemos telefonar um para o outro. Eu nunca telefonei. Ele também não...

Mês passado eu li uma notícia sobre o capitão Rudi. Ele passou quatro anos na Mordóvia. Então algumas organizações intercederam. O capitão foi liberado antes do fim da pena. Agora ele mora em Hamburgo.

Eu perguntava sobre Buch a todos os conhecidos. Segundo alguns relatos, ele estava na prisão. Segundo outros, havia casado com a viúva de um ministro da pesca. As duas versões são verossímeis. E as duas provocam em mim um sentimento amargo.

Onde está agora, Ernst Leopóldovitch Buch, meu belo dissidente, esquizofrênico, poeta e herói, perturbador da paz?!



## Décimo primeiro compromisso

(*Estônia Soviética*. Agosto de 1976.)

*TÁLLIN DIZ ADEUS A HUBERT ILVES. Ontem no cemitério Linnamets foi enterrado um filho leal do povo estoniano, o eterno diretor do estúdio de televisão, Herói do Trabalho Socialista,<sup>103</sup> Hubert Vol-demárovitch Ilves.*

*A vida inteira de Hubert Ilves foi um modelo de dedicação fiel à causa comunista.*

*Ele sempre se distinguiu pelo inabalável senso de responsabilidade, pela atenção às pessoas e pela extraordinária modéstia pessoal.*

*Ao som da marcha fúnebre, representantes ilustres da sociedade carregaram o corpo do falecido num caixão adornado com numerosas coroas de flores.*

*Sobre o túmulo recente, ressoaram palavras solenes de despedida...*

*Participaram do funeral membros ilustres do partido e trabalhadores soviéticos, colegas do falecido, funcionários da rádio, da televisão e de grandes jornais estonianos.*

*A memória de Hubert Ilves viverá para sempre em nossos corações.*

— Camarada Dovlátov, o senhor tem um terno preto?

O editor franziu o sobrolho, aborrecido. Desagradava-lhe fazer uma pergunta tão descabida a um funcionário do jornal republicano do partido. O editor tinha um rosto bege de bebê, uma cintura larga e um sobrenome infantil: Turónok.

103. Herói do Trabalho Socialista, alto título soviético concedido por méritos e resultados obtidos de algum trabalho ou atividade.

— Não — disse eu —, tenho um pulôver.

— Não neste exato momento, mas em casa.

— Não tenho em geral — falei.

Eu poderia explicar que também não tinha casa, abrigo, refúgio. Que alugava um quarto Deus sabe onde...

— E como o senhor vai ao teatro?

Eu poderia dizer que não ia ao teatro. Mas tinham acabado de publicar no jornal minha crítica sobre o espetáculo *Sem um dote*.<sup>104</sup> Eu a escrevi baseado no relato de Dima Cher. A crítica foi elogiada por seu caráter polêmico...

— Aliás, vamos direto ao assunto — cansou-se o redator —, Ilves morreu.

Devido ao meu horrível hábito de mentir, eu demonstrei tristeza.

— O senhor o conhecia? — perguntou o editor.

— Não.

— Ilves era diretor do estúdio de televisão. Seu enterro é um acontecimento sério. Espero que isso esteja claro?

— Sim.

— Alguém da nossa redação deve estar presente. Pensamos em mandar Chablínski.

— Boa ideia — disse eu —, Micha sempre faz uns bicos na televisão.

O redator franziu o rosto.

— Mikhail Boríssovitch está ocupado. Ele fará um trabalho na ilha de Saaremaa. Kliónski está fora de questão. Aqui precisamos de um homem de aparência imponente. Buch está numa fase de bebedeira. Enfim. Decidimos que o senhor é o nosso candidato. Eu imploro, não falhe. Será necessário fa-

104. *Sem um dote* (*Bespridánnitsa*), peça do dramaturgo russo Aleksandr Ostrovski (1823–1886) estreada em 1878.



zer um discurso breve e cordial. É indispensável que... Em geral, o senhor deve se comportar como se conhecesse bem o defunto...

— Será que eu tenho uma aparência imponente?

— O senhor é alto — dignou-se a responder Turónok —, foi Kliúkhina quem nos aconselhou.

Ah, então foi a Gálotchka, pensei. Mas não faz mal...

— Guénrikh Frántsevitch — disse eu —, não gosto da ideia. Dá a impressão de mistificação. Eu não conhecia Ilves. Não quero fingir mágoa. Mande Chablínski. E eu, que seja, vou para Saaremaa.

— Fora de cogitação. O senhor não escreve matérias sobre acontecimentos atuais polêmicos.

— Não me oferecem, por isso eu não escrevo.

— Ofereceram a matéria sobre os alemães e o senhor recusou.

— Acho que eles devem ser soltos.

— O senhor é um homem ingênuo. Para não usar de palavra pior.

— E por quê? Na União Soviética o número de alemães é maior do que o de armênios. Mas os alemães são privados até de autonomia.

— Ah, mas que alemães eles são?! É a terceira geração de colonos. Faz tempo que eles viraram estonianos. A língua, a cultura, o modo de pensar... São estonianos típicos. Seus pais e avós viveram na Estônia...

— O avô de Bória Roiblat também viveu na Estônia. E seu pai viveu na Estônia. Mas o Bória continua sendo judeu. E continua sem trabalho...

— Sabe, Dovlátov, é impossível falar com o senhor. Essas táticas demagógicas... Nós lhe demos trabalho, estendemos a mão. Pensamos que o senhor iria amadurecer. Que ganharia juízo...

— Mas eu trabalho, escrevo.

— E até que escreve bem. O próprio Jürna citou faz pouco uma frase do senhor: “... Uma ideia construtiva perdeu-se no caos de um experimento irresponsável...”. Eu me refiro à outra coisa. Sua postura apolítica, seu infantilismo... Do senhor sempre se espera alguma protestação. O senhor recebe um ordenado de duzentos e cinquenta rublos. Nós o tratamos bem, valorizamos seu humor, seu estilo. E o que ganhamos em troca? Por que desperdiçar meu tempo nessas conversas infrutíferas? Peço com insistência para o senhor substituir Chablínski. Ele vai dar o paletó, quer dizer, emprestar. Experimente. Está ali, no cabideiro...

Eu provei o terno.

— Veja só que lapelas — disse eu —, uma Ordem da Bandeira Vermelha<sup>105</sup> viria a calhar...

— É tudo — o editor me interrompeu —, agora vá.

Eu detesto funerais. Não porque alguém tenha morrido, pois eu nunca tive que enterrar ninguém próximo. E pessoas distantes me são indiferentes. Ainda assim, eu detesto enterros. Com a morte de alguém no fundo, qualquer movimento parece imoral. Detesto enterros pela impressão de um luto bonito e convincente. Pelas lágrimas de pessoas estranhas, alheias. Pela sensação de alegria reprimida: “Antes ele do que eu”. Pela ansiedade secreta da bebedeira que se aproxima. Pelos elogios exagerados ao defunto. (Sempre me dá vontade de gritar: “Ele não está nem aí. Sejam mais condescendentes com os vivos. Comigo, por exemplo.”)

Então fui obrigado, ao substituir Chablínski, a tomar parte nas solenidades fúnebres, mostrar pesar e dizer hipocrisias. Telefonei para o estúdio de televisão:

— Quem é o encarregado pelo enterro?

105. Até a Ordem de Lênin ser instituída (1930), a Ordem da Bandeira Vermelha, criada em 1918 durante a Guerra Civil, era a mais alta condecoração militar soviética.

— O próprio Ilves.  
Quase que caí da cadeira.  
— Rando Ilves, o filho do falecido. E também a comissão organizadora.  
— Como posso telefonar para lá? Estou anotando... Obrigado.  
Telefonei. Alguém com sotaque báltico respondeu:  
— O senhor é parente do falecido?  
— Sou um colega.  
— Trabalha na televisão?  
— Sim.  
— Seu sobrenome é Chablínski?  
“Sim”, por pouco não disse.  
— Chablínski está numa viagem de trabalho. Fui encarregado de substituí-lo.  
— Esperamos pelo senhor. Segundo andar, sala 12.  
— Estou a caminho.  
A sala 12 estava apinhada de pessoas com braçadeiras de luto nas mangas. Não vi nenhum conhecido. O paletó de Chablínski, que guardava seus contornos, apertava e impedia os movimentos. Sentia-me sem jeito, como uma baleia morta numa piscina. Um cavalo numa casinha de cão.  
Eu me detive por um instante para anotar essas metáforas. Uma mulher sentada a uma mesa me chamou:  
— O senhor é Chablínski?  
— Não.  
— Era Chablínski que viria do *Estônia Soviética*.  
— Ele está numa viagem de trabalho. Fui encarregado de substituí-lo.  
— Entendi. O texto do discurso está pronto?  
— O texto? Pensei que seria um... improviso emocionado.  
— É o regulamento... O texto precisa ser aprovado.  
— Posso apresentá-lo amanhã?

— Não se dê o trabalho. Aqui está o texto preparado por Chablínski.

— Ótimo — disse eu —, obrigado.

Recebi duas folhas de papel-arroz. Eu li:

“Camaradas! Como eu invejo Ilves! Sim, sim, não se espantem. Sou dominado por um sentimento de inveja boa. Que vida mais rica em conteúdo! Quantos feitos extraordinários! Que reputação invejável de sonhador e batalhador ele conquistou!...”

Adiante um rol de seus méritos e, finalmente, o desfecho:

“... Durma, Hubert Ilves! Raramente você tinha uma noite completa de sono. Durma!...”

Ler isso nem se cogitava. No papel eu escrevo qualquer coisa. Mas em voz alta, diante de outras pessoas...

Voltei-me para a mulher à mesa:

— Gostaria de introduzir um toque meu... Mudar um pouquinho... Eu não sou tão emocional...

— Terá que conservar a base. O texto já tem passe livre...

— Sem dúvida.

— Anote os dados.

Eu anotei.

— Não me venha com gambiarras.

— Sabe — disse eu —, minha gambiarra é melhor do que a gamburrada dele.

— Como? — perguntou a mulher.

— Não se preocupe — disse eu —, dará tudo certo.

Agora algumas palavras sobre Chablínski. Seu pai sofreu repressão. Seu tio, um professor catedrático, é mencionado em um famoso livro de memórias. É praticamente a única pessoa que é descrita com simpatia no livro.<sup>106</sup>

106. Trata-se das memórias de Nadiejda Mandelstam (1899–1980) descritas no *Livro segundo* (1972), em que é citado o antropólogo Iákov Ro-

Micha cresceu em um triste povoado de um *láguer*. Aprendeu aritmética e russo com corifeus da ciência soviética... vestidos em *buchlats*.<sup>107</sup> Foi assim que se formaram suas concepções de vida. Ele se tornou um homem firme e sensato. Não confiava nas palavras e agia decididamente. Lia muito. Nele o interesse por poesia convivia com o amor à tecnologia. Mesmo sem diploma, ele trabalhava em projetos de construção. Depois entrou na universidade. Tornou-se jornalista especializado em indústrias. Dali em diante, o híbrido de técnica e poesia definiu sua esfera.

Ele estava disposto a fazer qualquer coisa para alcançar seu objetivo. Valia-se de quaisquer meios. Mas seu objetivo foi se tornando mais e mais nebuloso. A própria busca de meios converteu-se em sua vida. A escolha entre bem e mal se transformou na escolha entre sucesso e fracasso. A atividade mundana interrompeu a marcha do crescimento moral. Quando fomos apresentados, Chablínski já era um típico jornalista com sua bipolaridade e cinismo. Ford tem uma frase sensacional sobre jornalistas: “Um jornalista honesto se vende uma única vez”. Embora eu considere essa afirmação idealista. No jornalismo há centros de compras para revender, lojas de artigos comissionados e mesmo uma feira de objetos usados. Ou seja, a revenda vai a todo vapor.

Existe a vida, que é bela, torturante, cheia de tragédia. E existe seu trabalho, que é bem pago. Seu trabalho é criar uma vida diferente, mais cristalina, livre de tragédia, harmoniosa. No papel.

Um jornalista está sentado escrevendo: “Era o turbulento ano 1919...”.

guínski (1895–1986), o mesmo sobrenome do jornalista do *Estônia Soviética* que inspirou a personagem de Mikhail Chablínski: Mikhail Roguínski.

107. *Buchlat*, do russo, casaco curto de forro grosso de marinheiro que era distribuído aos detentos dos *lágueres* (campos de prisioneiros).

Ele se distrai por um momento e grita para sua mulher insuportável: “Gárik Lérner prometeu arranjar três latas de café solúvel...”

A mulher responde da cozinha: “Como? O Lérner ainda não foi preso?”

Mas a pena desliza adiante. Digamos: “... Mais um segredo foi arrancado da natureza...”. Ou ainda: “... Em Nova Iorque, os goivos não têm cheiro...”

A vida de um jornalista é cercada das mesmas benesses da vida de qualquer pessoa digna.

Sinceridade? O jornalista diz sinceramente o oposto ao que acredita.

Criação? O jornalista cria sem parar, a ponto de seu desejo tomar o lugar da realidade.

Amor? O jornalista ama ternamente o que não merece ser amado.

A propósito, perdemos o fio da meada.

Do estúdio de televisão eu fui até a casa de Marina. Ao longo de um ano houve uma espécie de aproximação intelectual entre nós. Com toques de hostilidade e de sacanagem.

Marina trabalhava na secretaria do nosso jornal. Antes e depois do trabalho ela era dominada por ceticismo e pela franqueza um pouco rude de uma mulher solteira de trinta anos.

Em algum momento ela tinha sido namorada de Chablínski. Assim como as outras mulheres da redação. Todas elas, sem exceção, cedo ou tarde se rendiam aos assédios dele. Por muito tempo o segredo de tamanho sucesso me foi incompreensível. Depois eu descobri a causa de tudo. Chablínski surpreendia com a forma direta de suas investidas. Por exemplo, ele disse a uma estagiária da Lituânia que apenas conhecia de vista:

— Eu amo a senhorita. A perspectiva de uma gonorreia não irá me deter.

Uma vez eu lhe disse:

— Micha, não sou carola. Mas você tem quatro mulheres. Está chegando o ano-novo. Não pode convidar as quatro para a festa.

— Por que não? — perguntou Chablínski.

— Será um escândalo.

— Não se exclui a possibilidade — ele ficou pensativo.

— E como vai fazer?

Chablínski refletiu um pouco, suspirou e disse:

— Se soubesse como esse problema é sério...

Ele se separou de Marina porque resolveu casar. Marina não lhe servia de esposa. Ela tinha, eu repito, por volta de trinta anos, fumava e conhecia muitas coisas. E Micha se interessava pela variante do casamento tradicional judeu. Uma moça virgem com inclinações para a vida doméstica. Ele foi apresentado a alguém assim. Realmente, a doce Rosa com seus bigodinhos. Ela até lia, discernia as coisas. Seu pai era comerciante...

Piscando os olhos, Rosa dizia:

— Ah, como faz para virar esposa?! Não tenho experiência...

— Não tem o quê? — Chablínski caía na risada...

Então ele deixou Marina. E foi nesse momento que eu apareci. Pensativo, atencioso, honesto. Parecia que era a primeira vez que ela me via. A primeira vez que me valorizava.

Minhas virtudes têm uma característica interessante. Elas desabrocham e se tornam visíveis apenas em contraste com a sem-vergonhice alheia. Por isso mulheres abandonadas gostam de mim.

No início, ela falava o tempo todo de Chablínski:

— Ele me amava do jeito dele. Uma vez eu dei-lhe uma bronca: “Você não me ama”. Sabe o que ele fez? Ele pegou minha roupa e minha bolsinha e pendurou tudo...

— Onde? — perguntei eu.

— Como você é ingênuo... Era madrugada. Intimidade total. Eu disse: “Você não me ama!”. E ele pegou a roupa e a bolsa e pendurou... ali mesmo. Para provar o quanto ele é forte. E o quanto ele me ama...

Pois bem, eu saí do estúdio de televisão e estava a caminho da casa de Marina. Seu prédio ficava em um bairro novo onde moravam vários jornalistas. Você salta do trólebus e encontra um terreno baldio, um prédio enorme, e um colega de trabalho em cada janela.

Eu subi ao terceiro andar e toquei a campainha. Só então lembrei que estava usando o paletó de Chablínski. A porta se abriu de par em par. Marina olhou para mim com espanto. Pensou, talvez, que eu tivesse esfaqueado Chablínski (por ciúme) e roubado seu trapo...

(Em matéria de roupa, as mulheres têm uma memória sobrenatural. Um dia minha mulher falava de alguém: “Você o conhece. Conhece muito bem. É aquele sujeito antipático de sapatos pretos com cadarços marrons”).

Para um homem bom, relações com mulheres são sempre complicadas. E eu sou um homem bom. Afirmo isso sem traço de constrangimento, pois não há nada de que se orgulhar. De um homem bom esperam um comportamento correspondente. As exigências com ele são elevadas. Ela carrega, dia após dia, o peso insuportável da nobreza, inteligência, dedicação, consciência, humor. E depois elas o trocam por um miserável de marca maior. E a esse mesmo miserável contam, entre risadinhas, as virtudes maçantes do homem bom.

Mulheres só amam canalhas, e estamos carecas de saber disso. Mas nem todo mundo é capaz de ser um canalha. Eu tinha um conhecido chamado Akula,<sup>108</sup> um cambista do mercado negro. Ele batia na sua mulher com o cabo de uma pá. Chegou a pegar seu xampu e dar à amante. Matou o gato. Uma

108. Akula, “tubarão” em russo.



vez na vida ele preparou um sanduíche de queijo para a esposa. Cheia de comoção e ternura, ela soluçou a noite inteira. Por nove anos enviou conservas a ele na prisão da Mordóvia. Esperava por sua volta...

E um homem bom, eu me pergunto, quem precisa dele?...

Pois bem, lá estava eu com o paletó de outro homem.

— Que brincadeira é essa? — disse Marina, vendo nessa troca de roupa uma espécie de afronta sexual. Uma espécie de intercâmbio insultante de sentimentos...

— É o paletó de Micha — disse eu —, por um tempo, para eu ficar mais apresentável.

— Quer pedir minha mão? [Num misto de humor e ódio.]

— Se eu fosse uma pessoa séria, não hesitaria.

— Não fique assustado.

— Preciso ler um discurso num enterro. Ilves morreu.

— Ilves? O da televisão? Que horror... Você comeu?

— Não lembro. Nunca vi Ilves na minha frente.

— Tenho caldo, pasteizinhos e pato.

— Está bem. Dou um pulo na venda?

— Tenho aqui. Um fundinho de garrafa...

Eu conheço bem casas de intelectuais. Ícones, samovares, Nefertitis... Alguns cacarecos de valor sentimental... Uma quantidade imensa de livros, e todos novos em folha... E um fundinho de garrafa de vodca. Sempre apenas um fundinho. Mas de onde ele pode ter vindo? Alguém trouxe a garrafa? Não bebeu até o fim? Tinha coisas mais importantes para fazer?

Não tinha direito de ter ciúme. Minha esposa, a pensão... Seria demorado contar. E esta composição viria abaixo...

— De onde veio a vodca? — perguntei. — Quem esteve aqui?

Não estava com ciúme, tanto fazia para mim. Era uma espécie de joguinho entre nós.

— Édik passou por aqui. Está deprimido.

Ela se referia ao poeta Bogatyрэiev. Um sobrenome profundo, óculos, uma risada de louco. Eu vi um de seus livros de poesia. Ele se chamava *A hipotenusa do bem*, ou *A bissetriz do coração*. Algo do gênero. Versos brancos. Ou quem sabe eu esteja equivocado. Havia, por exemplo, coisas assim:

Andávamos de par, como duas lágrimas,  
Mas nós não conseguíamos nos unir.

E uma observação em seguida: “Madrugada, 21–22 de dezembro. Expresso Leningrado–Tállin”.

— Édik está sempre deprimido. É seu estado natural de trabalho. Enquanto o estado natural de Érik Buch é o pileque...

— Não seja cruel!

— Está bem...

— Quer ver o que eu anotei no meu diário? Diz respeito a você.

Marina trouxe um bloquinho cor de cereja. Na capa, estava escrito em letras douradas: “Ao delegado do Congresso do Partido em Tállin”.

— Não leia aqui. Aqui também não. É aqui:

“Ele era o feriado do meu corpo e o convidado da minha alma. Madrugada, 19–20 de agosto de 1975”.

Eu li e estremeci. O quarto foi invadido por um calor insuportável. As paredes azuis começaram a se mover para cima em diagonal. Gravuras oscilavam diante de meus olhos. Um ataque de asfixia me atirou para o outro lado da porta. Esbarrando com estardalhaço no papel de parede, disparei para o banheiro. Eu me inclinei sobre a pia, apoiando-me nas beiradas frias da faiança. Vomitei. Enfiei a cabeça debaixo da torneira. Água gelada escorreu pelo meu pescoço.

Marina, delicada, ficou esperando no corredor. Depois perguntou:

— Você bebeu ontem?

— Ah, não amole...

— É pena ver um homem se arruinar.

— Sabe — disse eu —, nas condições em que vivemos, perder pode ser mais digno do que ganhar.

— Você gosta de se sentir um injustiçado. Você se delicia com seus fracassos, gosta de ostentá-los...

— Tem limão?

— Num instante.

Fiquei sentado mastigando o limão. Com uma expressão no rosto condizente. Marina batia na mesma tecla:

— Um dia o caminho vai se abrir para o verdadeiro talento. Cedo ou tarde, achará seu lugar. Escreva, trabalhe, lute...

— Eu estou lutando. E acho que já cheguei lá. O instrutor dos assuntos culturais do Comitê Central me insultou outro dia. Escute, onde está aquele negócio? Você disse que tinha um fundinho...

Marina trouxe uma garrafa importada, uma perfumaria, e duas taças. Ligou a vitrola. Vivaldi, naturalmente. Faz tempo associado ao consumo de bebidas alcoólicas...

— Sabe — disse eu —, meu sonho era viver algum tempo em condições normais.

— Eu queria ver você forte, tranquilo, decidido.

— Quer dizer, parecido com o Chabłinski.

— Não é nada disso. Seja natural.

Provavelmente, para mim é natural ser antinatural.

— Você complica demais as coisas. Ser uma pessoa decente não é uma façanha.

— Por que não experimenta?

— Não precisa ser grosseiro.

De fato, pensei, para que estou fazendo isso?... Uma mulher linda. Bastava eu estender a mão. E eu estendi. Desliguei a música. Derrubei o copo...

Então escutei: “Micha, assim eu morro!”. E um tinido quase imperceptível. Marina tinha endireitado a taça esticando a mão livre, escondida, desnecessária.

— Micha está viajando — disse eu.

— Meu Deus!...

Eu fiquei contrariado e fui embora. Melhor dizendo, eu não fui.

Na manhã seguinte, meu discurso estava pronto.

“Camaradas! Uma circunstância triste nos trouxe até aqui. Hubert Ilves se foi, um exímio administrador, um membro do partido, um homem que cumpria seu dever...” Adiante um rol de seus méritos. Uma versão um pouco ficcionalizada de seu histórico de trabalho. E, finalmente, o desfecho: “Sua memória viverá em nossos corações!...”.

Com essa folha de papel eu fui ao estúdio. Eles a leram e disseram:

— Um pouco abstrato. Por outro lado, não está nada mal. Em comparação com os outros discursos mais oficiais.

Telefonei para a redação. E foi dito:

— Você ficará à disposição da comissão funerária. Até amanhã. Tchau!

Na comissão funerária reinava um caos que lembrava a atmosfera da redação, a mesma preocupação falsa e a mesma infecundidade ruidosa e febril. Eu estava fumando na escada ao lado das instruções em caso de incêndio. Nesse momento Bykovier me chamou. Toda redação tem uma figura fora do padrão como ele: judeu, louco, genial. Assim como toda cidadezinha tem seu louco. A história de Bykovier é bastante curiosa. Ele era o filho mais novo de um fabricante de Reval.<sup>109</sup> Diplomou-se em Cambridge. Em seguida a Estônia burguesa

109. Reval, nome de Tálin do século XIII até 1917 e de 1941 a 1944, durante a invasão da Alemanha nazista.

caiu. Como um judeu de opiniões progressistas, Fima<sup>110</sup> era favorável à revolução. Entrou na seção internacional do jornal da república. (Serviu-se de seus conhecimentos de línguas.) Um dia ele recebeu uma tarefa importante: telefonar para Dimítrov<sup>111</sup> na Bulgária e solicitar congratulações pelo aniversário da República Soviética da Estônia. Bykovier ligou para Sofia. O secretário de Dimítrov atendeu.

— De Tállin falando — anunciou Bykovier com o acento judeu que nunca perdera, apesar de toda a sua erudição. — De Tállin falando.

Em resposta ele ouviu:

— Prezado camarada Stálin! O povo búlgaro, amante da liberdade, manda felicitações. Permita em nome dos trabalhadores informar...

— Não sou Stálin — corrigiu Bykovier em tom indulgente —, sou Bykovier. Estou telefonando pelo aniversário, para organizarem uma pequena felicitação... Literalmente um par de palavras...

Quarenta minutos depois, Bykovier foi preso. Pela comparação profanadora. Pelo escárnio ao sagrado. Pelo idiotismo.

Muitas coisas sucederam a isso. Um inquérito, um período curto num *láguer*, e o *front*, onde certa vez Bykovier lavou uma vaca morta com areia e álcali. (“O senhor disse para lavar com capricho, então eu lavei com capricho...”) Finalmente ele voltou. Conseguiu um trabalho em uma biblioteca. Não tinha diploma (Cambridge ali não conta). Ele recebia um ordenado de oitenta rublos. Nesse meio-tempo, Bykovier casou. Sua mulher estava constantemente doente, mas paria com regularidade. Miserável, assustado e semilouco, Bykovier perambulava pelos saguões das redações. Ele escrevia notas mal pagas

110. Fima, diminutivo de Efim.

111. Gueórgui Dimítrov (1882–1949), secretário-geral da Internacional Comunista de 1934 a 1943, primeiro-ministro da República Popular da Bulgária de 1946 a 1949.

de conteúdo raramente tão deplorável. “Um alce foi visto perto da fábrica Kálev.” “Na casa de um major reformado, nasceu um cacto de proporções gigantescas.” “Acaba de sair outro volume de Grigoróvitch.”<sup>112</sup> E assim por diante. Todo dia Bykovier ligava à maternidade para saber se alguém tinha tido trigêmeos. Todo mês ele fazia um artigo com novidades de produtos de amplo consumo. Todo ano informava o início da temporada de caça. Todos nós gostávamos dele.

— Salve, Fima! — disse eu com voz profanamente animada.

— Que desgraça, que desgraça — respondeu Bykovier.

— Dizem que o defunto era um canalha?

— Nem me fale, nem me fale...

— Escute, Fima — disse eu —, algum dia você tentou levantar a cabeça? Erguer a voz?

Bykovier fitou-me de tal maneira que eu corei.

— Sabe o que eu queria? — disse ele. — Queria me tornar invisível. Simplesmente deixar de existir. Eu com prazer trocava de lugar com Ilves, mas tenho filhos. Três. E cada um precisa de um par de calçados.

— Para que você veio?

— Eu não queria vir. Raciocinei da seguinte maneira: suponhamos que Bykovier tivesse morrido. Será que Ilves iria ao enterro? Só passando por cima de seu cadáver. Portanto, eu também não vou. Mas minha mulher me disse: “Fima, vá. Todos estarão lá. Pessoas úteis...”

— E quanto a mim, eu não sou uma pessoa útil?

— Não muito. Mas é uma pessoa boa...

Apareceu uma moça com uma braçadeira de luto:

— Quem aqui é Chablínski?

— Sou eu — respondi.

112. Dmítri Grigoróvitch (1822–1900), escritor russo realista, conhecido por suas descrições rurais e por condenar o sistema de servidão.

— Sabe, Ilves está no necrotério. Foi vestido de maneira decente, com um terno azul-marinho. Mas faltou a gravata. Seu sobrinho acaba de trazer uma. Além dela, é preciso prender na lapela o distintivo da União dos Jornalistas...

Eu mesmo vestia uma gravata. Akula, o contrabandista, tinha conseguido me vendê-la um ano atrás. Ele também tinha feito um nó fora do comum. À moda de Frank Sinatra. Desde então, eu não desatava a gravata. Eu fazia o seguinte: afrouxava o nó e ia alargando o laço devagar, mas deixava a ponta para fora. Em seguida, eu tirava a cabeça com cuidado, amassando as orelhas. E, para colocar, bastava refazer o percurso na ordem inversa...

— Receio não ser capaz...

— Na verdade, eu consigo — disse Bykovier.

— Ótimo — animou-se a moça —, o veículo está embaixo. Com o motorista e também o operador de som, o Altmäe. Levem a gravata e o distintivo. E tragam o defunto para cá. Nesse intervalo, todos estarão prontos. A cerimônia irá começar às três horas em ponto. Outra coisa, digam a Altmäe que o fundo deve ter contrastes. Ele já sabe a que me refiro...

Nós vestimos os casacos e entramos no elevador. Bykovier disse:

— Finalmente eu servi para alguma coisa.

Um caminhão-baú estava estacionado embaixo. Altmäe, o operador de som, cochilava na cabine.

— Oi, Oskar — disse eu —, lembre que o fundo deve ter contrastes.

— Que fundo? — assustou-se Altmäe.

— Você sabe.

— O que eu sei?

— Uma moça me pediu para dizer isso.

— Que moça?

— Deixe para lá — disse eu —, durma.

Nós nos enfiámos na carroceria. Bykovier estava animado.

— Que bom que terei alguma serventia. Ilves é um homem útil.

— Quem é um homem útil? — perguntei com espanto.

— Ilves Júnior, o filho.

— E o que ele faz?

— Trabalha no departamento de propaganda.

— Sente mais perto, aqui o solavanco é menor.

— Para mim, em qualquer lugar, o solavanco é o mesmo.

Eu tinha sido guarda de prisioneiros escoltados. Conduzia presos em um caminhão de metal como esse. O veículo era chamado “automóvel para transporte de detentos”. Além do “salão” comum, havia dois armários de metal apertados. Eram chamados “copos”. Ali, encostando os cotovelos e os joelhos nas paredes, uma pessoa conseguia se acomodar. A escolta de presos se sentava do lado externo. Numa porta de metal havia uma fresta estreita que permitia ver de dentro para fora. Os presos apelidaram esse dispositivo de “Eu vejo, você não”. De repente senti como é desconfortável viajar num “copo” de metal. Mesmo dezesseis anos depois...

Galhos arranhavam ruidosamente o teto de metal da carroceria. Sentimos um tranco e o caminhão parou. Saímos à luz do dia. Por entre as árvores surgiram os muros amarelos do prédio de dissecação. Do lado direito da porta havia uma campanha. Eu toquei. Um homem de avental de oleado nos abriu. Altmäe mostrou os documentos e disse algo em estoniano. O plantonista, com um gesto, pediu que o seguíssemos.

— Eu não posso ir — disse Bykovier —, vou desmaiar.

— Eu também não — disse Altmäe —, depois vou ter pesadelos.

— Que bela confusão arranjaram — disse eu —, poderiam ter avisado antes.

— Contávamos com você. Você é tão grandão.

— Mas eu nem sei atar uma gravata.



— Vou ensinar — disse Bykovier. — Vou mostrar a técnica do “lótus de Cambridge”. Você treina aqui e lá põe em prática.

— Eu até iria — disse Altmäe —, mas sou muito impressionável. E em geral não tenho muito apreço por defuntos. E você?

— Defuntos são minha paixão — disse eu.

— Preste atenção — disse Bykovier —, aprenda o método espelhado. A parte estreita você deixa aqui e a parte larga aqui. Com ela damos duas voltas. Tiramos a ponta por dentro. Enfi-amos aqui e puxamos devagar. Prontinho. Uma beleza, não é?

— Até que sim — disse eu.

— A vantagem do “lótus de Cambridge” é que o nó se desfaz facilmente. Basta puxar por essa ponta, e é tudo.

— Ilves ficará maravilhado — disse Altmäe.

— Entendeu como se faz?

— Suponho que sim.

— Tente uma vez.

Bykovier prontamente me ofereceu seu pescoço flácido, coberto com esparadrapos em quatro lugares.

— Não precisa, eu memorizei — disse eu.

No necrotério estava fresco e ecoante. Paredes marrons, cimento, um quadro com o Sistema de Defesa Antiaérea, um extintor de incêndio de um vermelho berrante.

— É esse — indicou o plantonista.

Perto da janela, sobre um pedestal revestido de algodão vermelho, erguia-se um caixão. Não era um marrom banal (da cor de um cofre), mas um preto com galões de papel metálico.

Ilves parecia completamente morto. Inerte como um boneco de cera em tamanho natural.

Eu mostrei a gravata ao plantonista. Revelou-se que ele falava russo com facilidade.

— Eu vou levantar e o senhor atar.

Com as mãos entrelaçadas, ele levantou o corpo como se este fosse uma tora. Em seguida, uma confusão e trapalhada de nossas mãos... “Assim... mais um pouquinho...” O colarinho arregaçado, as tiras de papel amarrotadas...

— *Okay* — disse o funcionário, tocando no cabelo do defunto.

Eu tirei o distintivo e o preendi na lapela escura de cheviote. O funcionário trouxe a tampa e seis parafusos. Ajeitamos a tampa, atarraxamos os parafusos.

— Vou chamar os rapazes.

Altmäe e Bykovier entraram. Fima estava com os olhos bem fechados. Altmäe sorria, pálido. Levamos para fora o caixão e, com um rangido horrível, o enfiamos na carroceria.

Altmäe sentou na cabine. Bykovier ficou calado o caminho todo. E, apenas quando estávamos para chegar, ele fez uma observação filosófica:

— O homem viveu, viveu e depois morreu.

— E o que você queria? — perguntei eu.

Pessoas se aglomeravam no vestíbulo. Falavam a meia-voz. Nas paredes reluziam as fotografias da exposição *A juventude do planeta*.

Surgiu um homem desconhecido de braçadeira e anunciou em voz alta:

— É permitido fumar.

Essa pequena contravenção humana alegrou os lamentosos.

Os organizadores se moviam em silêncio na multidão. Eu não conhecia nenhum deles. Pelo visto, cerimônias fúnebres rompem o sistema hierárquico habitual. Pessoas anônimas tornam-se visíveis. Pessoas dispostas a cuidar voluntariamente de um assunto como esse.

Eu me aproximei do organizador responsável:

— Trouxemos o caixão.

— E pegaram o cabo?  
— O cabo? É a primeira vez que escuto a esse respeito.  
— Não faz mal — disse ele, como se eu tivesse tido um pequeno lapso. Então levantou a voz, sem perder o tom de pesar:  
— Aos carros, camaradas!

Duas mulheres, às pressas e com atraso, jogaram ramos de abeto pelo chão.<sup>113</sup>

— Parece que não somos mais necessários — disse Altmäe.

— Fui encarregado de fazer um discurso.

— Você falará no final. Primeiro, falam os camaradas do Comitê Central. E depois o restante das pessoas. Todas as que quiserem.

— O que quer dizer com “todas as que quiserem”? Eu fui encarregado. E o texto foi aprovado.

— Naturalmente. Você foi encarregado de ser alguém que quer falar. Eu vi a lista. Você é o oitavo. Depois de Lembit. Ele quer que todo mundo cante. *Os grou*s, sabe? “Às vezes me parece que os soldados...”<sup>114</sup> Etc. Lembit vai propor cantar essa música em homenagem a Ilves.

— Mas quem vai cantar? Ainda nesse frio.

— Todos. Você vai ver.

— Você, por exemplo, vai cantar?

— Não — disse Altmäe.

— E você? — perguntei a Bykovier.

— Se preciso, sim — respondeu Fima...

113. Na Rússia, nos enterros, jogam ramos de abeto ao longo do caminho até o cemitério.

114. *Os grou*s (*Juravli*), conhecida música de Ian Frénkel (1920–1989), interpretada por Mark Bernes (1911–1969) e baseada num poema de Rassul Gamzátov (1923–2003) dedicado aos soldados mortos na Segunda Guerra que teriam se transformado em grou. Originalmente escritos em avar (língua do Daguestão), os versos foram traduzidos para o russo por Naum Griébnev (1921–1988).

As pessoas se arrastavam em direção à saída. Muitos levavam coroas, ramalhetes e flores em vasos. Perto da entrada estavam estacionados seis ônibus e o nosso caminhão. O organizador se aproximou:

— Camarada Chablínski?

— Ele está numa viagem de trabalho.

— Mas o senhor é do *Estônia Soviética*?

— Sim, fui encarregado...

— Foi o senhor quem trouxe o corpo?

— Nós três.

— Irão acompanhá-lo daqui para a frente também. No carro especial. E isso aqui é para não congelarem.

Ele me esticou um pacote que fez glu-glu. Uma forma velada de pagamento. Um gole antes do ataque. Fiquei constrangido, mas não disse nada. Enfie o pacote no bolso. Conte a Bykovier e Altmäe. Passamos no bar e pedimos copos. Altmäe comprou três sanduíches. O vestibulo ficou deserto. Os ramos escuros de abeto sobressaíam no chão amarelo e brilhante. Nós nos aproximamos do caminhão. O motorista disse:

— Tem lugar na cabine.

— Tudo bem — disse Altmäe.

— Vamos dar um golinho para ele? — perguntei num sussurro.

— Só passando por cima do meu cadáver — escandiu Bykovier.

O caixão estava no lugar de antes. Por um tempo ficamos na penumbra. O motor ligou. Altmäe colocou os sanduíches sobre a tampa do caixão. Eu tirei a bebida. Fima arrancou com os dentes a minúscula tampinha de metal. Os copos tiniam levemente. O carro pôs-se em movimento.

— À sua memória — disse Bykovier tristemente.

Altmäe, distraído, exclamou:

— Muito bem!

Bebemos, enfiamos as garrafinhas debaixo do banco. O papel jogamos pela janela.

— Deveríamos devolver os copos — disse eu.

— Ainda nos serão úteis — notou Bykovier.

... O caminhão deu um solavanco num cruzamento.

— Estamos chegando ao destino — disse Bykovier.

Em sua voz ressoou uma nota sobre a efemeridade da vida.

O cemitério Linnamets ficava no alto de colinas cobertas por pinheiros e salpicadas por penedos musgosos impressionantes. Ao olharem para essas pedras decorativas, os jornalistas se apressavam em dizer: “São resíduos da idade do gelo”. Como se eles tivessem vivido em períodos pré-históricos e deles se lembrassem.

Tudo ali passava a ideia de imortalidade e paz. As colinas lembravam ruínas de uma antiga fortaleza. Ao longe, o mar rugia invisível. As copas dos pinheiros meneavam. A cortiça de seus troncos amarelados e paralelos descascava.

Não havia anúncios, cartazes, quiosques ou cestos de lixo. Uma comunhão solene de pedra e água. Silêncio.

Nós saímos na alameda principal do cemitério, perpassada por sombras de pinheiros. O motorista parou o carro. A porta de metal escancarou. Atrás de nós, formou-se uma coluna de ônibus. O organizador se aproximou:

— Quantos vocês são?

— Três — disse eu.

— Precisamos de mais três.

Então entendi que o caixão continuava sob nossos cuidados.

Perto dos ônibus, apinhavam-se pessoas com coroas e ramalhetes de flores. Subitamente uma música começou a estrondear. O primeiro acorde de tão forte ecoou. Três rapazes robustos se juntaram a nós. Eram colaboradores do jornal juvenil. Com um deles eu costumava jogar pingue-pongue. Nós retiramos o caixão. Demos uma volta e nos colocamos na ca-

beça da coluna. Tocaram a marcha fúnebre de Chopin. Andar lentamente com uma carga pesada é uma tortura. Fiquei muito cansado. Era impossível trocar o braço.

Bykovier, com uma voz sufocada, disse de repente:

— Como é pesado, parasita...

— Vamos mais rápido — disse eu.

Começamos a andar um pouco mais rápido. A orquestra acelerou o tempo. Fomos ainda mais rápido. Andando e regendo. Bykovier disse:

— Vou deixar cair.

E levantando a voz:

— Camaradas, venham nos substituir... Alô!

Oja, um comentarista de rádio, o substituiu.

No fim da aleia, a cova retangular se fazia notar. Ao lado, via-se um pequeno monte de terra fresca. Os músicos se colocaram em semicírculo. Após uma longa espera por uma pausa, abaixamos o caixão. Os presentes rodearam a sepultura. O organizador e seus assistentes tiraram a tampa do caixão. Certifiquei-me de que a gravata estava no lugar e afastei-me para as árvores. Os rapazes da televisão começaram a instalar o equipamento. A luz intensa das lâmpadas parecia fora de lugar. Cabos escuros contrastavam com a grama. Bykovier e Altmäe vieram em minha direção. Pelo visto, a vodca havia nos unido. Começamos a fumar. O organizador pediu silêncio. O primeiro orador, segurando um chapéu de bombazina novinho, pôs-se a falar. Eu não o escutava. Outros se apresentaram em seguida. Os rapazes da televisão, enérgicos, chamavam uns aos outros.

— Uma transmissão ao vivo — disse Bykovier. E logo acrescentou: — Quanto a mim, eu serei enterrado feito um cachorro.

— O centro epidemiológico não permitirá — reagiu Altmäe. — O caminho para a morte é pavimentado de informações sem sentido.

— Elas têm muito sentido — indignou-se Bykovier.  
Deram a palavra a algum funcionário importante do *Jornal Vespertino*.<sup>115</sup> Eu assimilei uma frase: “Seu pai e seu avô lutaram contra o absolutismo estoniano”.

— Que papo é esse?! — espantou-se Altmäe. — Na Estônia nunca existiu absolutismo.

— Pois bem, contra o czarismo — disse Bykovier.

— Também nunca existiu czarismo estoniano. Existiu czarismo russo.

— O que definitivamente não existiu foi czarismo judeu — observou Fima —, o que não existiu, não existiu.

O organizador se avizinhou:

— O senhor é Chablínski?

— Ele está numa viagem de trabalho.

— Ah, sim... Está pronto? Mais um e será a sua vez...

Altmäe tirou os cigarros. O isqueiro não funcionava, tinha acabado o gás. Bykovier foi atrás de fósforos. Um minuto depois, ele voltou na ponta dos pés e disse gesticulando:

— Vocês vão morrer de rir. Não é o Ilves.

Altmäe deixou cair o cigarro.

— Como? — perguntei.

— Não é o Ilves. É outro homem. Ou melhor, outro defunto...

— Fima, você está raciocinando direito?

— Estou dizendo, não é o Ilves. Nem se parece com ele. Acha que eu não conheço o Ilves?!

— Talvez seja uma provocação? — disse Altmäe.

— Pelo visto, você tomou um por outro.

— Foi o plantonista quem tomou. Eu nunca vi Ilves na minha frente. Alguma coisa precisa ser feita — falei.

115. *Jornal Vespertino* (*Õhtuleh*), em estoniano. Fundado em 1944, é um dos tabloides de maior tiragem da Estônia.

— Era o que faltava — disse Bykovier —, e a transmissão ao vivo?

— Mas isso é um deus nos acuda!

— Vou dar uma olhada — disse Altmäe.

Ele se afastou e, ao voltar, disse:

— Realmente, não é o Ilves. Mas tem alguma semelhança...

— E seus parentes, seus amigos? — perguntei.

— Basicamente Ilves não tinha parentes nem amigos — disse Altmäe —, para ser honesto, ninguém simpatizava com ele.

— Mas mencionaram um filho, um sobrinho...

— Ponha-se no lugar deles. Um programa está em andamento. De modo geral, é um evento importante...

Começaram a cantar perto da sepultura. A voz estridente de soprano de Liuba Tórchina, da nossa seção de cotidiano, sobressaía em meio às outras. Nesse ínterim, o organizador me acenou com a cabeça. Eu cheguei perto da cova. Finalmente, a cantoria acalmou.

— As palavras de despedida são de...

Claro que ele mutilou meu sobrenome:

— As palavras de despedida são do camarada Dolmátov.

Quantos homens já não fui nesta vida? Dokládov, Zaplátov...

Dei um passo em direção à cova. Ali dentro havia água parada e raízes cortadas esbranquiçadas. Ao lado, sobre cavaletes especiais, estava o caixão, que lançava uma sombra ao redor. O desconhecido estava afundado em flores. Um pedaço de seu rosto se perdera solitariamente na espuma branca de orquídeas e gladiolos. O defunto, ao ser separado de seu nome, parecia um objeto. Eu vi, apoiada nos pinheiros, a cúpula do pavilhão celeste. Como na televisão, gralhas passaram voando. A deslumbrante agulha amarela da igreja, elevando-se acima



dos prédios de Mustamäe, realçava a monotonia cinza e desoladora deles. A sepultura estava rodeada de pessoas estranhas vestidas em sobretudos escuros. Senti o cheiro sufocante das flores e das agulhas de pinheiros. As bordas do leito procustiano apertavam meus ombros. Pétalas caídas faziam cócegas em meus braços, cruzados sobre o peito. Sobre minha cabeça, um operador de televisão movia-se agitadamente. Uma voz distante soou, com uma nota de narcisismo:

“Eu não conhecia esse homem. Sua alma, seus ímpetos, certezas, coragem, desilusões e esperanças. E não acredito que ele tenha achado a verdade sem procura. Não creio que seu último olhar tenha descoberto a medida de todas as coisas, da vida agitada, das artimanhas evidentes, das vitórias sem triunfo e das rendições sem amargura. Não creio que ele tenha compreendido para onde vamos e o que existe de alegre e de valioso em nossa retirada agônica. Mesmo assim, ele está aqui... por escolha própria...”

Eu ouvia um murmúrio crescente. Uma frase se formou dos fragmentos abafados: “O que ele está dizendo?...”. Alguém me cutucou. Eu sacudi os ombros. Comecei a falar mais rápido:

“... No que estou pensando, do lado de cá da cova? Nos mistérios da alma humana. Na superação da morte e dos pesares do espírito. Nas leis da existência que nasceram há milênios e que continuarão vivas até o sol deixar de brilhar...”

Alguém me afastou para o lado.

— Não entendi — disse Altmäe —, o que você pretendia com isso?

— Eu mesmo não entendi — disse eu —, fui engolido por uma espécie de caos.

— Eu me inteirei de tudo — disse Bykovier, e seu rosto refletiu o brilho maroto de quem tomou parte num segredo. — É Gaspl, o contador do *kolkhoz* de pescadores. Ilves, fazendo as vezes de Gaspl, está sendo enterrado no cemitério Merivälja.

Estão fazendo um escândalo inacreditável lá. Acabaram de telefonar... A família está histérica... Decidiram enterrar o que têm...

— Amanhã, ou mesmo hoje à noite, podem trocar as lápides — disse Altmäe.

— Em hipótese nenhuma — retrucou Bykovier —, Ilves é um funcionário da nomenclatura. Ele deve ser enterrado num cemitério privilegiado. Existe uma ordem de ferro. De noite sem falta vão trocar os caixões...

De repente eu perdi a noção da realidade. No mundo que se revelava não havia perspectivas. O futuro se amontoava em minhas costas. O passado encobria o horizonte. Comecei a suspeitar que a harmonia foi inventada por poetas com o intuito de tocar corações humanos...

— Vamos — disse Bykovier —, é preciso pegar um lugar no ônibus. Ou seremos obrigados a aguentar os solavancos naquele caixote de metal...

## Décimo segundo compromisso

(*Estônia Soviética*. Outubro de 1976.)

*A MEMÓRIA É UMA ARMA TERRÍVEL! Na mitologia grega, existe a imagem do Lete, o rio do esquecimento cujas águas levavam embora sofrimentos terrenos padecidos pelos homens. À beira do Lete, o homem recebia a mísera e efêmera ilusão de felicidade. Sua razão ingênua, privada da experiência e da memória, tornava-o um brinquedo nas mãos do destino. Mas, desde tempos imemoriais, contra a corrente do Lete correm as águas torrenciais e inesgotáveis da memória humana...*

*Na cidade de Tártu, foi aberto o terceiro encontro republicano de ex-prisioneiros de guerra de campos de concentração fascistas.*

*Seus rostos estavam — ao mesmo tempo — festivos e sérios. No peito de cada um se via um distintivo, pequeno e modesto: um triângulo vermelho e uma silhueta de uma pomba, emblemas inseparáveis do sangue derramado e da paz. Os presentes se juntavam em pequenos grupos nos saguões espaçosos do teatro Vanemuine. Cumprimentos, abraços, falas emocionadas...*

*Lazar Boríssovitch Slapak, um engenheiro-construtor, contou:*

*— No começo, eu estive num láguer para prisioneiros de guerra. Depois, acusado de propaganda antifascista e de organização de fugas, fui transferido para Stutthof...<sup>116</sup> Reconhecíamos-nos pelo*

116. Stutthof, campo de concentração nazista estabelecido na Polônia em 1939. Conforme algumas estimativas, entre judeus, ciganos e poloneses, foram perto de 65 mil mortos.

*olhar, por um gesto da mão, pelo sorriso incerto...  
Uma pessoa não se sente uma vítima se estiver ao  
lado de seus camaradas, seus irmãos...*

*O encontro durou dois dias. Dois dias de lem-  
branças, de amizade, de respeito ao que foi vivido.  
Delegados e visitantes saíram de lá enriquecidos  
com um arquivo precioso e eterno da memória hu-  
mana, e nós, conduzidos por eles, proferimos so-  
lenes e severos, como uma advertência, um jura-  
mento e uma lição ao mundo: “Ninguém é esque-  
cido, nada é esquecido!”.*

No começo da manhã já estávamos em Tártu. Jbankóv, o caminho inteiro, ficou reparando sua máquina fotográfica. Na manobra, utilizou-se de clipes de papéis, fita isolante, um pequeno estilhaço de espelho...

Primeiramente queriam mandar Malkiel, mas Jbankóv saiu protestando:

— Sou a propósito um ex-combatente, tenham consciên-  
cia!

O editor, Turónok, tentou persuadi-lo:

— Ali vão se reunir prisioneiros, e de modo nenhum com-  
batentes!

— Como se eu não fosse um prisioneiro! — levantou a  
voz Jbankóv.

— O posto antiembriaguez não conta — observou o reda-  
tor, sarcástico.

Jbankóv não dava o braço a torcer. Tinha uma carta na manga. Quando se sentia claramente perseguido, Michka dava insinuações de que cairia numa longa bebedeira. Não falava abertamente, apenas perguntava:

— Será que o caixa de ajuda mútua ainda está aberto?

Isso significava que Michka tinha a intenção de conseguir dinheiro. E, se não conseguisse, usaria o ampliador importado da redação para comprar bebida.

Via de regra, os chefes cediam. E mesmo assim ele praticamente emendava ressacas. O próprio pensamento em bebida já era um indício...

— Guénrikh Frántsevitch — eu me intrometi —, eu e Jbankóv já viajamos juntos.

— Temos uma cumplicidade criativa — Michka fez coro comigo.

— É justamente isso que me assusta — disse Turónok. — Pensando bem, podem ir.

Acho que o editor lembrou que era um evento importante. E Jbankóv tirava fotografias magníficas...

Da estação de trem até o teatro fomos a pé. Tártu é uma cidadezinha amável e culta. Na multidão, distinguiam-se os bonés verdes dos estudantes. Caía uma chuvinha fina.

— Preciso comprar filme — disse Jbankóv.

Passamos por uma papelaria acolhedora. O vendedor fazia café num fogãozinho elétrico. Seu colete de tricô, tipicamente estoniano, tinha sido adornado com botões de metal.

— Tem filme *Mikrat* nº 4? — perguntou Jbankóv.

O estoniano acenou negativamente com a cabeça.

— Começamos bem...

Eu perguntei:

— E onde fica a loja mais próxima que tenha o nº 4?

— Em Helsinque — respondeu o vendedor, sem sorrir.

— Não faz mal — disse Jbankóv —, os rapazes do *AVANTE*<sup>117</sup> vão estar lá...

117. *Avante* (*Edasi*), em estoniano. Jornal da Estônia que funcionou com esse nome de 1948 a 1990. Atualmente se chama *Postimees*.

A chuva ganhou corpo. Apressamos o passo. Perto da entrada do teatro, aglomeravam-se pessoas com guarda-chuvas e capas de plástico.

— Por que estão todos com guarda-chuvas, feito selvagens? — surpreendeu-se Jbankóv, pisando numa poça funda.

— Fale mais baixo — disse eu.

O teatro *Vanemuine* tinha sido construído fazia relativamente pouco tempo. Escadarias de mármore, saguões espaçosos, ecos sonoros. Sobre a entrada, uma faixa azul (na Estônia amam faixas azuis):

“Glória aos ex-prisioneiros dos campos de concentração fascistas!”.

Nós localizamos o organizador responsável e nos apresentamos. Ele disse:

— O programa é o seguinte. Primeiro, a parte emocional. O encontro de velhos amigos. Depois, as solenidades. E, finalmente, o banquete. A propósito, os senhores também estão convidados.

— Só faltava não sermos — disse Jbankóv.

Pessoas com ordens e medalhas zanzavam pelos saguões. Em geral, em pequenos grupos. Fumavam e conversavam a meia-voz.

— Não estou vendo muitas emoções — disse Jbankóv.

O organizador explicou:

— Os prisioneiros se reúnem anualmente. E faz uns vinte anos. A parte emocional vai terminar já já. As solenidades duram cerca de uma hora. Ou até menos. E depois vem o banquete...

— Com todas as consequências que resultam disso — Jbankóv subitamente caiu na risada.

O organizador sobressaltou-se.

— Com licença — disse eu —, preciso falar com algumas pessoas. Tomar nota de uma coisa.

O organizador parou um homem alto e corpulento:

— É Lazar Boríssovitch Slapak, engenheiro-construtor e ex-prisioneiro de Stutthof.

Eu também me apresentei.

— Fui levado para Stutthof por atividade antifascista e organização de fugas. Antes disso eu me encontrava na Polônia...

Slapak tinha uma fala rápida e confiante. Pelo visto, estava habituado a tratar com jornalistas.

— Imagino que o senhor esteja interessado por fatos curiosos? — perguntou ele.

Consenti com a cabeça.

— Vamos nos sentar.

Nós nos acomodamos num sofá. Dois sujeitos se juntaram a nós. Um homem relativamente jovem de túnica militar e um velho triste sem um braço. O organizador disse seus sobrenomes: Valton e Gúrtchenko.

Slapak esperou por silêncio e continuou:

— Para organizar as fugas, precisávamos de recursos. Começamos a pensar em como consegui-los. E, imaginem os senhores, nós achamos uma saída. Eu me virava bem no xadrez. E o chefe do campo era um enxadrista fanático. Decidimos organizar um torneio. Fixamos um prêmio: oitenta marcos. Meus camaradas torceram loucamente por mim. De dez partidas eu ganhei sete. O chefe disse: “*Donnerwetter!*”,<sup>118</sup> e me pagou...

— Interessante — o velho sem um braço o interrompeu —, muito interessante...

Eu anotei seu sobrenome: Gúrtchenko.

Até então, o velho estava em silêncio.

— Qual é o problema, camarada? — disse Slapak.

— Só digo que o senhor soube matar o tempo lá...

118. *Donnerwetter*, “com mil trovões”, expressão alemã.

— O que quer dizer? — o engenheiro-construtor sorriu, tenso.

— Uns três anos na Mordóvia resolveriam — prosseguiu o velho.

Era visível que ele estava semiembriagado.

— E onde ficou preso, camarada? — intrometeu-se o organizador. — Dachau, Auschwitz?

— Fiquei preso na Mordóvia — respondeu Gúrtchenko — e no Cazaquistão... Passei vinte anos em campos por ser ex-prisioneiro de guerra...

— E o senhor acha que eu não fui preso? — zangou-se o engenheiro. — Tenho os dois rins estourados! Já ouviu falar de Iósser? Do Vesliana? Do Roptcha?...<sup>119</sup>

— Eu ouvi — o rapaz de túnica militar o incentivou. — Eu peguei meningite na prisão de trânsito em Roptcha. Eu era apenas um menino quando fui capturado como prisioneiro de guerra. Fui enviado para um *láguer*. Embora eu não tivesse idade para ser recrutado. Eu não me envolvia com propaganda. Aquilo foi injusto. Não gostei do campo de concentração. Os fascistas nos matavam de fome. E ainda por cima não havia mulheres...

— E como você foi parar em Roptcha? — com sarcasmo perguntou o velho sem um braço.

— Muito simples. Fomos libertados pelos franceses. E eu me vi em Paris. Então corri para a embaixada soviética. Éramos ao todo oitocentas pessoas. Eles nos colocaram em um trem e nos levaram para o Oriente... Fomos indo, indo... Passamos por Moscou, passamos pelos Urais...

— Sorriam, rapazes! — pediu Jbankóv. — Parados! Estou fotografando!

119. O povoado de Iósser e os rios Valiana e Roptcha ficam na região da República de Kómi (noroeste da Rússia), onde foram instalados campos de prisioneiros.



— Você nem tem filme — disse eu.

— Isso não importa — disse Jbankóv —, é preciso descarregar a tensão do ambiente.

O organizador também ficou preocupado. Ele se levantou e bateu palmas sonoramente:

— Camaradas prisioneiros, queiram passar para o salão!...

As solenidades não duraram mais de vinte minutos. De todos quem mais falou foi o próprio organizador. No final ele disse:

— Sempre seremos prisioneiros do fascismo. Tudo o que vivemos não pode ser esquecido...

— Ele também foi prisioneiro de guerra? — perguntei a Gúrtchenko.

— Esse calhorda é do teatro — respondeu o velho —, foi indicado pelo Comitê do Partido. Já é o quarto ano dele como orador... Uns três aninhos na Mordóvia resolveriam... Rachando lenha na floresta...

Nesse momento se abriram as portas do salão do banquete. Pegamos uma mesinha perto da janela. Jbankóv trouxe as duas cadeiras que faltavam. Em seguida serviu vodca a todos.

— Vamos beber sem longos brindes — propôs Slapak —, por tudo de bom!

Bebemos em silêncio. Jbankóv prontamente encheu os copos de novo. Valton tentava terminar de me contar sua história:

— Eu era grumete de uma frota comercial. Os alemães se enganaram. Eles me prenderam sem motivo. Eu não era marinheiro militar. Eu era marinheiro comercial. E eles resolveram me prender. No fundo, sem motivo algum...

Parecia que Valton se justificava. Por pouco não deu provas de sua lealdade aos alemães.

— Os fínicos são todos iguais — disse Jbankóv —, Adolf é o melhor amigo deles. E os russos eles desprezam.

— E por que deveriam gostar de nós? — intrometeu-se Gúrtchenko. — Pelo bordel que armamos na Estônia?

— O bordel não é o pior — disse Jbankóv —, o pior é que a vodca está ficando cara...

Seu semblante brilhava. Garrafas apareciam magicamente em suas mãos.

— Quer provar um pouco do ensopado? — Slapak dirigiu-se a mim.

Jbankóv o tocou no cotovelo educadamente:

— Faz tempo que queria fazer... como se diz, uma pergunta indiscreta... O senhor, desculpe, pertence à qual nação?

Slapak ficou levemente inquieto. Então respondeu firme e confiante. Sua voz era de um homem que não tinha nada a esconder:

— Pertenço à nação judia.<sup>120</sup> E o senhor, perdão, à qual pertence?

Jbankóv ficou um pouco desorientado. Apanhou um cogumelo marinado que teimava em fugir.

— À russa... à nação judia — reformulou Jbankóv pacificamente.

Nesse momento, Gúrtchenko, o velho sem um braço, voltou-se para Slapak.

— Não se aflija, rapaz — disse ele. — Se é judeu, é judeu. Não é tão terrível assim. Eu morei quatro anos no Cazaquistão. E os cazaques são cem vezes piores...

Esvaziamos os copos outra vez. Jbankóv conversava animadamente com Gúrtchenko. Sua fala tornava-se cada vez mais variegada.

Pouco a pouco o salão de banquetes se encheu de um ruído característico. Copos e garfos tiniam. Alguém ligou a radiola. Ressoaram acordes poderosos:

... É a guerra do povo,

120. Na Rússia, ser judeu é considerado uma nacionalidade.

Uma guerra sagrada...<sup>121</sup>

— Ei! O que está mais perto da radiola! Desligue o som — disse Jbankóv.

— Deixe — disse eu —, é preciso mesmo abafar seus palavrões.

— Não se pode abafar a verdade! — repentinamente gritou Gúrtchenko.

Jbankóv se levantou e saiu em direção à radiola. Nesse instante, eu notei um grupo de *pioneiros*.<sup>122</sup> Eles passavam por entre as mesas de maneira desajeitada. Evidentemente, o pé-d'água os havia atrasado. Os *pioneiros* carregavam uma enorme cesta de flores.

Michka se viu no meio do caminho deles. Ele tinha uma aparência pitoresca. Seus olhos brilhavam de excitação. A gravata estava jogada no ombro.

Em meio aos antigos prisioneiros de guerra de campos de concentração, Jbankóv chamava a atenção por seu aspecto exaurido e trágico.

Os *pioneiros* pararam. Desnorteados, Jbankóv marcava passo. Um menino magricela de gravata vermelha levantou a mão. Alguém desligou a radiola.

No silêncio que se instaurou, ouviu-se uma voz entrecortada de criança:

— Glória eterna aos heróis!

Depois, três vezes:

121. *A guerra sagrada* (*Sviaschiénaia voiná*, 1941), conhecida canção soviética dedicada à Grande Guerra Patriótica que assim se inicia: “Ergue-te, país imenso”. Música de Aleksandr Aleksándrov (1883–1946), compositor do hino da URSS, e letra de Vassíli Lébedev-Kumatch (1898–1949).

122. Baseada em valores comunistas, a organização dos *pioneiros* reunia crianças soviéticas de 9 a 14 anos. O símbolo principal de sua vestimenta era um lenço vermelho usado como gravata. Depois, as crianças entravam no Komsomol.

— Glória! Glória! Glória!

O assustado Jbankóv apertou a cesta de flores contra o peito.

Após uma breve pausa, ele gritou:

— Hurra!

No salão fazia um barulho inimaginável. Alguém tirava acessórios cênicos de caixas. Alguém dançava a *lezguinka*<sup>123</sup> com um iatagã cenográfico nos dentes...

Jbankóv era fotografado pelos rapazes do jornal local.

Seu rosto magenta enterrava-se em verde. Ele voltou à nossa mesa. Colocou a cesta no peitoril da janela.

Gúrtchenko soergueu a cabeça e logo a soltou de novo sobre um prato com batatas.

Eu puxei minha cadeira para perto de Jbankóv.

— Um buquê elegante — disse eu.

— Não é um buquê — disse Jbankóv amargamente —, é uma coroa fúnebre!...

E com essa palavra trágica eu me despeço do jornalismo. Basta!

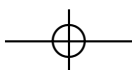
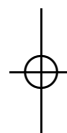
Meu primo-irmão, que tem duas condenações (uma por homicídio não premeditado), com frequência me diz:

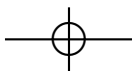
— Faça algo de útil da vida! Como não sente vergonha?

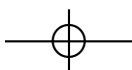
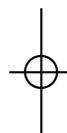
— Quem vem me dar lições de vida?!

— Eu apenas matei uma pessoa — diz meu primo — e tentei queimar o corpo. Já você!?

123. *Lezguinka*, dança de passos acelerados típica do Cáucaso.







## Posfácio

*O Compromisso* (*Kompromiss*, 1981)<sup>124</sup> é mais um capítulo da epopeia criada pelo escritor russo radicado em Nova Iorque Serguei Dovlátov (1941–1990) ao longo de seus contos e novelas (seu gênero foi a prosa curta). Escritas em forma de anedotas tragicômicas, suas obras, em sua maioria, são conduzidas por um narrador em primeira pessoa aparentemente muito parecido com seu autor. Como nota o crítico russo Ígor Sukhikh, vistos em conjunto, seus principais textos — *A zona*, 1982; *O compromisso*; *O ofício* (*Remesló*), 1985; *Parque Cultural* (*Zapovíednik*), 1983; *Os nossos* (*Náchi*), 1983, *A mala* (*Tchemodan*), 1986 —, que espelham as peripécias vividas ou testemunhadas pelo escritor em diferentes momentos de sua vida, são como que partes integradas de uma única obra, na qual há um único protagonista: seu autor-narrador, ou o “herói lírico dovlatoviano”.<sup>125</sup>

Nascido em Ufá (Basquíria), durante a Segunda Guerra Mundial, o pequeno Serioja foi para Leningrado ainda na infância, em 1944. Filho de uma atriz e revisora armênia (Nora Dovlátova) e de um diretor teatral judeu (Donat Miétchik), ele desde cedo teve contato com literatos e, em 1959, ingressou no departamento de letras finlandesas da Universidade de São Petersburgo, de onde foi expulso por mau aproveitamento nos estudos. Nessa época, nosso Omar Sharif (assim alguns amigos chamavam o escritor moreno de quase dois metros de altura) teve um caso tórrido com uma beldade da cidade, Ássia Pekuróvskaia, sua primeira esposa. Em 1962, para surpresa de todos, dos corredores da faculdade e das noites literárias rega-

124. Traduzido como *A troca* no prefácio do livro *Parque Cultural*. Tradução Yulia Mikaelyan. São Paulo: Kalinka, 2016.

125. SUKHIKH, Ígor. *Serguei Dovlátov: época, lugar e destino* (*Serguei Dovlátov: vriemia, miesto, sudbá*). São Petersburgo: *Niéstor-Istória*, 2006, p. 51.



das a vodca, Dovlátov foi direto para um *láguer* da República de Kómi, onde serviu três anos como guarda de prisioneiros escoltados, experiência explorada em *A zona*.

De volta a Leningrado, o jornalismo tornou-se seu ganha-pão, embora, sobretudo desde o serviço militar, o único ofício ambicionado por ele fosse o de escritor. Para Dovlátov, ser escritor era a única coisa que realmente importava, mas, mesmo apreciado por literatos conceituados, não conseguia ser publicado na União Soviética: parecia estar sempre na hora errada e no lugar errado. Suas incursões frustradas por diversas editoras e redações leningradenses são descritas em *O ofício*: “Tudo o que eu escrevia era aprovado no âmbito dos colaboradores das revistas ordinárias. Depois, instâncias invisíveis freavam meus manuscritos. Eu não chegava a compreender quem dirigia a literatura...”<sup>126</sup>

Em 1972, brigado com sua segunda mulher, Elena Dovlátova (com quem teve dois filhos, Ekaterina e, em Nova Iorque, Nikolai) e decepcionado com a falta de perspectivas profissionais de uma Leningrado conservadora e burocrática, Dovlátov saiu em busca de um ambiente criativo menos asfixiante em Tállin, capital da República Socialista Soviética da Estônia.

A Estônia, a última república báltica a ser anexada pela União Soviética (1940), era conhecida por ser um dos lugares menos autoritários do país, um reduto do liberalismo ocidental, e Tállin por ser uma cidade de hábitos europeus. Alguns historiadores explicam esse fenômeno como um vestígio dos vinte e poucos anos de independência estoniana: de 1918, após a queda do Império Russo, até 1940. Durante a Grande Guerra Patriótica, a república ainda foi ocupada por tropas nazistas (1941), voltando ao domínio soviético em 1944 e reconquistando sua independência em 1991. Anna Koválova e Lev Lurié,

126. DOVLÁTOV, Serguei. *O ofício*. Tradução Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan. São Paulo: Kalinka, 2017, p. 54.

autores do livro *Dovlátov*, descrevem o ambiente estoniano de então:

Na Estônia, havia mais liberdade do que em qualquer outro lugar do país. Ali, permitiam as coisas com mais facilidade e as proibiam com menos prazer. Ali, com boa vontade fechavam os olhos para a apatia política, não raro ignoravam declarações malvistas, e apenas raramente puniam erros ideológicos.<sup>127</sup>

Não por acaso a cidade de Tártu deu abrigo ao famoso grupo do historiador cultural e semiótico Iúri Lótman (1922–1993), este citado inclusive no *Ofício*, quando uma editora buscava um parecerista para a publicação do primeiro livro de Dovlátov, *Cinco esquinas* (*Piat uglóv*, depois renomeado *Contos da cidade*, *Gorodskie rasskázky*), coletânea que acabou vetada pelo KGB da Estônia (o tempo passou: em 2019, o governo de Tállin decidiu erguer uma estátua em homenagem a Dovlátov, que já possui uma em Petersburgo, além de uma rua em Nova Iorque com seu nome):

Depois de uns dias, ela me telefonou: gostaram muito. Pediriam um parecer de alguém da Universidade de Tállin.

— Seria possível pedir ao próprio Lótman?

— Em princípio, sim. Iúri Mikháilovitch escreveria um parecer com prazer. Mas não recomendo. O nome dele despertará um interesse indesejável. Vamos enviar ao docente Bezzúbov. É muito competente, especializado na obra de Leonid Andréiev. Gosta de Andréiev? (DOVLÁTOV, 2017, p. 71)

127. KOVÁLOVA, Anna; LURIÉ, Lev. *Dovlátov*. São Petersburgo: *Ámfora*, 2009, p. 176.

No começo dos anos 1970, escritores soviéticos que não eram aceitos pelos órgãos oficiais das grandes cidades ainda tinham esperanças de publicar um livro na pequena República da Estônia. Além da atmosfera mais liberal, havia poucos escritores contemporâneos russos lá, que, mesmo sem gozar dos mesmos privilégios dos estonianos, eram valorizados:

Com a língua russa, a situação é um pouco diferente. Os autores russos têm possibilidades consideravelmente reduzidas. Embora a sombra ténue dos privilégios estonianos pare sobre eles também.

Além disso, a seção de literatura russa em Tál-lin é bem pouco numerosa. Fazia três anos que não entravam novos membros na União dos Escritores local. Por isso se interessaram tanto por mim. (DOVLÁTOV, 2017, p. 72)

Dessa maneira, Dovlátov considerou a mudança para Tál-lin uma possibilidade real de ingressar oficialmente na literatura soviética: poderia lançar um livro e assim ser admitido na União de Escritores local. A filiação a uma União de Escritores, mesmo periférica, aumentava as chances de publicação no país. Eis os motivos de sua “primeira emigração”, assim Valéri Popóv<sup>128</sup> definiu a partida do amigo.

Em certo sentido, as expectativas de Dovlátov se concretizaram: em Tállin, ele logo começou a colaborar num importante jornal da república editado em russo (a língua oficial do país), o *Estônia Soviética* (*Soviétskaia Estónia*), tornando-se um nome respeitado na redação. A novela *O Compromisso* descreve justamente seu período como jornalista na imprensa soviética estoniana. O narrador, *alter ego* do escritor e com quem

128. POPÓV, Valéri. *Dovlátov*. Moscou: *Molodaia Gvárdia*, 2010, p. 205.

compartilha o nome, retrata hilariamente o laboratório de criação de reportagens “ideologicamente retificadas” e muito distantes das situações que as originaram.

### Da realidade ao real

Serguei Dovlátov passou dois anos e meio na cidade “intimista” de Tállin, de setembro de 1972 a março de 1975, onde teve oportunidade de conhecer a fundo as idiossincrasias de uma gazeta soviética. A novela é composta por 12 partes, ou *compromissos*, que desconstroem a verdade oficial estampada nas páginas dos jornais. “Nos jornais soviéticos só os erros de digitação são fidedignos”, diz um dos aforismos do escritor que aparece em *Um solo na Underwood*, primeiro volume de seus *Cadernos de anotações*.<sup>129</sup>

Os *compromissos* são iniciados por notícias de jornal (de 1973 a 1976), seguidas por seus bastidores, ou seja, pela história por trás de cada uma delas:

Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio.  
Mas se pode, através da água, divisar o fundo coberto por vidros de conservas. E, por trás dos cenários pomposos do teatro, ver a parede de tijolos, as cordas, o extintor de incêndio e os operários embriagados. Quem ao menos uma vez na vida esteve numa coxia sabe disso... (DOVLÁTOV, 2019, p. 10)

129. DOVLÁTOV, Serguei. *Cadernos de anotações. Um solo na Underwood. Um solo no IBM (Zapisnye knijki. Solo na Undervude. Solo na IBM)*. São Petersburgo: Ázbuka, 2001, p. 12.

O eixo das anedotas, que mantém a linha narrativa, é a figura do narrador, o “Serguei Dovlátov ficcional”, o autor das reportagens que se vê obrigado a assumir o compromisso de conciliar os acontecimentos hilários, absurdos e às vezes trágicos da realidade que o cercava com o espaço censurado e ideologicamente alinhado de um jornal oficial.

O enredo, como geralmente ocorre nos textos de Dovlátov, é baseado em episódios e pessoas reais. Muitas personagens, antigos colegas e amigos do escritor, não tiveram nem os nomes modificados: o editor do *Estônia Soviética* realmente se chamava Guénrikh Frántsevitch Turónok; Dmítri Kliónski trabalhava no jornal; Ivan Trul era instrutor do partido. Já na figura de Micha Chablínski é fácil reconhecer o jornalista Mikhail Roguínski, amigo do escritor desde a faculdade. A personagem de Marina, a namorada do protagonista, lembra Tamara Zibunova, engenheira física, com quem Dovlátov morou em Tállin e teve uma filha, Aleksandra. Érik Buch, por quem suspiravam todas as coroas da redação, foi baseado no jornalista Mikhail Buch. O jóquei Anatóli Ivanóv, o “êmulos do vento”, também teve um protótipo: o jóquei Víktor Ivanóv, que Dovlátov conheceu ao preparar uma matéria sobre o hipódromo. É curioso o fato de o jóquei, que quebrou uma perna e duas clavículas ao cair bêbado de um táxi, ter recebido o nome de um renomado escritor soviético, Anatóli Stepánovitch Ivanóv (1928–1999). Há quem veja no hipódromo de Dovlátov uma analogia à distribuição de ordens, títulos e condecorações aos literatos soviéticos. Aliás, o livro toca em muitos temas tabus ou em voga na época, como o alcoolismo, a corrida espacial (no quinto compromisso há inúmeras referências ao cosmo) e o antissemitismo. Talvez em nenhum outro livro de Dovlátov a situação dos judeus na União Soviética tenha sido tão discutida como em *O compromisso*. Por trás do tom cômico, amoral e despojado do narrador surge um olhar ferino que não poupa o leitor de verdades desconcertantes:

No jornalismo, cada pessoa é autorizada a fazer uma coisa. Violar um único princípio da moral socialista. Quer dizer, um sujeito pode beber. Outro ser insolente. Um terceiro contar piadas políticas. Um quarto ser judeu. Um quinto apartidário. Um sexto levar uma vida imoral. E assim por diante. Mas cada um, eu repito, só tem permissão para uma coisa. Não se pode ser judeu e ao mesmo tempo bêbado. Insolente e apartidário... (DOVLÁTOV, 2019, p. 144)

De forma análoga às personagens, o escritor usou algumas matérias e reportagens reais como base de seus *compromissos*. Por exemplo, segundo colegas do escritor entrevistados para o livro de Koválova e Lurié, no jornal realmente saiu uma carta endereçada a Bréjnev escrita por uma ordenhadora, porém, a reportagem não fora feita por Dovlátov (que trabalhava na seção de notícias), mas por um colega da seção de agricultura (KOVÁLOVA, p. 190). No mesmo livro, Ivan Trul afirmou que no *Estônia Soviética* existira por algum tempo uma coluna chamada “Bê-á-bá estoniano”, em que eram publicados poemas infantis de Dovlátov, mas notou que a conversa entre os dois nunca acontecera e que a coluna fora fechada por outras razões (KOVÁLOVA, p. 214).

Está claro que o caráter autobiográfico da prosa de Dovlátov é construído, simulado, são *pseudomemórias*. Sua obra é essencialmente ficcional, e as pessoas, os acontecimentos e os lugares servem para criar o pano de fundo, este sim verdadeiro: as contradições de viver na União Soviética e da vida em si mesma. Tudo em seus livros, incluindo o próprio escritor, são peças de seu universo artístico. Dovlátov manipulava os componentes da realidade que o cercava, misturava elementos reais e inventados, tornando-os propositadamente reconhecí-

veis para depois desconstruí-los, contradizê-los, reafirmá-los, mitificá-los.

Mikhail Roguínski, por exemplo, afirma que a mudança de Dovlátov para a capital estoniana não foi um ato tão espontâneo como descrito na novela e que o escritor “chegou a Tállin sozinho e de trem”, e não de carona com o sinistro Grichánia (KOVALOVA, p. 180). Dovlátov não só transforma a realidade cotidiana como bem entende como dá versões diferentes a um mesmo episódio, o que não interfere na discussão das grandes questões (políticas, sociais e mesmo filosóficas) levantadas pela obra. Em *O ofício* (p. 69), assim ele descreve sua partida de Leningrado: “Saímos por volta de uma da tarde. Vinte e seis rublos no bolso, credenciais de jornalista, uma caneta-tinteiro. Na pasta, uma muda de roupa de baixo”. Já em *O compromisso* (p. 140), o autor-narrador tinha acabado de sair de uma festa e contava com dezesseis rublos: “Demos um pulo numa venda. Garrafas alargavam nossos bolsos. Eu vestia uma camisa de verão e tênis. Nem sequer carregava o passaporte”.

Contradições podem também ocorrer numa mesma obra. No oitavo compromisso, o fotógrafo Jbankóv conta às suas anfitriãs a história da troca de corpos no enterro de Ilves. No décimo primeiro compromisso, que descreve o enterro em si, Jbankóv nem aparece, e é Bykovier quem descobre a trapalhada. Isso poderia ser explicado pelo fato de as histórias de Dovlátov terem antes sido publicadas separadamente, mas a decisão de não adaptá-las, ao reuni-las, é um ato artístico. Os “deslizes” do escritor não são acidentais, mas são usados para acentuar o caráter ficcional da novela, para criar unidade entre histórias aparentemente sem ligação, como ainda será visto, ou para sublinhar uma ideia.

Como não é de admirar, nem todos os conhecidos do escritor gostaram de ser retratados comicamente em seus textos. O jornalista Dmíttri Kliónski, referindo-se à personagem que leva seu nome, diz que no livro “não há sequer uma palavra de

verdade sobre ele” e que não tinha contato regular com Serguei Dovlátov, pois, na época, não passava de um jornalista principiante, enquanto Dovlátov já era um dos “corifeus” da redação (KOVÁLOVA, p. 199). Na mesma entrevista, Kliónski mostrou-se indignado com a forma grotesca e irônica em que o editor Turónok fora descrito, acusando Dovlátov de ingratidão, visto que aquele o apreciava muito (KOVÁLOVA, p. 202). Não poucos tacharam o escritor de cruel... Na composição de suas personagens, ele podia usar apenas uma característica de seu modelo, exagerando-a até torná-lo uma caricatura. “Serguei estava em busca constante por um enredo. Para ele, quase não havia vida ordinária, tentava imediatamente transpor tudo para o plano de literatura”, observou Tamara Zibunova (KOVÁLOVA, p. 206).

### Dovlátov e a literatura russa

Certamente, a realidade imediata era apenas um pretexto para Serguei Dovlátov compor suas criações. O ar despretenso do narrador, como o de um contador de histórias, pode enganar a um leitor desavisado, mas figuras literárias memoráveis saíram da pena do escritor. Duas personagens de *O compromisso* merecem atenção: os impagáveis Mikhail Jbankóv e Érik Buch.

A personagem do fotógrafo Mikhail Jbankóv, que, pelo visto, não possui protótipo real, acompanha o autor-narrador em duas viagens de trabalho: a primeira para Paide, quando foram conhecer a vaca recordista, e a segunda para Tártu, quando foram cobrir o encontro anual de ex-prisioneiros de guerra em campos de concentração nazistas. Em seu desleixo existencial, Jbankóv lembra Mikhal Iványtch ou o fotógrafo Valera Márkov de *Parque Cultural*, livro em que se descrevem as agruras do narrador como guia turístico no parque-museu Mikháilovskoie-Trigórskoie (Pskóv), dedicado ao poeta Aleksandr Púchkin, onde Dovlátov ficou de 1976 a 1977, pouco de-



pois de voltar de Tállin e pouco antes de emigrar, em 1978 (morando em Nova Iorque desde 1979, finalmente publicou seus livros, doze ao todo, e tornou-se um escritor prestigiado). Jbankóv, representando a figura tragicômica do alcoólatra russo, é uma das personagens mais lúcidas do enredo. “E você é feliz?”, pergunta-lhe o narrador:

— Eu? Eu colocaria a corda no pescoço agora mesmo! Tenho medo da dor do último momento. Se fosse possível adormecer e já não despertar...

— Mas o que fazer?

— De repente a dor é tão grande que não dá para suportar...

— Mas o que fazer?

— Não pensar. Beber vodca.

Jbankóv tirou uma garrafa.

— Parece que vou matar a sede — disse eu.

— E como! — Jbankóv deu uma piscadela.

— Direto do gargalo?

— Mas ali tem um copo.

— O prazer não é o mesmo. (DOVLÁTOV, 2019, p. 125)

Para Jbankóv, a bebida era um meio de escapar à tragicidade da vida. Essa capacidade do álcool, de harmonizar um mundo de notas dissonantes (para usar da nomenclatura musical, tão presente no livro), define um *leitmotiv* da prosa de Dowlátov. Tanto as personagens como o narrador são consumidos e confortados pela vodca: “Infelizmente, revelei grande predisposição para a bebida. Por um tempo, ela me reconciliava com a realidade”, confessa o autor em *O ofício* (p. 57). O poder sublimador do álcool, ou a passagem etílica para outras esferas da realidade, é um dos motivos que levou alguns

críticos a compararem a obra de Serguei Dovlátov com a de Venedikt Eroféiev (1938–1991), autor do cultuado “poema em prosa” *Moscou-Petuchki* (1969).

Mas Serguei Dovlátov não deve ser lido apenas ao lado de seus contemporâneos. Em sua criação existe um profundo diálogo com autores russos do século 19, dos quais ele apreciava especialmente Anton Tchékhov, com quem pode ser comparado pelo tom de anedota da primeira fase tchekhoviana e pela sensação claustrofóbica, de beco sem saída, da segunda — sem contar, naturalmente, a concisão e o humor, procedimento que Dovlátov empregava com precisão cirúrgica. Há inclusive na novela uma pequena citação ao conto *Enfermaria nº 6*, escrito por Tchékhov em 1892. No conto, um médico de uma cidadezinha passa a fazer visitas frequentes a um pavilhão de loucos, atraído pela inteligência de um dos pacientes, Ivan Dmítrich. A proximidade entre Ivan e o doutor Andrei Efímitch faz com que este seja declarado insano, sendo no fim internado na enfermaria nº 6 ao lado de seus consulentes. No quinto compromisso, Dovlátov se vê às voltas de mais uma incumbência disparatada de seu editor: para comemorar o Dia da Libertação da Estônia, precisa ir à maternidade esperar pelo nascimento do quadringentésimo milésimo habitante da cidade. Após recusar dois bebês, indesejáveis ao jornal (o primeiro pelo pai vir da Etiópia e a segundo pelo pai ser judeu), Dovlátov finalmente consegue para sua reportagem uma criança “dentro das normas”, cujo pai era um homem alcoólatra e frustrado, mas russo:

— Kúzina, da enfermaria nº 6, deu à luz. Aqui estão os dados. Ela é estoniana, motorista de carrinhos de carga. O marido, um torneiro da fábrica de navios, é russo, membro do partido. O bebê está dentro das normas. (DOVLÁTOV, 2019, p. 51)

Outro louco lúcido do enredo é Érik Buch, um belo jornalista de trinta e poucos anos, cobiçado pelas mulheres de meia-idade do jornal, que parece ter nascido em outra época. De acordo com Roguński, Mikhail Buch, o modelo de Érik, era de fato mulherengo, vivia em apuros na redação e não conseguia emprego fixo, pois era descuidado ao checar as fontes de suas matérias (como se deu com a entrevista do capitão de um navio mercante alemão, Paul Rudi, na verdade um estoniano foragido), mas a personagem do jornalista tem outras camadas de significado. Como um Quixote soviético, a figura ambivalente de Buch (“Nele a insubmissão convivía pacificamente com a ausência de princípios”) tem uma espécie de nobreza, na sua luta solitária contra as arbitrariedades do mundo e na relação com Dovlátov:

Buch refletiu um segundo, como se estivesse tomando uma decisão difícil.

— Quer casar com Galina? — disse ele. —  
Eu cedo Galina a você, meu amigo. Ela pode pintar flores para vender. E daqui a uma semana vai nascer uma ninhada de siameses. Case, não vai se arrepender! (DOVLÁTOV, 2019, p. 180)

Érik Buch, assim como Jbankóv, não deixa de ser uma atualização do *homem pequeno* (*málenkii tcheloviek*), tipo consagrado na literatura russa por personagens como Akáki Akákievitch (*O capote*, Gógol, 1842), um funcionário insignificante de uma repartição que tem um ímpeto de vida quando se vê obrigado a encomendar um novo capote e, depois de morto, passa a assombrar os habitantes de São Petersburgo. Essas vidas ordinárias, anônimas e decaídas povoaram as páginas da literatura russa do século 19, perdendo espaço durante o realismo socialista, mas o reconquistando nos anos 1960 e 1970, quando escritores não oficiais se voltaram para esferas marginalizadas da

sociedade soviética (como também o fez, por exemplo, Liudmila Petruchévskaja, já conhecida do público brasileiro). Após desperdiçar sua última chance de ter um cargo efetivo no jornal, Buch sai vagando, ébrio e degradado, pelas ruas estonianas, tornando-se um ponto indefinido no espaço. Em sua indolência e delírio (“(...) passava dias inteiros metido num penhoar verde que Galina havia costurado da cortina da janela. Ele preparava o discurso que pronunciaria ao ser agraciado com o Nobel (...)”), Buch também tem um quê de Oblómov, de um *homem supérfluo* (*líchnii tcheloviék*), que, em desacordo com a realidade e pleno de ideais, é incapaz de realizar-se.

Referindo-se a alguns personagens de Dovlátov, Ígor Sukhikh (2006, p. 109) propõe inverter a fórmula gogoliana do “riso entre lágrimas”. De fato, no caso de Jbankóv e de Buch, em alguns momentos brotam “lágrimas entre risos”. Revela-se o dom de Dovlátov de unir o cômico e o dramático, o triste e o alegre, o patético e o genial. Assim como o Ivan Dmítrich de *Enfermaria nº 6*, Jbankóv e Buch eram homens de talento: o primeiro, munido de uma antiga máquina soviética de nove rublos, era um excelente fotógrafo e o segundo destacava-se visivelmente em meio à mediocridade dos jornalistas locais.

Em todo caso, a citação mais flagrante do enredo certamente envolve Fiódor Dostoiévski. Como notou Galina Dobrozrákova,<sup>130</sup> no décimo primeiro compromisso, em que são narrados os quiproquós ocorridos durante o enterro de Hubert Ilves, o diretor do estúdio de televisão, foi delineado um claro diálogo paródico com *Bobók*, que Dovlátov considerava o melhor conto de todos os tempos, por nele sobressair a “natureza ambivalente do riso de Dostoiévski” (DOBROZRÁKOVA, p. 1). No gogoliano *Bobók*, publicado em 1873 na coluna *Diário de*

130. DOBROZRÁKOVA, Galina. *Dostoiévski na consciência artística de S. Dovlátov* (*Dostoiévski v khudójestvennom soznánii S. Dovlátova*). *Viéstnik SamGU*, nº4 (85), 2011.

um escritor (revista *O cidadão*), um escrevinhador escuta vozes do além num cemitério, vozes das procedências mais distintas que, igualadas na morte, têm o mesmo direito de existir.

Mesmo antes de o narrador de *O compromisso* ouvir uma “voz distante”, vinda de dentro da sepultura — “No que estou pensando, do lado de cá da cova? Nos mistérios da alma humana. Na superação da morte e dos pesares do espírito. Nas leis da existência que nasceram há milênios e que continuarão vivas até o sol deixar de brilhar...” (p. 209) —, a narrativa vai demarcando aproximações com o pequeno conto fantástico de Dostoiévski (DOBROZRÁKOVA, p. 3). Em *Bobók*, o narrador em primeira pessoa, também um bêbado russo (“Ivan Ivánovitch, diz, por favor, vou encontrar-te sóbrio algum dia?”)<sup>131</sup> e também um literato frustrado (“Escrevi uma novela — recusaram. Escrevi um folhetim — recusaram”), vai a um enterro de um parente distante, mas um “conselheiro do colegiado”. Depois de passar por um restaurante e de tomar uns goles, senta ao lado de uma lápide e vê um sanduíche largado: “fato estúpido e inoportuno”. Já os três incorrigíveis amigos, Dovlátov, Bykovier e Altmäe, unidos pela vodca, levam o defunto de Ilves para o cemitério espremidos numa carroceria de metal, onde bebem e comem sanduíches, colocados sobre a tampa do caixão. No cemitério de *Bobók*, o narrador se queixa do peso do defunto:

Depois, ajudei, com minhas próprias mãos, a carregar o caixão da igreja até a sepultura. Por que será que os mortos no caixão ficam tão pesados? Dizem que, devido a algum tipo de inércia, é como se o corpo já não se controlasse sozinho... ou qualquer outro absurdo do gênero, o que contradiz a mecânica e o bom senso. (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 21)

131. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Bobók & Meia carta “de um sujeito”*. Tradução Daniela e Moissei Mountian. Coleção Mir. São Paulo: Kalinka, 2018, p. 9.

Em *Compromisso*, Fima Bykovier, judeu semilouco e genial, por pouco não deixa o caixão cair: “Como é pesado, para-sita...”. Ao andar pelo cemitério, Ivan Ivánovitch espia dentro das sepulturas e diz: “havia água lá, e que espécie de água!”. Dovlátov, aproximando-se da cova para fazer o discurso de que fora encarregado, menciona: “Ali dentro havia água parada (...).”

Falar de *Bobók* é quase sinônimo de falar de Mikhail Bakhtin (1895–1975), crítico que consagrou<sup>132</sup> o conto como um modelo da sátira menipeia, estilo que, segundo ele, teria dado origem à literatura carnavalizada, à qual Dostoiévski estaria filiado, culminando em sua tão discutida polifonia, ou a “multiplicidade de consciências, plenamente qualificadas, cada uma com seu mundo e seu pensamento por trás”<sup>133</sup>.

Na relação entre Dovlátov e *Bobók*, Galina Dobrozhákova (p. 2) vai mais longe: considera bem provável que Dovlátov, atento a críticos e estudos literários, tivesse tido contato com essa interpretação de Bakhtin, e que ambos, a obra e seu interpretador, tenham servido de fonte para a composição da novela.

Sem entrar em detalhes, lembremos apenas que na carnavaização (a transposição da festa para a literatura) descrita por Bakhtin reina a temporalidade do extraordinário, de um estado de exceção, cheio do grotesco e da bufonaria. Aqui os gêneros, os tons e os estilos podem conviver sem barreiras, todas as regras e as leis habituais perdem validade, e todas as vozes têm expressão livre: “O carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, etc.” (BAKHTIN, 2005, p. 123). Nesse mundo de ponta-cabeça, elimina-se a distância

132. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

133. BERNARDINI, Aurora Fornoni. *Aulas de literatura russa: de Púchkin a Gorenstein*. São Paulo: Kalinka, 2018, p. 124.

entre os homens, anulam-se as hierarquias, invertem-se os papéis, reúnem-se o riso e a morte.

Essa ambivalência está presente no andar rocambolesco do enterro de Ilves, em que o profano e o sagrado são continuamente misturados. E a paródia fica demarcada no fim: enquanto, em *Bobók*, Ivan Ivánovitch escuta risos e zombarias dos mortos, Dowlátov ouve um discurso lúcido e triste, mas ambos fazem, via riso e via fantástico, com o que o leitor experimente uma verdade, usando de outro conceito de Bakhtin, como nota também Galina Dobrozhákova (p. 4).

Se existe nesse episódio da novela uma conversa particular com *Bobók*, há um elemento carnavalesco que transpassa todos os *compromissos* e basicamente todos os livros de Dowlátov: a sensação de caos, de uma situação em crise, de um mundo virado às avessas. “Porque o pior não é o pesadelo e a sensação de beco sem saída. O mais terrível é o caos...”, diz Alikhánov, o narrador de *Parque Cultural* (p. 87). Paulo Bezerra, em ensaio sobre *Bobók*, escreve sobre a sátira menipeia:

O caos que toma conta do mundo representa um questionamento do *status quo*, o presente está em processo de formação e o passado não serve mais como modelo. O riso aproxima e dá o tom a tudo, sua ambivalência vislumbra uma nova perspectiva de construção do universo, assumindo, em casos particulares, conotações utópicas. O riso familiariza tudo e não deixa mais lugar para a imagem elevada do passado absoluto, todo o espaço da representação se constitui numa zona de contato familiar entre o mais sagrado e o mais profano, o mais alto e o mais baixo (...)<sup>134</sup>

134. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Dostoiévski: “Bobók”*. Tradução e análise do conto Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, p. 110.

Por trás da narração descontraída de Dóvlatov, do tom cômico, confessional e amigo que não se presta a dar sermões, surge um autor em busca por harmonia. Numa entrevista dada a John Glad, Dóvlatov discorre sobre o caos, que, enquanto cosmóvisão, é um elemento inseparável da literatura russa:

Eu tento despertar no leitor a sensação de normalidade... Um dos sentimentos mais sérios ligados ao nosso tempo é a sensação do absurdo iminente, quando a loucura se converte num fenômeno mais ou menos normal... Isso significa que o absurdo e a loucura se transformam em algo completamente natural, e a norma, quer dizer, uma conduta normal, natural, generosa, tranquila, discreta, educada se torna, cada vez mais, um acontecimento fora do comum... Despertar no leitor a sensação de que isso é normal, talvez eu não me coloque de caso pensado diante dessa tarefa, mas é o meu tema, um tema que eu não inventei e ao qual não sou o único a dedicar algum tempo e esforço. Se palavras bonitas e, em geral, corretas e justas são necessárias, isso é uma tentativa de harmonização do mundo.<sup>135</sup>

Em 2015, durante a abertura do Festival Serguei Dóvlatov (Pskóv), o crítico e escritor russo Víktor Eroféiev destaca essa natureza harmonizadora, cheia de humor e ironia, numa entrevista sobre o homenageado (Dóvlatov teve um infarto fulminante antes dos 50 anos, em Nova Iorque, quando começava a se tornar conhecido na Rússia e, desde então, quase trinta anos após sua morte, vem ganhando admiradores):

135. SUKHIKH, Ígor. *Literatura russa para todos (Rússkaia literatura dlia vsekh)*, tomo 3. Petersburgo: Lenizdat, 2013, p. 696.



As pessoas precisam de uma referência moral da época em que vivemos. É difícil encontrar isso, e nesse ponto Dovlátov ajuda muito... Dovlátov achou para si uma posição muito equilibrada: um observador um tanto cruel e, ao mesmo tempo, irônico e espirituoso. Como Tchékhov, ele tinha a capacidade magnífica de misturar o importante e o insignificante (...).<sup>136</sup>

### Dovlátov versus Dovlátov

Ainda no enterro de Ilves, no décimo primeiro compromisso, Galina Dobrozhákova (pág. 3) chama a atenção para outro componente da carnavalização: a troca incessante de papéis, a inversão de valores. Dovlátov foi ao enterro no lugar de Chablínski e vestido com um terno do colega (e também o substituiu na relação com Marina); Bykovier fora mandado a um *láguer* por sua voz ter sido confundida com a de Stálin; e, a apoteose, o corpo de Ilves foi trocado pelo de um contador do *kolkhoz* de pescadores: o alto funcionário foi enterrado num cemitério como um homem comum e o simples contador recebeu as honras de um homem da nomenclatura, num cemitério apenas para privilegiados. Essa troca de papéis, além de ser o mote da novela (notícias que não são o que aparentam ser), é aplicada — com detalhes que o leitor se divertirá ao descobrir — em outros momentos do enredo, delineando uma espécie de unidade entre as histórias, unidade salientada ainda por elementos ou cenas recorrentes, como, por exemplo, o uso do algarismo 4 (o quadringentésimo milésimo habitante da cidade nasceu no hospital nº 4; a cientista em busca de conselhos sobre sexo corria a prova dos 400 metros; o telefone de Buch era 4-0-0-11; Jbankóv usava o filme *Mikrat nº 4*; etc.). No entanto, talvez a utilização mais interessante da alternância de papéis,

136. Entrevista disponível em < <https://bit.ly/2EzGxIj> >.

do (des)maskamento, da produção de *duplos*, seja a do narrador, que muda de lugar consigo próprio (o que o autor inclusive aplica em outras obras).

A paródia carnavalesca está inevitavelmente embebida do elemento cômico, mas ele não é usado apenas para negar e deformar, mas para renovar. Um desdobramento dessa ideia seria a criação de personagens que são negadas e afirmadas por outras, pelos seus duplos. Essa característica é notada por Bakhtin no conjunto da obra de Dostoiévski — Raskólnikov, por exemplo, é negado e reiterado por Svidrigáilov, Lújin, Stravóguin, Ivan Karamázov e até pelo diabo. São personagens que se desdobram em si mesmas por meio de um processo de construção complementar ambivalente. É como se Raskólnikov morresse em cada uma delas para afirmar sua presença, num estranho jogo de espelhos.

No sexto compromisso, Lida Agápova, procurando uma “pessoa interessante” para entrevistar em seu programa de rádio, lembrou-se de Alikhánov:

Outro dia uma colega jornalista havia aparecido na rádio com um filólogo... Ou talvez fosse tradutor. Ele disse que tinha sido guarda de prisioneiros escoltados... Contava coisas horríveis... O sobrenome dele não era russo, Alikhánov. Outra pessoa interessante, sem sombra de dúvida... (DOVLÁTOV, 2019, p. 68)

Boris Alikhánov é o autor-narrador de duas novelas, *Parque Cultural* e *A zona*, mas é sobretudo a segunda que é aqui recuperada (o escritor às vezes dava seu próprio nome aos narradores, às vezes não, mas todos são propositadamente aproximados de sua figura real, inclusive fisicamente). Se Dovlátov é por vezes considerado impiedoso pela forma em que transformou seus amigos em personagens, nada se compara com o

tratamento que ele podia dar ao seu eu ficcional. Em *O compromisso* ele fez uma caricatura cruel de Alikhánov: a personagem, de testa pequena, queixo frouxo e um “quê de falso napolitano no olhar” (o escritor costumava se descrever assim), era alcoólatra, vivia na imundície, mal conseguia terminar uma frase (“desmanchou-se num discurso inábil e sem sentido que não pôde acabar”) e estava tão emocionalmente exaurido que destruiu todos os méritos de sua experiência num *láguer*:

— Liuba — disse ele.

— Lida.

— Lida! — Alikhánov quase gritava. — Vou pegar agora seis rublos. Tenho vizinhos humanos. Vamos comprar meia garrafa de vodca e uma de vinho seco. Não estou concatenando as ideias.

— Não bebo. O senhor se considera um homem corajoso?

— Não sei. Antes eu conseguia tomar dois litros. Agora bastam setecentos gramas para eu ficar tonto... É a idade... (DOVLÁTOV, 2019, p. 71)

Mesmo a cicatriz de Alikhánov que faz referência à novela *A zona* — em que ficamos sabendo que o narrador fora ferido por um dos presos — aqui foi transformada num furúnculo. Mas a ideia principal de *A zona* não se perde: as fronteiras pouco claras entre os guardas e os prisioneiros, entre a prisão e a liberdade:

— O senhor não compreendeu. Preciso de um homem original, de uma personalidade interessante. O senhor é filólogo, um indivíduo que sente as coisas com delicadeza. E antes era um

guarda num campo de prisioneiros. Corria riscos todo santo dia. A delicadeza da alma frequentemente vem acompanhada pela rudeza física.

— Quando é que eu fui rude com a senhora?

— Não comigo. O senhor vigiava os presos...

— Vigíavamos principalmente a nós mesmos. (DOVLÁTOV, 2019, p. 71)

De volta ao décimo primeiro compromisso, enquanto levava o corpo de Ilves para o cemitério, o narrador, Serguei Dowlátov, recorda-se de seu tempo de guarda de um campo de prisioneiros, trocando de lugar consigo próprio outra vez, e, para completar, antes de seu discurso, ele é apresentado como Dolmátov, nome do narrador da novela *Filial* (1987):

— As palavras de despedida são de...

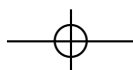
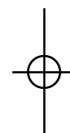
Claro que ele mutilou meu sobrenome:

— As palavras de despedida são do camarada Dolmátov.

Quantos homens já não fui nesta vida? Dowládov, Zaplátov... (DOVLÁTOV, 2019, p. 208)

Com o duplo do duplo, o sósia do sósia, o narrador Serguei Dowlátov, também relacionado com o autor, também relacionado com o escritor, morre dostoiévskianamente em si mesmo e nos mostra que a coisa mais verdadeira do livro é sua arte.

*Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan*



## COLABORADORES

DANIELA MOUNTIAN é tradutora, designer e criadora da Kalinka, dedicada à cultura russa. Fez pela USP graduação em história, mestrado sobre Fiódor Sologub e doutorado-sanduíche sobre Daniil Kharms, com estágio de um ano na Casa de Púchkin, em São Petersburgo. Atualmente é pós-doutoranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), com apoio da FAPESP. Foi indicada ao prêmio Jabuti pela tradução de *Os sonhos teus vão acabar contigo*, de Daniil Kharms (Kalinka, 2013, com Aurora Bernardini e Moissei Mountian). Traduziu com seu pai, Moissei, o conto “Luz e sombras”, de Sologub, para a *Nova antologia do conto russo* (Editora 34, 2011), e “Ivan Fiódorovitch Chponka e sua titia”, de Nikolai Gógol, para a *Antologia do humor russo* (Editora 34, 2018); e os livros *Diário de um escritor (1873): Meia carta de um sujeito*, de Fiódor Dostoiévski (Hedra, 2016), e *A ressurreição do lariço (Contos de Kolimá 5)*, de Varlam Chalámov (Editora 34, 2016).

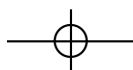
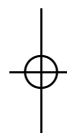
YULIA MIKAELIAN nasceu em Moscou. Fez graduação em Letras na Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov e doutorado sobre Serguei Dovlátov no Programa em Literatura e Cultura Russa da Universidade de São Paulo. É professora da Universidade MGIMO de Moscou. Entre 2012 e 2014, ministrou aulas de língua russa na Universidade de São Paulo. Cotraduziu com Mário Ramos os contos “Um dia humano”, de A. Aviértchenko, “Cartas de Tula”, de B. Pasternak, “Na rua e em casa”, de S. Dovlátov, para a *Nova antologia do conto russo (1792–1998)* (Editora 34, 2011). Traduziu o ensaio “Quem deve aprender a escrever com quem, as crianças camponesas conosco ou nós com as crianças camponesas?”, de L. Tolstói, para a *Antologia do pensamento crítico russo* (Editora 34, 2013); os contos “A janela” e “Discurso de jubileu”, de Víktor Goliávkín, e “O coronel diz que eu a amo”, de Dovlátov, para a *Antologia do humor russo* (Editora 34, 2018); e do mesmo autor o livro *Parque Cultural* (Kalinka, 2016). Em par-

ceria com Daniela Mountian, verteu ainda *O ofício*, também de Dovlátov (Kalinka, 2017).

IRINEU FRANCO PERPETUO é jornalista, tradutor e crítico de música. Autor, entre outros, de *História concisa da música clássica brasileira* (Alameda editorial, 2018). Entre suas traduções, consta *Vida e Destino*, de Vassili Grossman (Ed. Alfaguara, 2014, Prêmio Jabuti de Tradução).

MOISSEI MOUNTIAN, nascido na Moldávia (URSS), é tradutor e parte do conselho editorial da Kalinka. Entre suas traduções, consta *O diabo mesquinho*, de Fiódor Sologub (Kalinka, 2008, Finalista Jabuti de Tradução).

PAULO HENRIQUE POMPERMAIER é graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e graduando em Letras pela USP. Como repórter atuou na Revista *CULT* e atualmente é editor-assistente da Hedra.





Catálogo da editora Kalinka

O Diabo Mesquinho

FIÓDOR SOLOGUB

Encontros com Liz e outras histórias

LEONID DOBÝTCHIN

“Os sonhos teus vão acabar contigo”: prosa, poesia, teatro

DANIIL KHARMS

Luminescência: antologia poética

VIATCHESLÁV KUPRIYÁNOV

Luminescência: desdobramentos

VIATCHESLÁV KUPRIYÁNOV

Poesia russa: seleta bilíngue

Tarakã, o bigodudo (Ars et Vita e Kalinka)

KORNEI TCHUKÓVSKI

Parque Cultural

SERGUEI DOVLÁTOV

Salmo

FRIEDRICH GORENSTEIN

O ofício

SERGUEI DOVLÁTOV

O elefante (Coleção Mir)

ALEKSANDR KUPRIN

A velha (Coleção Mir)

DANIIL KHARMS

Bobók & ‘Meia carta’ de sujeito (Coleção Mir)

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Aulas de literatura russa: de Púchkin a Gorenstein

AURORA FORNONI BERNARDINI

O compromisso

SERGUEI DOVLÁTOV

KOMPROMISS

Copyright © 1981, Sergei Dovlatov

All rights reserved

Copyright © Kalinka, 2019

Tradução © Daniela Mountian, Yulia Mikaelyan, 2019

Posfácio © Daniela Mountian, Yulia Mikaelyan, 2019

primeira edição, 2019

Essa publicação está de acordo com a reforma ortográfica.

A versão se baseou no livro *Serguei Dowlátov, sobrânie sotchiniéni* (São Petersburgo, Ázbuka, 2010).

A imagem que precede o posfácio é baseada em autocharge do autor.

TÍTULO	O compromisso
AUTOR	Serguei Dowlátov
TRADUÇÃO do RUSSO	Daniela Mountian
TRADUÇÃO do RUSSO	Yulia Mikaelyan
COTEJO	Moissei Mountian
REVISÃO	Paulo Henrique Pompermaier
CAPA	Daniela Mountian
PROJETO GRÁFICO	Kalinka
PRODUÇÃO EXECUTIVA	Hedra
EDIÇÃO	Kalinka
EDITOR-ASSISTENTE	Paulo Henrique Pompermaier
FORMATO	14 x 21 cm
NÚMERO de PÁGINAS	252
ISBN	978-85-61096-19-9

Compromisso  
Компромисс

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dovlátov, Serguei, 1941-1990.  
O compromisso / Serguei Dovlátov ; tradução  
do russo Daniela Mountian , Yulia Mikaelyan. --  
São Paulo : Kalinka, 2019.

Título original: Kompromiss.

1. Ficção russa I. Título.

19-23092

CDD-891.7

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura russa 891.7

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

EDIÇÃO: EDITORA KALINKA

Rua Imaculada Conceição, 41 cj. 03

01226-020 São Paulo-SP Tel.11 2579-6290

[www.kalinka.com.br](http://www.kalinka.com.br)

PRODUÇÃO EXECUTIVA: EDITORA HEDRA

Rua Fradique Coutinho, 1139 Vila Madalena

05416-011 São Paulo-SP Tel.11 3097-8304

[www.hedra.com.br](http://www.hedra.com.br)



Este livro foi impresso pela primeira vez em abril de 2019 em papel  
Pólen Soft 80g. Tipologia: Adobe Devanagari.

